



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**NOVOS ENVELHECIMENTOS:
UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES E REARRANJOS DA
MODERNIDADE NA CIDADE DE GOIÂNIA.**



**Aluna: Ana Júlia Rodrigues do Nascimento
Orientador: Prof. Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabêlo**



**Goiânia
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**NOVOS ENVELHECIMENTOS:
UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES E REARRANJOS DA
MODERNIDADE NA CIDADE DE GOIÂNIA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Aluna: Ana Júlia Rodrigues do Nascimento
Orientador: Prof. Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabêlo**

**Goiânia
2008**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Rodrigues do Nascimento, Ana Júlia

Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia [manuscrito] / Ana Júlia Rodrigues do Nascimento. - 2008.

XV, 160 f.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabêlo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS) , Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2008.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Envelhecimento, modernidade, sociabilidade, globalização.. 2. Ageing process, modernity, sociability, globalization.. I. Chagas Evangelista Rabêlo, Francisco , orient. II. Título.

ANA JÚLIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

NOVOS ENVELHECIMENTOS:
UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES E REARRANJOS DA
MODERNIDADE NA CIDADE DE GOIÂNIA.

Dissertação defendida e aprovada em 22 de agosto de 2008, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabêlo
Presidente (UFG)

Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros
Examinador (UCB / UnB)

Prof^a. Dra. Marta Rovey de Souza
Examinadora (UFG)

Prof^a. Dra. Dalva Maria B. de L. Dias de Souza
Suplente (UFG)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

ANA JÚLIA RODRIGUES NASCIMENTO

Aos vinte e dois dias do mês de agosto de 2008, às 14 horas, na sala 29 da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado da mestranda **ANA JÚLIA RODRIGUES NASCIMENTO**, intitulada *Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia*. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 033/2008-FCHF, de 20 de agosto de 2008, pelos seguintes Professores Doutores: Francisco Chagas Evangelista Rabelo (Presidente/UFG), Vicente de Paula Faleiros (UnB) e Marta Roverly de Souza (UFG) – Suplente: Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza (Suplente/UFG). A candidata apresentou o trabalho, os examinadores o argüiram e ela respondeu as argüições. Às 16:45 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, pela qual foram atribuídos à mestranda os seguintes resultados:

Aprovado(a) Reprovado(a)

Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabelo

Francisco Ch. Rabelo

Aprovado(a) Reprovado(a)

Dr. Vicente de Paula Faleiros

Vicente de Paula Faleiros

Aprovado(a) Reprovado(a)

Dr.ª Marta Roverly de Souza

Marta Roverly de Souza

Resultado Final

Aprovado

Reaberta a sessão pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Francisco Chagas Evangelista Rabelo, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos membros da Banca Examinadora.

Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabelo

Francisco Ch. Rabelo

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

| | | | |
|--|--|------------------------------|-------|
| Autor (a): | Ana Júlia Rodrigues do Nascimento | | |
| E-mail: | anajuliaufg@gmail.com | | |
| Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? | <input checked="" type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não | |
| Vínculo empregatício do autor | | | |
| Agência de fomento: | CAPES | Sigla: | CAPES |
| País: | Brasil | UF: | CNPJ: |
| Título: | Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia. | | |
| Palavras-chave: | Envelhecimento, modernidade, sociabilidade, globalização. | | |
| Título em outra língua: | New ageing population process: a study on the changes and rearrangements modernity in the city of Goiânia. | | |
| Palavras-chave em outra língua: | Ageing process, modernity, sociability, globalization | | |
| Área de concentração: | Sociedade e Região | | |
| Data defesa: (dd/mm/aaaa) | 22/08/2008 | | |
| Programa de Pós-Graduação: | Sociologia | | |
| Orientador (a): | Francisco Chagas Evangelista Rabêlo | | |
| E-mail: | cahgasrabelo@uol.com.br | | |

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Ana Júlia R. Nascimento
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 17 / 05 / 16

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Dedico este trabalho a meus pais por tudo o que foram, são e serão.

Agradecimentos

Agradeço a **Deus** por tamanhas conquistas num mundo com tamanhas desigualdades. Pela mamãe e o papai num mundo de tantos órfãos, pela bolsa da CAPES em meio a tanta fome e desemprego, pelo acesso à Universidade pública num momento onde a Educação é fator de alguns privilegiados, e aqui estou entre estes poucos. Pela vida rodeada de amigos especiais, por conhecer as Ciências Sociais ainda aos 17 anos de idade, por me apaixonar por suas premissas e conclusões, e pela última década dentro da Sociologia, instigando-me a pensar nos problemas sociais e torná-los estudos científicos, dotados de teoria e método.

A todos e todas que colaboraram de alguma forma para tornar este trabalho viável. Nasceu uma dissertação de mestrado!

Aos amados e queridos pais, **Lenir** e **Carlos**, agradeço pelo carinho e apoio, também pelas mamadeiras vitaminadas, as papinhas, o bifinho, o iogurte que nunca deixaram faltar à mesa, propiciando condições pra que eu encarasse o mundo. Sou feliz por ter como genitores pessoas tão maravilhosas, que souberam driblar os desafios da vida e hoje têm uma família belíssima: meus irmãos **Gláucia** e **Jorge**, meus sobrinhos ainda bebês, **Camilla** e **Paulo Henrique**, e o cunhado **Nilo**. Pessoas queridas, que amo incondicionalmente!

Ao Conselho de Aperfeiçoamento em Pesquisa (CAPES), pelos 24 meses de bolsa, sem a qual ficaria mais difícil concluir este trabalho, meus sinceros agradecimentos!

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na pessoa dos queridos professores **Francisco Rabêlo** e **Marta Rovey**, que me acompanharam mais de perto na caminhada do Mestrado, rendo os meus sinceros agradecimentos.

Ao professor **Rabêlo** não caberia outro termo. Ele me orienta há quase dez anos e acompanhou algumas passagens importantes da minha vida. Tenho certeza que a orientação não pára por aqui, e fico encantada com a seriedade serena com que Rabêlo conduz as coisas, no valor a qual confere a cada ser humano e a nós estudantes, como se fossem peças a serem lapidadas, e ele o faz, com louvor. Se pudesse voltar atrás eu faria tudo de novo.

Marta é uma daquelas surpresas boas que a vida nos oferece de presente. Pois várias pessoas passam por nossas vidas, mas apenas algumas permanecem. Obrigada professora pelos momentos de profundo aprendizado, dentro e fora da sala de aula, os cafés, almoços, *happy hours*, gargalhadas, telefonemas e, sobretudo, o respeito com que tem me tratado durante todos esses anos, externalizando nossa relação para além do ambiente acadêmico.

Agradeço às amigas que me acompanham há longo tempo: **Aline Batista**, tão querida, especial e que mostra cotidianamente o que é sensatez e dignidade, mas não perde o bom humor e a alegria de viver, amiga que levo na alma, pra sempre! **Noeme Araújo** companheira de todas as horas, confiante e sempre pronta a ouvir, tenho um carinho enorme por você! **Laila Zardini**, quanta doçura, cruzou a minha vida deixando-a mais temperada, aparou alguns excessos!

A Universidade me presenteou com outros amigos especiais: **Adriana Monteiro**, linda por dentro e por fora, sempre divertida e com palavras de ânimo, tornou-se insubstituível e necessária para fazer os meus dias melhores! **Thais Marinho**, uma mistura de ponderação e velocidade que me encanta, meiga e formidável, daquelas pra se levar pra sempre! **José Estevão**, o que falar de um amigo tão “bacana” e um homem cordial, educado além de um colega de profissão que se mostra cada dia mais competente? Acho que faltariam adjetivos para descrevê-lo, amigo! **Rogério Araújo**, amigo que a cada dia se torna mais especial, que me motiva a continuar lutando e traz aos meus dias um encanto mágico! **Odiléia** que de coleguinha de sala, tornou-se uma amiga fascinante, que não quero jamais perder o contato! **Miryam Mastrella**, a mais caricata e do coração enorme que eu conheço. Amiga muito querida! **Juliana Abrão** que, apesar de trilhar outros caminhos, sempre me vem à memória quando me recordo de nossa convivência especial e das inúmeras ajudas que dela recebi! **Marcos Cristiano**, ou Marquinhos para os íntimos, agradeço pelo apoio técnico e emocional que tem prestado sempre que preciso! **Marcelo Perilo**, minha dose de doçura, encanto, respeito e luta por um mundo melhor!

Tenho que agradecer também a quatro amigas especiais e contemporâneas, donas da minha eterna admiração: **Lucimar Mota**, amiga a qual tenho um carinho enorme e que admiro pela a competência e seriedade com que lida com tudo na vida! **Graça Borges**, funcionária da Universidade que oferece, além do apoio técnico, um ombro amigo! **Elaine Campos** que um dia conheci nos corredores da Universidade e nunca

mais saiu da minha vida. Que felicidade, uma amiga que me ajuda deveras! **Mary Nise** pelo apoio e afeto que sempre demonstra!

Esse longo período dentro da faculdade, do lado de cá, enquanto acadêmica, possibilitou o encontro com professores fantásticos aos quais lembrarei profundamente: **Genilda Bernardes** não sairá tão cedo da memória. Me acompanhou desde o segundo ano de graduação e, além de professora competente, é um ser humano encantador, que deixa marcados os lugares onde passa com sua doçura e simplicidade para realizar tarefas. **Dalva Borges**, professora comprometida e especial, por quem tenho grande carinho e orgulho de ter sido aluna por três vezes ao longo da graduação e pós. **Solange Magalhães**, que passou de professora, à mãe, conselheira e uma grande amiga a quem devo muito do que hoje sou! **Jordão Nunes**, uma nuance de professor competente e ser humano humilde! **Maria Luíza**, simplesmente encantadora, ensinou-me a relativizar um monte de coisas! **Luiz Mello** que a cada dia conquista mais seu cantinho e aos poucos tem ganhado platéias inteiras! **Cintya Rodrigues**, **Joana Fernandes**, **Pedro Célio Borges**, **Lana Cavalcanti**, obrigada pelas enormes contribuições!

Agradeço aos outros tantos amigos que a vida me deu. Tenho prazer de ressaltar o amor e carinho que sinto: **Angélica Nicolodi**, **Arquimedes Belo**, **Cláudio Carvalho**, **Clóvis Brito**, **Elaine Gonzaga**, **José Eduardo**, **Michely Coutinho**, **Najla Fratari**, **Polyanna Marques**, **Rafaela Dallagnol**, **Virgínia Perini**, pessoas que quero sempre por perto!

Agradeço também aos meus interlocutores, que aceitaram contar parte de suas histórias para contribuir com esta pesquisa. Também sou grata às instituições que abriram suas portas – Universidade Aberta à Terceira Idade, Associação dos Idosos do Brasil e Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário - e gentilmente nos deixaram conhecer um pouco mais de duas realidades, bem como da realidade dos idosos que as freqüentam. Sem vocês esta pesquisa não se realizaria.

RESUMO

Este trabalho busca apresentar as novas maneiras de viver o envelhecimento populacional, propiciadas por transformações diversas em que a sociedade vem passando ao longo dos tempos. Acreditamos que tais transformações são gestadas pela modernidade e globalização, onde a sociedade de uma maneira súbita deve modificar suas maneiras de agir, pensar e viver o cotidiano. Essas mudanças promovem novas formas de sociabilidade e conflitos, tanto entre idosos quanto nas outras faixas etárias da população. Isso fica evidenciado a partir de fatores como a busca por instituições que promovam o encontro de idosos, a criação do Estatuto do Idoso, os novos tipos de família, as monoparentais, as unipessoais, as chefias femininas, a volta para o mercado de trabalho, a permanência no mesmo, a informalidade entre esse público, visto que muitos não acompanham as mudanças que o mercado de trabalho e suas regras demandam: a preparação escolar, especialização, capacitação e língua estrangeira. Enfim, não há como concorrer de maneira igualitária com pessoas de outras faixas etárias, além das limitações físicas que o corpo envelhecido possui, selecionando apenas alguns postos de trabalhos para os idosos. Apontamos junto a essa gama de fatores que as transformações etárias apontam para a necessidade de revisão das prioridades na agenda pública e nas políticas sociais a serem desenvolvidas e, ainda, nas discussões acadêmicas que aludem ao tema a fim da reflexão de tamanhas transformações. Também mostramos ao longo deste estudo como a produção sociológica trata o tema do idoso na atualidade, fazendo correlações com temas relevantes das ciências sociais, gênero, família, geracionais, de sociologia urbana, da modernidade, diferenças educacionais e econômicas. Buscamos mostrar, enfim, como não se pode homogeneizar um tema tão heterogêneo, que é a questão do envelhecimento populacional e todas as alterações ocorridas na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Envelhecimento, modernidade, sociabilidade, globalização.

ABSTRACT

This paper aims to show the new ways to live the ageing population process, offered by various transformations in which the society is going through over the time. We believe that such changes are governed by modernity and globalization, where society sudden has to modify their ways to act, think and live the everyday-life. These changes promote new forms of sociability and conflicts, both among the elderly as in other age groups of the population. This is evident from some factors such as the search for institutions to promote the meeting of the elderly, the creation of the Statute of the Elderly, new types of family, the monoparents ones, the sole traders, the female leadership, the return to the labour market, the permanence in the same, the informal employment among this public, caused by the fact that many of them do not follow the changes that the labour market and its rules require: the preparation school, expertise, training, foreign language. After all, there's no way to compete on an equal equation with people of other age groups, beyond the physical limitations that the aged body has, selecting only a few posts of job for the elderly. We showed with this range of information, that the age's transformations point the necessity of revision of the priorities on the public agenda and the social politics to be developed and, still, in the academic discussions that allude to this subject for reflection of tremendous amounts of changes. We also showed along this study how sociological production treats the issue of elderly in actuality, making correlations with relevant themes of social sciences, such as issues of gender, family, generational, urban sociology, of modernity, educational and economic discrepancies. Finally, we also showed how we can not make equal such heterogeneous issues, such as population ageing process and all the changes in contemporary society.

Key- words: Ageing process, modernity, sociability, globalization.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1. Proporção das pessoas de 60 anos ou mais, responsáveis pelos domicílios, por alfabetização e sexo, em Goiânia no ano de 1991. | 39 |
| Gráfico 2. Proporção das pessoas de 60 anos ou mais, responsáveis pelos domicílios, por alfabetização e sexo, em Goiânia no ano de 2000. | 39 |
| Gráfico 3. Taxa de mortalidade (por 1000) entre idosos, segundo o ano, a faixa etária e o sexo. Brasil: 1980, 1991 e 1996. | 83 |
| Gráfico 4. Mortalidade proporcional (%) por sintomas, sinais e afecções mal definidas (1980 e 1991) e por sintomas, sinais achados anormais ao exame clínico laboratorial (1996) entre idosos, segundo ano, faixa etária e sexo. Brasil: 1980, 91 e 1996. | 83 |
| Gráfico 5. Taxa de mortalidade (por 100.000) por doenças do aparelho circulatório entre idosos, segundo o ano, a faixa etária e o sexo. Brasil: 1980, 1991 e 1996. | 84 |
| Gráfico 6. Taxa de mortalidade (por 100.000) por neoplasias entre idosos segundo ano, a faixa etária e o sexo. Brasil: 1980, 1991 e 1996. | 84 |
| Gráfico 7. Taxa de mortalidade (por 100.000) por doenças do aparelho respiratório entre idosos, segundo ano, faixa etária e o sexo. Brasil: 1980, 1991 e 1996. | 85 |
| Gráfico 8. Proporção das chefias femininas por situação domiciliar. Brasil: 1970, 1980, 1991, 2000. | 90 |
| Gráfico 9. População residente no Estado de Goiás, por situação de domicílio nos anos de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2005 e 2005. | 123 |

LISTA QUADROS E TABELAS

| | |
|---|------------|
| Quadro 1. Perfil dos idosos entrevistados | 40 |
| Quadro 2. Atividades realizadas cotidianamente pelos idosos | 129 |
| Tabela 1. Número absoluto de idosos por países com população superior a 100 milhões em 2002. | 65 |

LISTA DAS PIRÂMIDES ETÁRIAS POPULACIONAIS

A. Pirâmides etárias da população: América Latina e Brasil

| | |
|-------------|----|
| Ano de 1950 | 28 |
| Ano de 1975 | 28 |
| Ano de 2000 | 29 |
| Ano de 2025 | 29 |
| Ano de 2050 | 29 |

B. Pirâmides etárias: Brasil e grandes regiões, 1970 e 2000

| | |
|-------------|----|
| Ano de 1970 | 30 |
| Ano de 2000 | 30 |

C. Pirâmides Etárias: estado de Goiás por idade e sexo

| | |
|-------------|----|
| Ano de 1950 | 31 |
| Ano de 1975 | 31 |

ROTEIRO DAS ABREVIações E SIGLAS UTILIZADAS

ABEP: Associação Brasileira de Estudos Populacionais

ABRASCO: Associação Brasileira de Pós Graduação em Saúde Coletiva

AD: Análise de Discurso

AIB: Associação dos Idosos do Brasil

CAPES: Conselho de Aperfeiçoamento em Pesquisa

CNDI: Conselho Nacional de Direitos do Idoso

CNPD: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento

CONAB: Companhia Nacional de Abastecimento

CRASPI: Centro de Referência em Atenção à Saúde da Pessoa Idosa

EI: Estatuto do Idoso

FIEG: Federação dos Idosos do Estado de Goiás

FUMDEC: Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário

FCHF: Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia

GF: Governo Federal

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFCH: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LOAS: Lei Orgânica de Assistência Social

MPS: Ministério da Previdência Social

MS: Ministério da Saúde

NEPO: Núcleo de Estudos de População

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONG: Organização Não Governamental

ONU: Organização das Nações Unidas

OPAS: Organização Pan- Americana da Saúde

PAI: Pronto Atendimento ao Idoso

PIA: População em Idade Ativa

PNI: Plano Nacional do Idoso

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar

RIPSA: Rede Interagencial de Informações para a Saúde

RF: Receita Federal

SAS: Superintendência de Assistência Social

SCT: Secretaria de Cidadania e Trabalho

SECOM: Secretaria de Comunicação

SES: Secretaria Estadual de Saúde

SESC: Serviço Social do Comércio

SESI: Serviço Social da Indústria

SEPIN: Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação do Estado de Goiás

SIM: Sistema de Informação de Mortalidade

SMS: Secretaria Municipal de Saúde

UCG: Universidade Católica de Goiás

UFG: Universidade Federal de Goiás

UNATI: Universidade Aberta à Terceira idade

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Introdução | 17 |
| | |
| 1. Modernidade e envelhecimento | 26 |
| 1.1 <i>Cenas e sinais do envelhecimento no Brasil</i> | 26 |
| 1.1.1 <i>Goiânia, lócus da pesquisa: dos caminhos à realização do campo</i> | 32 |
| 1.2 <i>Teoria social e modernidade: contribuições teóricas</i> | 42 |
| 1.2.1 <i>A teoria da estruturação e o envelhecimento</i> | 50 |
| 1.3 <i>Transformações nas formas de conceber e vivenciar a velhice</i> | 53 |
| 1.3.1 <i>Modernidade e envelhecimento: mudanças em tempo real</i> | 58 |
| 1.3.2 <i>As contribuições da demografia e dos estudos de população</i> | 64 |
| 2. Replanejando o envelhecer: desafios, conquistas e rearranjos | 69 |
| 2.1 <i>O envelhecimento na agenda pública: direitos e políticas públicas</i> | 69 |
| 2.1.1 <i>As políticas para o idoso</i> | 73 |
| 2.1.2 <i>A saúde como vai?</i> | 77 |
| 2.2 <i>Família e envelhecimento no Brasil contemporâneo: os arranjos familiares</i> | 87 |
| 2.2.1 <i>A categoria gênero e a feminização do envelhecimento</i> | 95 |
| 2.3 <i>Observando as instituições: um envelhecer “ideal”?</i> | 98 |
| 2.3.1 <i>FUMDEC</i> | 98 |
| 2.3.2 <i>UNATI</i> | 100 |
| 2.3.3 <i>AIB</i> | 104 |
| 3. Representações sociais do envelhecimento: memórias e percepções das sociabilidades no tempo | 108 |
| 3.1 <i>Representações sociais e perspectivas do envelhecer: com a voz os sujeitos da pesquisa</i> | 108 |
| 3.1.1 <i>As novas formas de conceber o relacionamento afetivo</i> | 113 |
| 3.1.2 <i>Cruzando fronteiras: do campo à cidade</i> | 118 |
| 3.1.3 <i>Analógico e digital: o cotidiano dos idosos</i> | 123 |
| 3.2 <i>Envelhecimento Ativo: questões do mundo do trabalho</i> | 130 |
| 3.2.1 <i>Moeda de troca: situação econômica e (in)dependência financeira</i> | 132 |
| 3.2.2 <i>O Paradoxo da Aposentadoria: uma questão em debate</i> | 136 |

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Considerações Finais | 142 |
| Referências Bibliográficas | 147 |
| Apêndices | 153 |
| Anexos | 156 |

INTRODUÇÃO

Ao estabelecermos um tema de estudo para um trabalho científico, ou seja, quando nos propomos a problematizar um determinado assunto, é preciso combinar alguns aspectos fundamentais para sua realização. Deve-se estabelecer as concepções teóricas de abordagem do fenômeno estudado, escolher o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade, e ainda contar com a capacidade criativa do pesquisador.

Este estudo tem como objetivo apontar as novas maneiras de viver o envelhecimento populacional. Partimos do pressuposto de que a modernidade implica aos indivíduos, idosos¹ ou não, novas maneiras de se comportar, de lidar com a família e com as tecnologias, promovendo novas sociabilidades, conflitos, mudanças referentes ao mundo do trabalho, transformações na esfera da intimidade, na maneira de visualizar o amor romântico, posturas do poder público no tocante às políticas públicas voltadas a demandas específicas e movimentação na esfera privada. Para tamanhas mudanças, enfim, vivenciamos um movimento reflexivo do mundo, que se transforma cotidianamente. Vale ressaltar que indivíduos de diferentes faixas etárias também percebem e são fruto dessas mudanças.

Dentre as diversas transformações gestadas na sociedade, chamamos atenção às expressivas mudanças sócio-demográficas ocorridas na população brasileira no século XX. Nota-se que a grande alteração ocorrida nas últimas duas décadas, foi o declínio da fecundidade e da mortalidade, bem como o aumento do número de idosos. Esses componentes passam a ser grandemente enfatizados para explicar as modificações na dinâmica populacional em nível mundial. Tais características culminam o envelhecimento populacional: a fecundidade diminui, isto é, as pessoas conquistam maior expectativa de vida.

A expectativa de vida, no Brasil em 1900 não ultrapassava os 33,7 anos; em 1940 alcançou 39 anos; em 1950 chegou há 43,2 anos; em 1960, 55,9 anos, e entre as décadas de 1960 e 80 alcançou os 63,4 anos. Atualmente, a expectativa de vida no país é de 68 anos e as projeções para 2025 é que seja de 80 anos (NAÇÕES UNIDAS, 2002).

¹ Usamos ao longo do texto o termo idoso quando estivermos nos referindo ao indivíduo do sexo masculino ou à categoria idoso. Quando formos salientar a fala de uma mulher idosa, faremos as devidas considerações.

Por se tratar de uma abordagem sociológica, consideramos importante verificar como a Sociologia aborda a questão do envelhecer. A discussão sociológica não utiliza apenas o critério da idade para determinar quem está incluído no grupo dos idosos. O fato de completar 60 anos de idade não é suficiente para determinar se um indivíduo é ou não idoso. A sociologia também não pretende atribuir uma função ontológica ao envelhecimento, e sim verificar como a velhice é construída socialmente; como as pessoas de outras faixas etárias enxergam as que ultrapassam os 60 anos; perceber as desigualdades de gênero; como se comportam idosos de diferentes classes sociais; verificar as diferenças de idade entre os próprios idosos, pois, é necessário discernir as distintas vivências de idosos, visto que há peculiaridades entre ser um indivíduo de 60 anos, atuar no mercado de trabalho, ter vitalidade, ser responsável pelo domicílio; e estar com 80 anos, enfermo, moribundo, depender de um cuidador, não conseguir minimamente se locomover. Enfim, ao verificar os vários papéis que um idoso pode assumir atualmente, concluímos que não existe um tipo de idoso, existem idosos, e é esta diversidade que consiste o foco da pesquisa.

Pontuamos a importância do papel das instituições, que crescem a cada dia mais e se mostram cada vez mais voltadas a atender esse público. Na atualidade, nota-se a ampliação do número de abrigos, casas, lugares específicos para encontros, universidades para a terceira idade, pastorais e associações, sendo notório o aumento de instituições voltadas ao atendimento de indivíduos idosos. Com as mudanças nos desenhos de família, nas configurações urbanas e a partir da busca por novas sociabilidades, os idosos de hoje procuram suprimir a falta de convivência com pessoas de gerações diversas através do contato com indivíduos das mesmas gerações. Dessa forma, demonstram que assim como as crianças, jovens e adultos, também demandam códigos de comportamento, locais próprios para encontros, linguagem própria, maneiras de vestir, discutir e vivenciar a sexualidade, além de políticas públicas específicas para que possam dirimir os problemas advindos com a idade ou porque, além de idosos, sofrem por pertencerem à camada pobre da população ou a grupos étnicos discriminados.

A ação dos grupos de idosos e das instituições que lidam com pessoas nessa faixa etária desenvolve formas de convivência que vão nesta direção, reforçando a segregação geracional. Assim, os idosos reúnem-se em locais onde falam dos mesmos assuntos, possuem aproximadamente a mesma faixa etária, compartilham de algumas semelhanças no tocante à visão de mundo.

Mesmo não se tratando especificamente de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho pretende situar a produção acadêmica que trabalha a relação entre envelhecimento e modernidade. Propõe uma pesquisa cuja finalidade consiste em organizar e analisar os dados preliminares coletados sobre o viver dos idosos na atualidade, também verificar a ação dos grupos de idosos na cidade de Goiânia e o que fazem aqueles indivíduos que não se vincularam a nenhum deles, mostrando as mudanças no envelhecer, tanto no que tange à sociabilidade, quanto nas maneiras de viver e lidar com o tempo.

Enquanto pesquisadores, segundo Minayo (1993), temos a necessidade de fazer algumas escolhas durante o processo da construção do trabalho. Essas vão desde as disciplinas a cursar, quais autores abordar, qual caminho metodológico percorrer, que técnicas de obtenção dos dados utilizar e quem entrevistar, até como analisar as entrevistas, se a pesquisa será qualitativa, quantitativa ou se combinará as duas técnicas, se os dados serão produzidos primariamente e como serão coletados. Este trabalho não trilhou caminho diferente. É fruto de uma série de reflexões acadêmicas, pessoais, epistemológicas e metodológicas, passando por todas as etapas que um trabalho científico demanda.

Para a realização do trabalho de campo, levantamento e produção de dados primários, utilizamos como estratégia metodológica as técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Além disso, realizamos um amplo levantamento bibliográfico do que está sendo pensado e produzido na academia e fora dela acerca do envelhecimento populacional no Brasil.

Seguindo certa coerência, este trabalho passou por algumas etapas fundamentais para sua efetivação e pode ser dividido em momentos caracterizados pelas seguintes denominações: *entrando*, *ficando* e *saindo* do campo. A entrada em campo oferece as primeiras formas de interação com o contexto onde se desenvolverá o estudo. É quando o pesquisador promove a aproximação com os interlocutores da pesquisa e apresenta a sua proposta, buscando o consentimento dos envolvidos na realização desta. São os primeiros momentos de contato (de observação), intimamente relacionados à empatia, à capacidade de observação do pesquisador e à aceitação dele por parte do sujeito a ser observado (PATRÍCIO, 1999).

Nesta pesquisa, a entrada no campo correspondeu ao primeiro contato com o objeto e, posteriormente, uma série de outras posições foram tomadas a fim de viabilizar o estudo em questão: seleção das instituições e dos sujeitos participantes; realização de

articulações para o desenvolvimento da pesquisa; idas ao Conselho Municipal do Idoso, às suas coordenações e levantamento das instituições cadastradas neste Conselho; apresentação dos aspectos éticos do estudo; formalização do compromisso entre pesquisador e pesquisado e o desenvolvimento das primeiras observações em campo. Consideramos que a entrada de fato no campo ocorreu a partir do momento em que fomos ao encontro das instituições que lidam com idosos, a fim de buscar uma listagem de quantas eram, onde se localizavam e quais ações promoviam em prol do idoso. As visitas iniciais foram realizadas na Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário e na Secretaria de Cidadania e Trabalho onde fomos instruídos a procurar o Conselho Estadual do Idoso, instituição que teria a relação de todas as demais, possibilitando acesso às informações.

Após o desenvolvimento desse processo, o pesquisador inicia a coleta de dados propriamente dita, o que corresponde ao que Patrício (1999) denominou de “ficando no campo”. Essa etapa representa os diferentes momentos de interação com os sujeitos do estudo, aprofundando-se com a produção dos dados primários nas entrevistas semi-estruturadas, onde houve uma espécie de entrosamento entre pesquisados e pesquisador.

A coleta das informações deu-se após elegermos quais seriam as instituições participantes da pesquisa. Feito isso, iniciamos as visitas e as observações sistemáticas das atividades realizadas nessas [instituições]. A escolha recaiu sobre a Universidade Aberta à Terceira Idade, a Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário e a Associação dos Idosos do Brasil como as instituições que ofereceriam subsídio para a pesquisa. Portanto, por meio da técnica da observação participante passamos a freqüentar regularmente as reuniões e atividades promovidas nas instituições. Falaremos no próximo capítulo mais detalhadamente sobre o trabalho de campo, tanto do momento da observação participante, quanto das entrevistas.

Outra fase que pode ser apontada nesse percurso trata-se da saída do campo, um momento de intensa reflexão. Concluída a etapa de observação, marcadas e realizadas as entrevistas, seria a hora de “aproveitar” daquelas informações, refinar o que seria relevante para a pesquisa e trabalhar os dados, enfim, era a hora de produzir novas informações com os dados de Goiânia. Após a realização do trabalho de campo seria preciso organizar os dados, reler o diário de campo, transcrever as entrevistas e verificar quais os trechos serão importantes para a pesquisa. Esse momento consiste na junção do empírico com o teórico, e a redação definitiva da dissertação.

Para a efetivação deste trabalho realizamos 14 entrevistas semi-estruturadas, consistindo na combinação de um roteiro sistematizado² com perguntas abertas e fechadas que permitiram à pesquisadora se orientar ao elaborar as questões abordadas. As entrevistas nos serviram para a descrição do caso individual, a compreensão das especificidades culturais mais profundas dos grupos e a comparabilidade dos casos. Nesse tipo de entrevista não há necessidade de uma seqüência rígida quanto aos assuntos a serem abordados porque esta é determinada, geralmente, pelas preocupações e ênfases que emergem da fala dos entrevistados ao se discutir o assunto em questão. Esse tipo de entrevista sugere os grandes temas que serão abordados, e o entrevistado fala de maneira espontânea a respeito dos mesmos (MINAYO, 1993).

Os critérios adotados para seleção dos entrevistados na pesquisa foram: ter 60 anos ou mais, residir na cidade de Goiânia e estar disponível para contribuir com nosso trabalho oferecendo algumas informações sobre sua vida. Também elegemos como critério ter entre nossos entrevistados pessoas que participavam de instituições para idosos³, com a finalidade de saber se existem diferenças entre os que freqüentam tais instituições e efetuar um detalhamento maior sobre cada uma delas.

As entrevistas foram realizadas com oito mulheres e seis homens⁴, visando captar a heterogeneidade do grupo dos idosos. Heterogeneidade essa, estabelecida por meio de algumas categorias principais que não poderiam deixar de compor o rol de entrevistados: homem, mulher, negro, branco, pardo, menos e mais escolarizados, maior e menor nível de renda, institucionalizados e não institucionalizados, idades distintas, enfim, desejamos ressaltar as diferenças que essas categorias representam. Os entrevistados foram indicados por conhecidos, via método “bola de neve”: cada entrevistado apresentou referências/indicações de outros indivíduos elegíveis para participar do estudo em questão.

Durante a realização das entrevistas abordamos diversos temas, tais como família, modernidade, tecnologias, envelhecer na atualidade, o papel exercido pelas instituições de idosos, o Estatuto do Idoso, aposentadoria, solidão, relações com indivíduos de outras

² Encontra-se no Apêndice 1

³ Utilizaremos a nomenclatura “instituições de idosos” todas as vezes que nos referirmos àquelas instituições específicas da modernidade encontradas nos dias atuais: universidades, associações de bairros, programas desenvolvidos pelo governo Federal, Estadual ou Municipal que primam pela pessoa idosa, com o fim de promover sociabilidade e atividades voltadas a esse público específico. Esse termo nada tem a ver com a idéia de asilo, internato ou instituição de longa permanência, ao contrário, designa aquelas que promovem atividades físicas, intelectuais ou lúdicas contribuindo para que o idoso desloque-se de sua residência para chegar à mesma.

⁴ Ver quadro 1: Perfil dos idosos entrevistados, p. 41.

faixas etárias, relações com pessoas da mesma faixa etária, formas de lidar com tempo e espaço, saúde, atividades físicas, vida rural, vida urbana, lazer, dentre outros temas, a fim de perceber as especificidades e as regularidades nos dados que nos propusemos levantar.

Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da técnica da análise de discurso, apontando diversas semelhanças na maneira de pensar o mundo e o envelhecer. Por acreditarmos que envelhecer não tem o mesmo sentido para indivíduos diferentes foi que estabelecemos a presença dessas categorias em nosso estudo. “Ser idoso” assume diferentes conotações, já que os diversos modos de vida oferecem situações específicas.

Autores que utilizam da análise do discurso (AD) afirmam que esta trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer, memória, essa, coletiva e constituída socialmente, onde o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém, parece não perceber estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes.

Pêcheux (2000) foi um dos fundadores dos estudos sobre o discurso. Para o autor, um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas. Isso supõe que é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.

Na AD não é necessário analisar tudo que aparece na entrevista, pois se trata de uma análise vertical e não horizontal. O importante é captar a marca lingüística e relacioná-la ao contexto da fala.

É válido ressaltar que utilizamos também, mesmo que em menor volume, as técnicas quantitativas. Consideramos importante ressaltar que, dentro da pesquisa qualitativa um aspecto importante é a refuta à dicotomia qualidade *versus* quantidade, pois as duas vertentes não são excludentes. Nesse sentido, as contribuições teóricas de Demo (1998) merecem destaque e nos aponta que “Todo fenômeno qualitativo, pelo fato de ser histórico, existe em contexto também material, temporal, espacial. E todo fenômeno histórico quantitativo, se envolver o ser humano, também contém a dimensão qualitativa”. Assim, o reino da pura quantidade ou da pura qualidade é ficção conceitual (p.5).

A qualidade é um atributo humano, trata-se de um fenômeno histórico dialético. Para o ser humano ter oportunidade e, sobretudo ser oportunidade, necessita construir a competência mais radical que existe que é a de fazer-se sujeito. Não é à-toa que a ONU, ao classificar os países de acordo com o desenvolvimento humano, coloca, entre os três indicadores usados, a educação em primeiro lugar. O que melhor trabalha o horizonte das oportunidades e principalmente torna o ser humano oportunidade é o processo educativo, desde que seja emancipatório. A seguir vem o indicador da expectativa de vida, que mistura sabiamente traços quantitativos (anos de vida) com qualitativos (desfrute da vida). E por fim aparece o indicador material propriamente dito, que é o poder de compra. Está assinalado aqui que o desenvolvimento humano é basicamente questão de qualidade, não só de quantidade. Ou seja, é, sobretudo, questão de ser, não de ter, por mais que entre ambos não se possam inventar dicotomias. (p.8).

Compondo o referencial teórico deste trabalho, tivemos como respaldo as teorias encontradas em Giddens (1991, 1997, 1998, 1999, 2002, 2003, 2007), os estudos sobre família de Philippe Áries (1981) as discussões sobre a reinvenção do envelhecimento, terceira idade, aposentadoria, proposta por Guita Debert (2000, 2004) e Alda Brito da Motta (1997), o processo civilizador resgatado por Norbert Elias (1990) e as discussões sobre gênero de algumas estudiosas como Berenice Bento (2006) e Guacira Louro (2005). Referenciais que serão evidenciados e justificados detalhadamente nos capítulos que compõem o *corpus* deste trabalho.

Foi significativa para o desenvolvimento deste estudo, contextualizar a discussão sobre envelhecimento populacional num âmbito global, fazendo recortes para o Brasil, a região Centro Oeste e a cidade de Goiânia. Outro fator relevante consistiu na demonstração de como a temática do envelhecimento tem adentrado cada dia mais a agenda pública, ganhando leis específicas e até mesmo um Estatuto do Idoso.

O papel desempenhado pela família também mereceu destaque, visto que, atualmente, consiste num novo desenho que possui configurações diferenciadas do modelo patriarcal encontrado comumente. Agora também se considera família as chefias femininas, as monoparentais⁵, as homossexuais, os laços de não consangüinidade e outras novas formas que efetuam mudanças no retrato do que seja considerado família para os indivíduos de diversas camadas etárias. Nosso intuito foi tentar perceber como os idosos sentem essas dinâmicas e o modo como se inserem nessas mudanças.

Procuramos pontuar as questões de gênero na discussão de envelhecimento. O papel que a mulher, tanto idosa, quanto de faixas etárias inferiores desempenha no contexto familiar vem sendo problematizado cada vez mais. A feminização do

⁵ As famílias monoparentais são aquelas formadas por pai ou mãe e que contém um ou mais filhos (IBGE, 2000).

envelhecimento é um fato importante para representar essas novas configurações do ser idoso na atualidade e, por isso, ao longo deste trabalho também reunimos pistas para que visualizemos a dinamicidade deste fenômeno.

A etapa da pesquisa correspondente à observação participante foi realizada através da participação em reuniões de três diferentes instituições: a Associação dos Idosos do Brasil (AIB), a Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário (FUMDEC) e a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

Apontamos como objetivo central deste estudo verificar as correlações entre o envelhecimento populacional e as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, mostrando, sobretudo, que as transformações nos modos de viver da atualidade, culminam em alterações na estrutura etária da população. Partimos do pressuposto de que a modernidade provoca padrões diferenciados de comportamento, de promoção de relações e de interação com as novas técnicas de informação. Quando nos referimos às mudanças ocorridas na sociedade, podemos verificar nas mesmas, um movimento dialético, visto que, ora as mudanças na sociedade provocam alterações na estrutura etária, ora a estrutura etária faz com que a sociedade se movimente, gerando novos comportamentos para seguir tais transformações.

Isso pode ser verificado quando percebemos que novas formas de agir são gestadas através do envelhecimento populacional: há transformações nas relações entre as diversas faixas etárias; nas maneiras de lidar com os novos desenhos de família; no papel da previdência social e nas políticas públicas, enfim, instituições e indivíduos mudam suas maneiras de atuar, assumindo novos papéis na dinâmica da vida social.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, traçamos um cenário dos reflexos do envelhecimento e da modernidade no contexto global, fazendo uma discussão mais geral e recortes específicos dos sinais do envelhecimento no Brasil; Nesse capítulo também apresentamos um panorama da realidade no Centro Oeste brasileiro, e da situação do envelhecimento na cidade de Goiânia. Situamos a discussão sociológica e as contribuições teóricas da teoria social, a partir da idéia de modernidade e da teoria da estruturação proposta por Giddens (2003), bem como de outros estudos e análises sobre as transformações da velhice, culminando com as novas tecnologias e as contribuições da demografia e dos estudos de população neste cenário.

O segundo capítulo discute as reinvenções do envelhecer, as conquistas, o Estatuto do Idoso, a política nacional, o papel dos conselhos, a criação do Centro de Referência, os

rearranjos familiares, a feminização do envelhecimento, a busca por novas formas de sociabilidade e as instituições que trabalham o envelhecer. Descrevemos detalhadamente as instituições que foram visitadas durante a pesquisa, UNATI, FUMDEC e AIB, mostrando o aumento da procura por tais locais e o crescimento de outras instituições com esse perfil.

No terceiro e último capítulo analisamos as representações sociais do envelhecer tendo como referencial os resultados das entrevistas. Nele pontuamos a passagem do campo à cidade, as transformações, ganhos e perdas que aparecem nas narrativas desses indivíduos, traçando, assim, um quadro multifacetado a partir do cotidiano dos idosos participantes da pesquisa. Quadro, esse, que evidencia a situação de dependência de idosos no domicílio, dependência que compreende desde a esfera econômica até a questão do parentesco, trazendo à tona as discussões atuais no mundo do trabalho e reverberando os temas da informalidade, dependência, exploração, feminização, precarização e da aposentadoria.

1. MODERNIDADE E ENVELHECIMENTO

Este capítulo faz um apanhado das questões do envelhecimento populacional em nível mundial, nacional e local, mostrando parte⁶ dos dados encontrados na pesquisa de campo realizada na cidade de Goiânia com 14 idosos e em 3 instituições que promovem atividades relacionadas a este grupo. Paralelamente, realizamos uma análise teórica da modernidade, trazendo importantes autores da teoria social para compor a discussão sobre temas que consistem o cerne teórico-metodológico desta dissertação, temas esses relacionados às questões do envelhecimento populacional, modernidade e novas tecnologias.

Além disso, pretendemos demonstrar através da demografia como se deram as mudanças populacionais e as projeções para os próximos anos no que tange à fecundidade, mortalidade e envelhecimento populacional.

1.1 Cenas e sinais do envelhecimento no Brasil

A questão do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo é um tema que vem sendo discutido e problematizado dentro das ciências sociais e fora delas. É uma questão de ordem pública que passou a fazer parte do cotidiano de indivíduos e países inteiros. Mediante tal fenômeno, a produção em ciências sociais sobre a questão do envelhecimento populacional e suas conseqüências na dinâmica da vida social, vem aumentando consideravelmente, bem como a correlação do fator envelhecimento com outros temas relevantes dessas ciências, tais como modernidade, sociabilidade, conflitos, espaços sociais de convivência, violência, questões de gênero, raça, classe social e mundo do trabalho. A literatura sobre a questão do idoso também não é pequena, é expressivo o volume de livros e artigos que circulam na esfera nacional e internacional (DEBERT, 2004).

⁶ Neste capítulo apresentamos apenas parte dos dados, já que a dissertação está estruturada de maneira em que há nuances entre dados e teoria a todo o momento.

Como diversos autores já observaram, no Brasil, o envelhecimento ocorreu num curto período de tempo. Em 40 anos a estrutura etária da população se transformou radicalmente, ao passo que, na Europa, esse fenômeno ocorreu num período de mais de 120 anos. Outro fato característico no Brasil é um envelhecimento sem preparo por parte do governo, das instituições e da sociedade civil. Sendo assim, essas esferas não estavam aptas a lidar com tal processo de forma a diminuir os seus impactos sobre o segmento dos idosos e sobre as demais faixas etárias, diferentemente do que ocorreu em alguns países da Europa, onde o ritmo foi mais lento.

O número de pessoas idosas cresceu expressivamente, em proporções mundiais, nacionais e regionais. O Brasil está se tornando um país de idosos. De acordo com o Censo de 1991, realizado pelo IBGE, a população de 60 anos ou mais de idade, no Brasil era de 10.722.705 de idosos. Já o Censo 2000 registrou que esse público chegou a 14.536.023 pessoas. Estes dados indicam que o número de idosos aumentou em quase 4 milhões em apenas uma década.

No Brasil, percebemos que a questão do idoso ganha ênfase por meio de iniciativas tomadas principalmente a partir das duas últimas décadas⁷. Foi criada uma legislação que garante a proteção e inclusão social deste segmento populacional: *Lei Orgânica de Assistência Social* (Lei nº. 8.742, de 7 de dezembro de 1993); *Política Nacional do Idoso* (Lei nº. 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo Decreto nº. 1.948, de 3 de julho de 1996); *Estatuto do Idoso* (Lei nº. 10.741, de 1 de outubro de 2003). Dessa forma, observamos que o crescimento quantitativo do grupo dos idosos implica no aumento de ações voltadas a eles.

Essa mudança no perfil demográfico pode ser visualizada com excelência nas pirâmides etárias. Constataremos que a pirâmide etária – representante da estrutura populacional, que outrora possuía uma base larga, conseqüência de uma fecundidade elevada (muitos nascimentos) – passa a assumir um desenho diferente com o aumento da expectativa de vida da população brasileira a partir da década de 1980. As quedas nas taxas de fecundidade e de mortalidade são as responsáveis por tamanhas mudanças. No tocante à fecundidade, estudos demográficos demonstram que as mulheres têm a cada dia um número menor de filhos. A taxa de fecundidade vem caindo significativamente, passando de 6,2 filhos, nos anos 50, para 2,1 filhos por mulher, na atualidade (anos

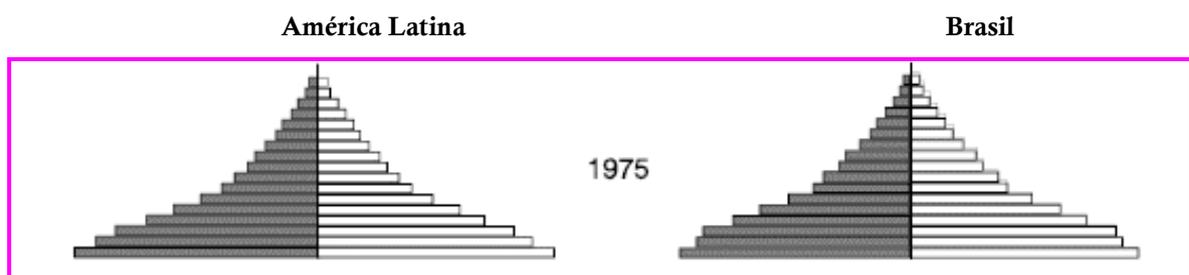
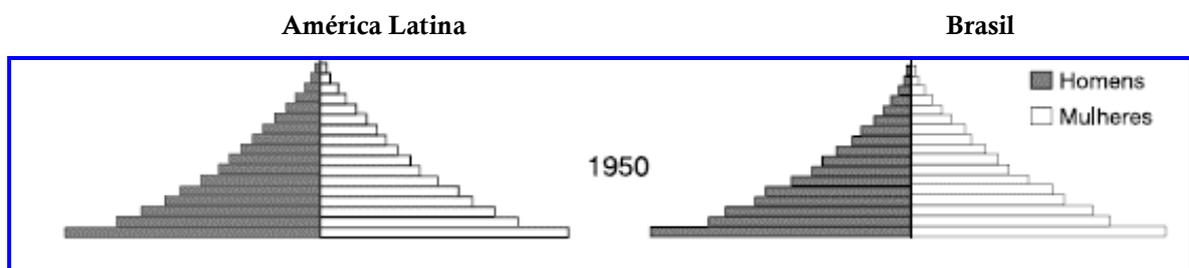
⁷ Em 1989, foi criada a primeira associação de idosos no Brasil.

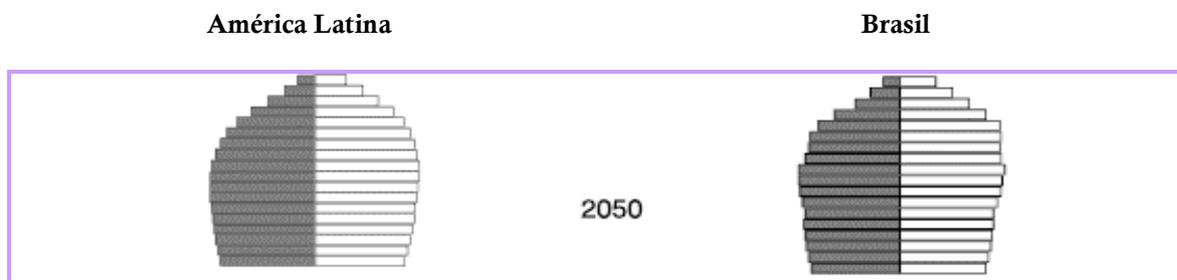
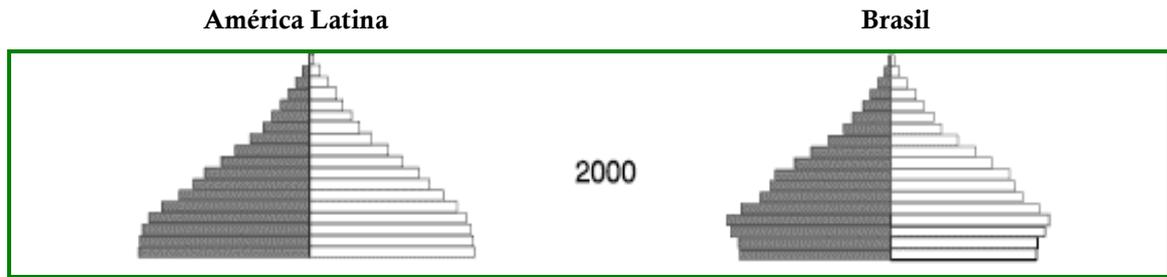
2000); número este considerado mínimo para que uma população possa ser reposta. Em 1980, a taxa bruta de natalidade no Brasil era igual a 3,2%. Em 2000, essa taxa foi de 2,0%, com previsão de queda para 1,4% no ano de 2040.

A população aumenta sua expectativa de vida (melhorias e avanços na medicina, por exemplo) e diminui consideravelmente o número de nascimentos, esta é a explicação para entender o comportamento do envelhecimento hoje no Brasil. Vale mais uma vez ressaltar que o grupo etário de mais de 60 anos é o que mais cresce comparativamente aos demais grupos.

Verifica-se, na série histórica das pirâmides populacionais, que as mudanças sócio-demográficas configuram um crescimento do número de idosos, fator que inverte a forma piramidal com que se descrevia a composição populacional de alguns países e que tem atingido o Brasil nas últimas décadas. A pirâmide que possuía base larga em 1970, conseqüência de uma fecundidade elevada, assume um desenho diferente, uma forma é retangular, fruto do aumento da expectativa de vida da população brasileira e da queda da taxa de fecundidade, a partir da década de 1980.

A. Pirâmides etárias da população: América Latina e Brasil, dos anos de 1950 a 2050

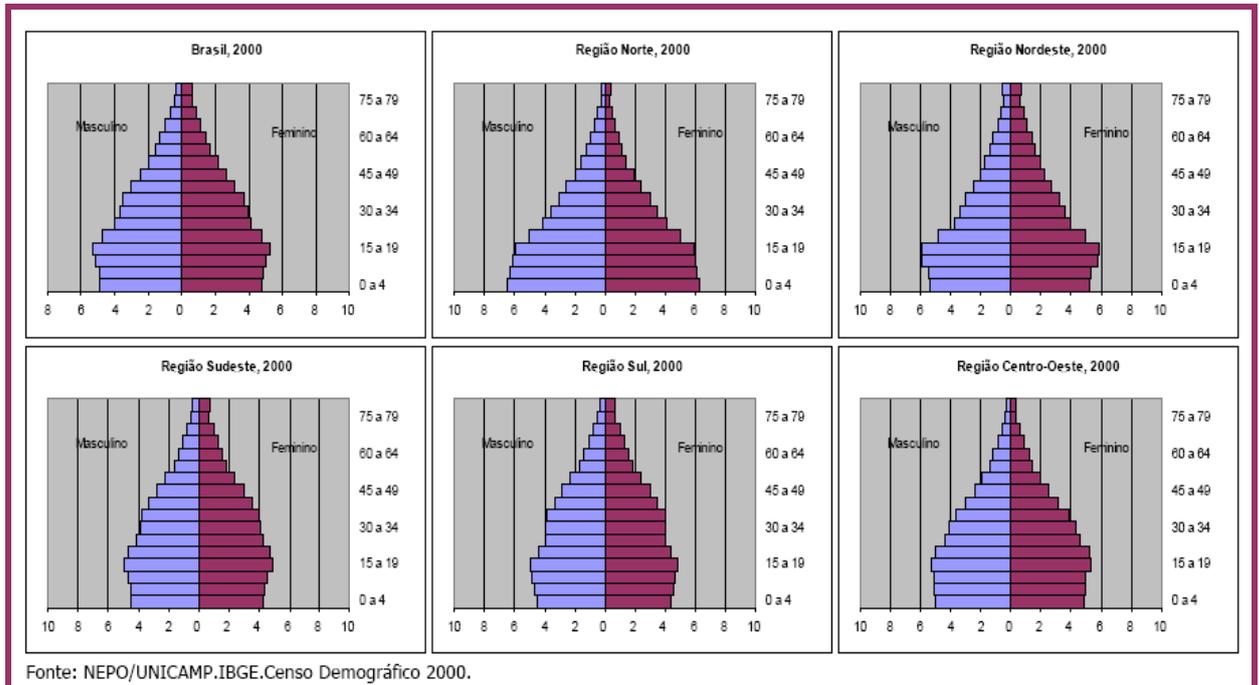
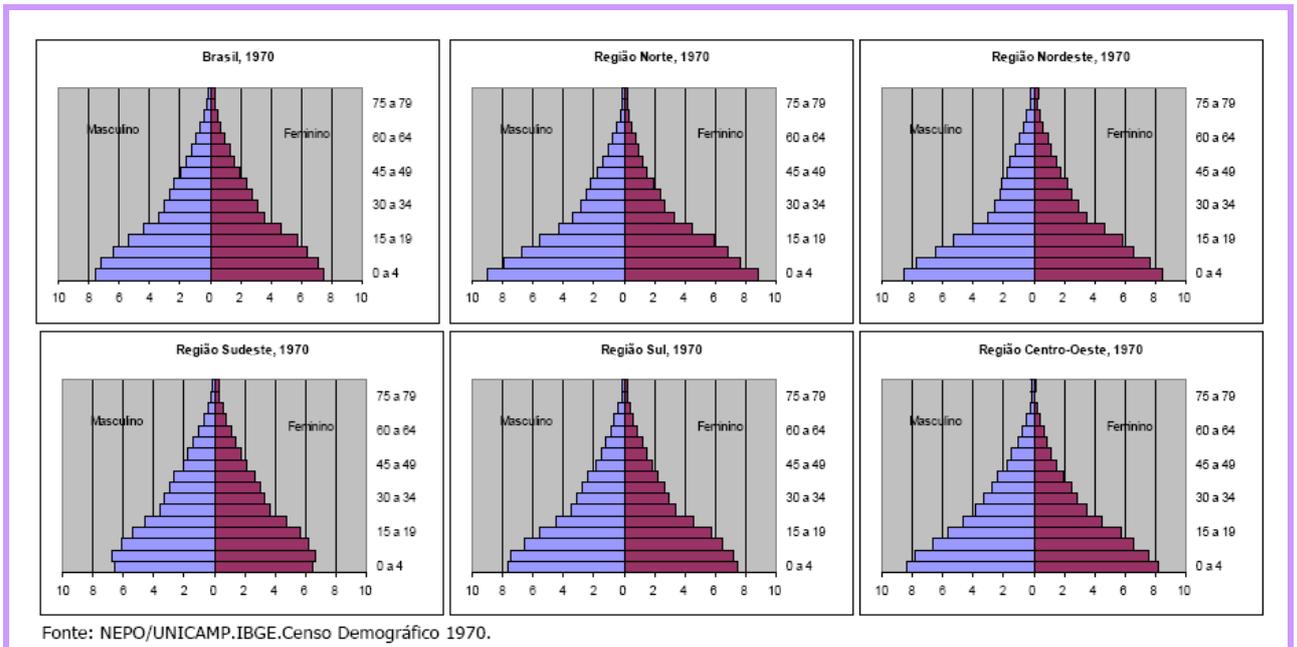




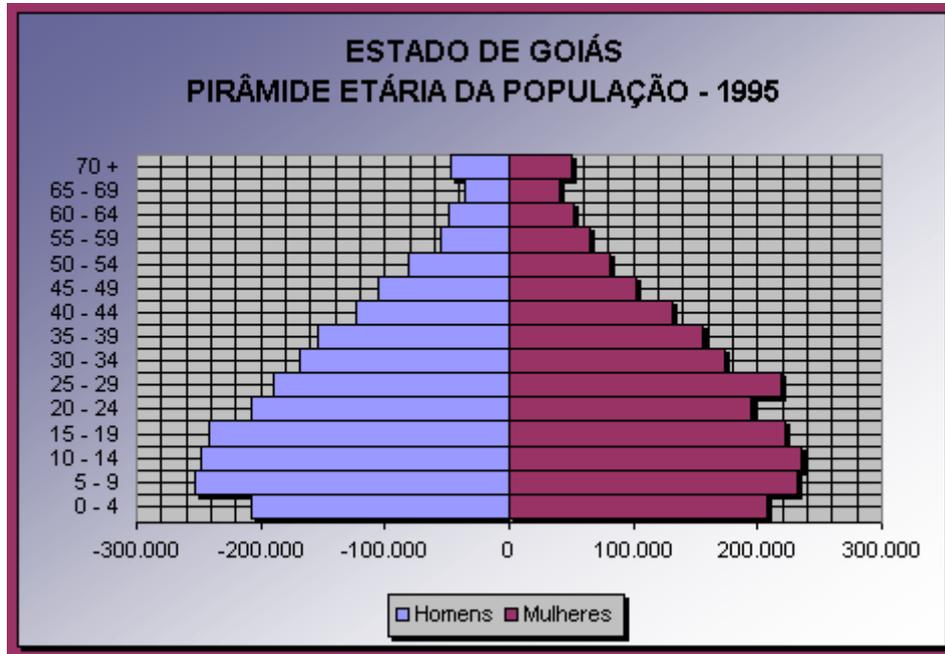
Fonte: Nações Unidas 2003

Ao analisar o envelhecimento por regiões brasileiras, Berquó (2000) constatou que “a região Centro-Oeste foi a que apresentou depois da região Norte, taxas de crescimento mais elevadas” (p.24). No mesmo trabalho, Berquó (2000) observa que no Brasil foi possível observar a presença de idosos nos centros urbanos das grandes regiões do país (Sul e Sudeste). Nas regiões Centro-Oeste e Norte, notou-se uma grande concentração de idosos em áreas rurais, devido à expansão das fronteiras agrícolas. Apesar das desigualdades regionais, a população idosa é predominantemente urbana. Constatou-se que a maior parte da população idosa está concentrada nos núcleos metropolitanos, visto que, este fato “(...) é de extrema importância para formulação de políticas sociais voltadas para esse público alvo” (*ibidem*, p. 34).

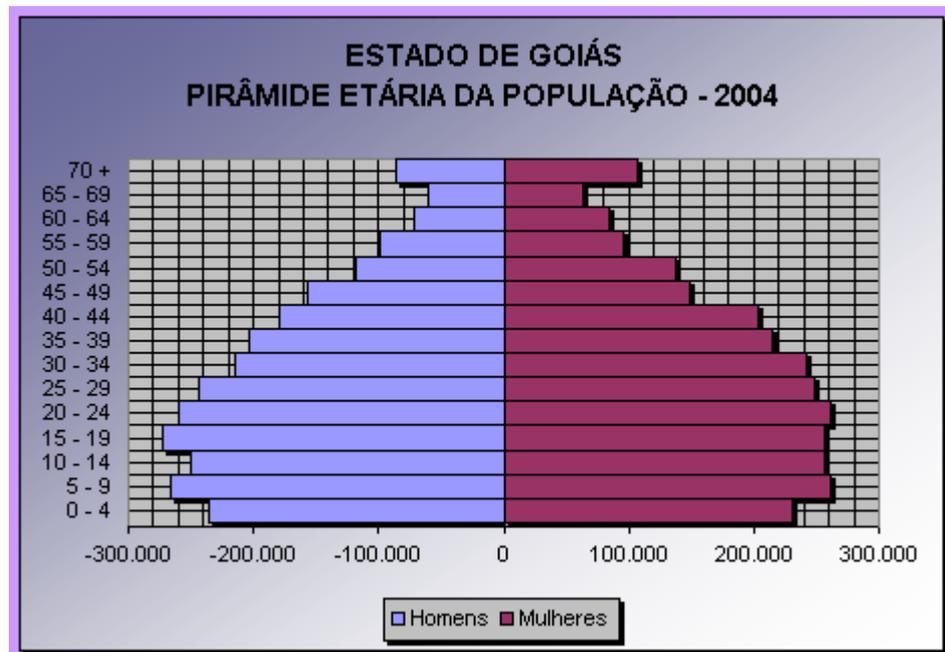
B. Pirâmides etárias, Brasil e grandes regiões, 1970 e 2000



C. Pirâmides etárias do estado de Goiás nos anos de 1995 e 2004, respectivamente, por idade e sexo



Fonte: SEPIN



Fonte: SEPIN

O Censo 2000 aponta que, a região Centro-Oeste foi a que apresentou o maior índice de aumento da população nessa faixa etária, passando de 307.834 em 1991, para 497.429 em 2000, alcançando um aumento de 5,53%.

Ao observar as pirâmides etárias podemos fazer algumas considerações. Goiás segue as tendências nacionais e internacionais no tocante às mudanças na composição populacional. Verificamos que, em menos de 10 anos, houve uma mudança notável no formato da pirâmide, agora alargada no meio, base reduzida e topo ampliado. O número de jovens aumentou, também o número de idosos. Isso pode ser explicado pela queda nas taxas de fecundidade, que alteram toda a estrutura populacional.

Em Goiás as taxas de crescimento dos idosos e o aumento do número dos idosos mais velhos (acima de 70 anos), também aumentaram consideravelmente, seguindo as tendências nacionais e mundiais.

1.1.1 Goiânia, *locus* da pesquisa: dos caminhos à realização do campo

Neste momento consideramos importante apontar algumas escolhas e caminhos traçados durante a realização da pesquisa. Pareceu-nos adequado, no intento de transformar um projeto de pesquisa em uma dissertação de mestrado, trabalhar num primeiro momento com metodologias qualitativas. Essa técnica é capaz de abordar o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos seus significados e representações.

Como já mencionado, o local da pesquisa foi a cidade de Goiânia. Num primeiro momento houve um reconhecimento das instituições que atendiam e lidavam com idosos. Iniciamos as visitas no Conselho Estadual do Idoso, seguindo para Secretaria de Cidadania e Trabalho, FUMDEC, Secretaria Municipal de Saúde, Conselho Municipal do Idoso, AIB, UNATI e a Câmara Municipal⁸. Feitas as primeiras visitas e anotações, partimos para uma triagem de quais seriam as instituições selecionadas para o desenvolvimento do trabalho. A observação *in loco* fora iniciada em maio de 2007 e se estendeu até meados de fevereiro de 2008. Elegemos a FUMDEC, a UNATI e a AIB por alguns motivos. O mais importante deles foram a receptividade e a disposição em fornecer dados para o desenvolvimento da pesquisa: as três instituições mencionadas

⁸ Fomos instruídos a procurar este órgão, pois alguns Vereadores deste município realizam programas com idosos. Geralmente, esse trabalho é realizado por meio de parcerias com as associações de bairros.

mostraram disponibilidade em nos receber, também forneceram informações internas, seus históricos, falaram sobre o trabalho que desenvolvem atualmente com os idosos. De certa forma, uma instituição se reportava à outra, indicando suas similaridades e discrepâncias, fatores que nos motivaram a conhecê-las mais de perto.

Consideramos importante para compor o cenário explicativo da estrutura do trabalho resgatar autores que falam a respeito das técnicas qualitativas, ajudando a justificar nossa escolha. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares; trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Ela busca a compreensão da realidade humana vivida socialmente, ou seja, procura compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que são integradas de crenças, valores, atitudes e hábitos; e, dessa forma, o significado é torna-se o conceito central na investigação. Para Haguette (1990), a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva do ser humano, com toda a riqueza de significados que dela transbordam. A ação ocorre em relação a um lugar e a uma situação, e toda e qualquer unidade de ação, um indivíduo, uma família, uma escola, uma igreja, uma firma, um sindicato, é feita à luz de uma situação específica.

Roberto Da Matta (1978), também nos aponta um caminho a ser seguido quando a técnica escolhida para coleta de informações é a observação participante. Segundo ele, o primeiro passo é a fase “*teórico-intelectual*”, que consiste no afastamento entre o futuro pesquisador e a tribo, a classe social, o mito, o grupo, a categoria cognitiva, o ritual, o bairro, o sistema político e todos os outros domínios. Neste período, o autor ressalta que o pesquisador deve afastar-se não pela ignorância de estudante, e sim por excesso de conhecimento, teórico e universal.

Também importante e parte do processo da observação participante, a fase denominada “*período prático*” é aquela onde o pesquisador se remete a etapa anterior da pesquisa de campo, ou seja, em que operacionaliza a estadia na comunidade ou grupo estudado. Neste momento, trata exclusivamente de colocar a “especificidade e relatividade de sua própria experiência” e não de “citar a experiência de algum herói-civilizador da disciplina”.

Por fim, na fase “*pessoal ou existencial*”, o pesquisador procura extrair *lições* do caso vivenciado. Nesse momento, há um diálogo por parte do pesquisador com pessoas

em um tempo e materialidade reais, e não apenas uma realidade abstrata característica dos esquemas teóricos. Em síntese, o pesquisador encontra-se submerso no mundo pesquisado e após a pesquisa volta a se situar entre a realidade e o livro. Esta fase é marcadamente crítica e o pesquisador se percebe contraposto entre o *seu mundo* (ou seja, sua cultura) e outro.

Como instrumento metodológico para a produção de dados primários, a fim de compor a viabilidade da nossa pesquisa, elegemos a técnica da entrevista para obter informações sobre os idosos. A entrevista, enquanto instrumento de coleta de dados, está submetida aos fundamentos do método científico, ou seja, à busca de objetividade e à tentativa de captação do real sem a contaminação por parte do entrevistador ou de fatores externos que possam modificar este real.

Haguette (1990) elenca alguns aspectos que podem prejudicar a entrevista, “contaminando” a validade das informações: *Motivos ulteriores*: quando o entrevistado acredita que suas respostas podem contribuir de maneira positiva em sua situação futura; *Quebra da espontaneidade*: quando algo causa inibição no entrevistado. Isso pode ser ocasionado pela presença de outra pessoa durante a entrevista ou características como raça, sexo, educação ou classe social, presentes no próprio pesquisador; *Desejo de agradar o pesquisador*: quando o entrevistado percebe orientações e posicionamentos do próprio pesquisador; e, finalmente, os *Fatores idiossincráticos*: quando há intervalos durante as entrevistas e o entrevistado muda de opinião.

A autora pontua a importância de comparação entre as entrevistas, com a finalidade de análise científica dos dados. Esta comparação facilita a compreensão das informações, facilita também a descoberta de lacunas ou omissões presentes nas mesmas.

Outra técnica utilizada foi a história oral. Segundo Thompson (1992), a história oral é tão antiga quanto à própria história que, no século XIX, assistiu ao rápido avanço realizado pelo processo de desenvolvimento no método de trabalho de campo, análise histórica e teoria social.

Consideramos importante, para dar voz aos idosos, utilizar a técnica da história oral que consiste num instrumento de mudança capaz de colaborar na construção de uma sociedade mais justa. Para Thompson, “por meio da história as pessoas comuns costumam compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias

vidas: guerras, transformações sociais e mudanças tecnológicas” (1992, p.25). Concluindo que “os velhos são verdadeiros documentos históricos” (p.58).

Para a realização deste trabalho nos pautamos em uma das técnicas mais utilizadas pela história oral, a entrevista, por possibilitar a descoberta de documentos escritos e fotografias que, de outro modo, dificilmente teriam sido localizados. De acordo com Thompson (1992), “sem a evidência oral, o pesquisador pode descobrir pouca coisa, quer sobre os contatos comuns da família com os vizinhos e parentes, quer sobre suas relações internas” (p.28). Diante desta afirmação, fortalecemos nossa escolha pela entrevista compreendendo-a como o melhor caminho a ser trilhado para a realização de nossa investigação empírica.

Ao utilizar da entrevista devemos nos atentar para a problemática que se refere ao fato de, ao retomar o passado, despertamos memórias que podem ser dolorosas e, por sua vez, ocasionam sentimentos intensos, podendo afligir o entrevistado. Observamos durante a realização do nosso trabalho de campo, olhos enxerem-se de lágrimas, longos suspiros, sinais de revolta com ex-cônjuges e pais violentos, lembranças da situação de extrema pobreza vividas na infância, nós na garganta e engasgos. Presenciamos situações delicadas que tiveram que ser contornadas para não ir tão fundo nas memórias e emoções dos nossos interlocutores, o que poderia inviabilizar o prosseguimento das entrevistas e ocasionar falhas nos nossos objetivos enquanto pesquisadores. Para tanto, uma das saídas utilizadas foi interromper imediatamente aquele tópico, trocando radicalmente o assunto.

Alguns autores pontuam que, uma entrevista bem-sucedida depende necessariamente da habilidade do entrevistador. Thompson (1992) considera a existência de diferentes estilos de entrevista, que vão desde uma conversa amigável e informal até o estilo formal e controlado de perguntar. Segundo suas análises, cada entrevistador deve desenvolver uma variedade de formas de entrevistar, formas estas que irão produzir os melhores resultados e que estarão de acordo com a sua personalidade, seu referencial. O autor também pontua as características que um bom pesquisador deve possuir, tais como: “ter um interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles, e, acima de tudo, a disposição para ficar calado” (p.254). Além disso, o entrevistador, “deve ser tranqüilo e sem pressa, dando ao informante todo o tempo que quiser para ir a qualquer direção deixando que a entrevista flua” (p.254).

Haguette (1990) afirma que a entrevista consiste em “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (p.86). A interação possui quatro componentes fundamentais: o entrevistador, o entrevistado, a situação da entrevista, e o instrumento de captação de dados ou roteiro de entrevista. Esse roteiro consiste em pontos centrais antecipadamente pensados de acordo com a problemática que se quer abordar. Elementos que estão correlacionados e não fazem sentidos separadamente.

Argyris (1969), citado por Haguette (1990), mostra-nos algumas situações onde o entrevistado pode atingir uma condição de nervosismo e ansiedade. Afirma que as entrevistas são situações psicológicas novas para o entrevistado e, sendo assim, ele pode não saber como agir. Pode também ocorrer que alguns entrevistados não gostem da natureza autoritária do relacionamento entre ambos. Há casos de pessoas ligadas a algum tipo de instituição que vêm na entrevista uma espécie de armadilha para fazê-los falar sobre coisas ou pessoas, podendo comprometê-los. Outra característica atribuída aos pesquisadores é um alto grau de sofisticação e educação, fator que pode criar uma situação de defesa por parte do entrevistado.

Todas estas situações foram vivenciadas em campo. Alguns dos idosos entrevistados ao se depararem com a figura do entrevistador, muitas vezes ficaram constrangidos e falavam de suas limitações educacionais, além do medo de “não conseguir responder” as perguntas. Era preciso “quebrar o gelo”, falar que aquela entrevista não passava de uma conversa, que ele relataria alguns momentos de sua vida, e que o roteiro serviria apenas como guia, para evitar exageros e esquecimentos.

Utilizamos também a técnica da história de vida. Segundo Haguette (1990), essa técnica, mais do que em qualquer outra, exceto talvez na observação participante, possibilita dar sentido à noção de processo. Esse “processo em movimento” requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos.

Becker (1966) citado por Haguette (1990) aponta:

A história de vida não apresenta nem dados convencionais da ciência social, embora partilhe algumas de suas características por contribuir para a formulação de uma teoria sociológica geral, nem é uma autobiografia

convencional novamente assemelhando-se a ela sua forma narrativa, do ponto de vista pessoal e na sua instancia subjetiva. A história de vida se diferencia daquelas não só em termos de perspectiva adotada para o desenvolvimento do trabalho, assim como nos métodos utilizados (p. 80).

A fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória e cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992).

Também utilizamos, em menor escala, técnicas quantitativas através de dados secundários obtidos por meio de pesquisas realizadas por órgãos como Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Organização das Nações Unidas (ONU).

A partir do que já vem sendo produzido sobre o envelhecimento populacional, é possível constatar se o local privilegiado neste estudo, o município de Goiânia, segue as tendências nacionais e mundiais, e em que medida passa por uma transformação sócio-demográfica onde o número de idosos aumenta consideravelmente. Verificamos que as projeções para este município também seguem tais tendências.

Segundo os dados do IBGE (2000), verificamos que Goiânia possui uma população de 1.093.007 indivíduos. Destes, 76.184 possuem 60 anos ou mais, o que corresponde a aproximadamente 8% da população. A mesma fonte aponta que esse município passou por um expressivo aumento do número de mulheres com mais de 60 anos responsáveis pelo domicílio, percentual de 38%, em 1991, subiu para 57%, em 2000. Em contrapartida, o número de homens com mais de 60 anos que são responsáveis pelo domicílio diminuiu de 62%, em 1991, para 43%, em 2000.

O IBGE (2000) também traçou o perfil socioeconômico da população idosa, registrando, em Goiânia, uma população urbana de 48.084 de idosos. Desses, 5,3% não têm rendimento; 32,6 % vivem com até um salário mínimo (que em 2000 alcançava R\$151,00) e 14,8% vivem tendo como rendimento entre 1 e 2 salários mínimos. Nota-se que se somados, obteremos 42,7%⁹ sobrevivendo com até 2 salários mínimos, o que implica ressaltar que de 100%, quase metade dos idosos vivem com uma renda igual ou inferior a R\$ 302,00.

⁹ Informamos que aqui não totalizamos os 100% da soma, dada atenção que foi dispensada ao grupo que vive sem rendimento, com 1 ou no máximo 2 salários mínimos. Os outros percentuais não eram relevantes neste momento do texto.

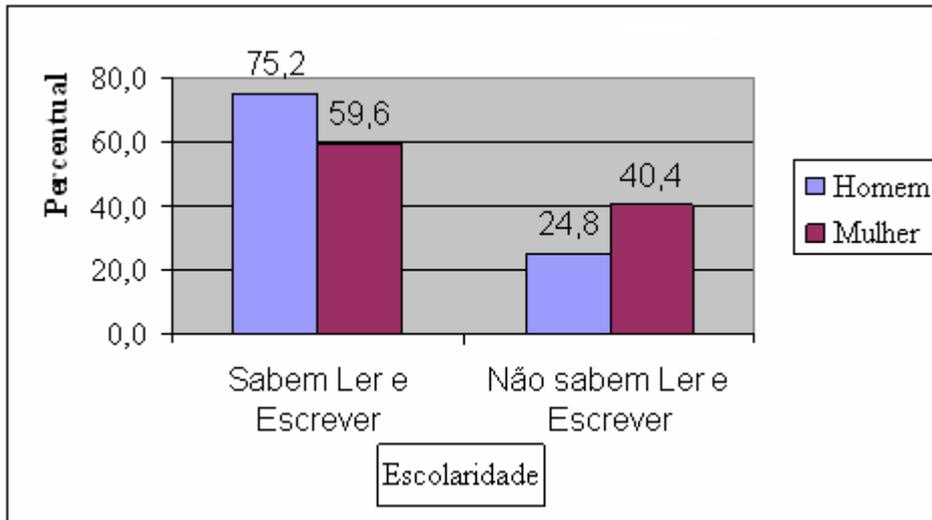
Apesar dos reajustes no valor do salário mínimo (não estamos calculando a inflação e nenhum outro componente econômico) os dados primários, levantados na pesquisa de campo constataram que, 7 dos 14 entrevistados vivem com renda igual ou inferior a 2 salários mínimos, atualmente R\$ 415,00.

Já entre a população rural (296 idosos), o IBGE (2000) apontou que 4,7 % não têm rendimento, 42,9 % possuem até um salário mínimo e 19,6 % vivem com uma renda entre 1 e 2 salários mínimos. Com relação à população urbana, que é preconizada nesta pesquisa, quase 50 % dos idosos vivem com uma renda mensal inferior a R\$ 415,00. No caso rural, os idosos ultrapassam aos 50%. Além disso, cabe ressaltar que todos os pesquisados se declararam responsáveis pelo domicílio.

Sobre o grau de instrução, foi pesquisada pelo IBGE em 1991, uma população de 30.506 indivíduos idosos e comprovado que, destes: 33,2% não têm instrução; 21,3% possuem de 1 a 3 anos de estudo; 22% estudaram 4 anos; 3,8% de 5 a 7 anos; 7,1 de 8 a 10 anos; 7,1 entre 11 e 14 anos e apenas 5,5% estudaram 15 ou mais anos. Em 2000, com uma população de 48.380, o IBGE constatou que: 23,1% não têm instrução ou têm menos de 1 ano de estudo; 22,9 % estudaram de 1 a 3 anos; 20,1 %, 4 anos; 6 % de 5 a 7 anos; 7,9%, 8 a 10 anos; 11,1% de 11 a 14 anos e apenas 8,9 % estudaram 15 anos ou mais.

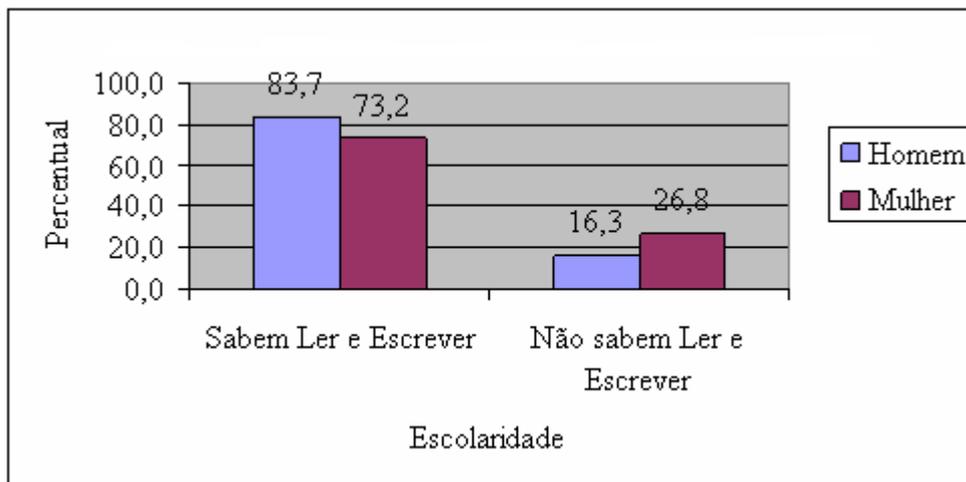
Seguem abaixo os gráficos correspondentes a proporção das pessoas de 60 anos ou mais responsáveis pelos domicílios, por alfabetização e sexo, em Goiânia, nos anos de 1991 e 2000, segundo o IBGE.

Gráfico 1. Proporção das pessoas de 60 anos ou mais, responsáveis pelos domicílios, por alfabetização e sexo, em Goiânia no ano de 1991.



Fonte: IBGE, 2000.

Gráfico 2. Proporção das pessoas de 60 anos ou mais, responsáveis pelos domicílios, por alfabetização e sexo, em Goiânia no ano de 2000.



Fonte: IBGE, 2000.

Se comparados os gráficos 1 e 2, que caracterizam pessoas de 60 anos ou mais responsáveis pelo domicílio segundo a escolaridade nos anos de 1991 e 2000, observamos que o número de analfabetos diminuiu, já que houve uma redução de

40,4%, para 26,8% dos homens, e 24,8%, para 16,3% das mulheres que não sabiam ler e escrever.

O quadro 1 trata do perfil dos idosos entrevistados e contém as seguintes variáveis: sexo, idade, escolaridade, situação conjugal, situação de moradia, situação previdenciária, número de filhos, situação no mercado de trabalho, institucionalizado e renda mensal média.

| Quadro 1. Perfil dos idosos entrevistados | | |
|--|------------------|-----------------|
| Sexo | Masculino | Feminino |
| Idade | | |
| 60 – 64 | 0 | 3 |
| 65 – 69 | 5 | 1 |
| 70 – 74 | 1 | 2 |
| 75 – 79 | 0 | 1 |
| 80 – 84 | 0 | 1 |
| < 85 (96 anos) | 0 | 1 |
| Escolaridade | | |
| Alfabetizado | 0 | 2 |
| Ensino fundamental | 3 | 3 |
| Ensino médio | 1 | 0 |
| Ensino médio técnico | 1 | 0 |
| Ensino superior | 0 | 1 |
| Pós-graduação | 1 | 0 |
| Não sabe ler nem escrever | 0 | 2 |
| Situação conjugal | | |
| Casado | 5 | 1 |
| Divorciada | 1 | 5 |
| Viúva | 0 | 2 |
| Situação de moradia | | |
| Cônjuge | 2 | 1 |
| Cônjuge e filhos | 2 | 0 |
| filhos | 0 | 1 |
| Cônjuge, filhos/netos | 1 | 0 |
| Cônjuge e netos | 0 | 1 |
| Com netos | 0 | 1 |
| Sozinho | 1 | 3 |
| Situação previdenciária | | |
| Aposentado(s) | 5 | 7 |
| Não aposentado (s) | 1 | 1 |
| Número de filhos | | |
| Sem filhos | 0 | 1 |
| Até 02 filhos | 2 | 4 |
| De 03 até 04 filhos | 3 | 1 |
| De 05 até 06 filhos | 0 | 2 |
| De 07 até 08 filhos | 1 | 0 |

| Cont. Quadro 1. Perfil dos idosos entrevistados | | |
|--|---|---|
| Ainda trabalha | | |
| Sim | 6 | 3 |
| Não | 0 | 5 |
| Institucionalizado | | |
| Sim | 0 | 4 |
| Não | 6 | 4 |
| Renda mensal (em R\$) | | |
| De R\$ 380,00 até 560,00 | 1 | 4 |
| De R\$ 561,00 até 940,00 | 1 | 1 |
| De R\$ 941,00 até 1.320,00 | 0 | 1 |
| De R\$ 1.320,00 até 1.700,00 | 3 | 1 |
| De R\$ 1.701,00 até 2.080,00 | 0 | 0 |
| De R\$ 2.081,00 até R\$ 5.000,00 | 0 | 1 |
| De R\$ 5.000,00 até R\$ 10.000,00 | 0 | 0 |
| Acima de R\$ 10.000,00 | 1 | 0 |

Fonte: Pesquisa Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia (2007/08).

Os dados expostos no quadro acima representam o perfil dos 14 idosos entrevistados. Sobre a idade, verificamos que variam entre 60 e 96 anos. Enquanto as mulheres foram encontradas em todas as subdivisões, os homens entrevistados concentraram-se majoritariamente dos 65 aos 69 anos.

Sobre escolaridade, verifica-se que há idosos em todas as subcategorias: alfabetizados, no ensino fundamental, ensino médio, curso técnico, graduados, pós-graduados e aqueles que não lêem; porém, observamos que a maioria dos entrevistados cursou apenas o ensino fundamental. Dos 14, seis encontram-se nestas condições.

A variável situação conjugal nos aponta um dado relevante. Trata-se do fato de cinco dos seis entrevistados homens serem casados e apenas uma das oito mulheres apresentar essa condição (este tópico será aprofundado na discussão sobre família e novas formas de se conceber o relacionamento afetivo). Sobre a situação conjugal, também notamos entre as entrevistas que 1/4 das mulheres são viúvas e que não há viúvos. Essa é uma das explicações da feminização do envelhecimento, tema que será explicitado nos próximos capítulos, especialmente na discussão sobre mortalidade diferencial por sexo.

No item situação de moradia, quando questionados acerca da companhia com quem moram, verificamos configurações diversas. Dos 14 entrevistados, quatro vivem

sozinhos, sendo três mulheres e apenas um homem; três vivem com cônjuges, e os demais vivem com neto, com filhos ou com filhos e netos.

Com relação à aposentadoria constatamos que dois dos 14 idosos ainda não o fizeram, um homem e uma mulher. O primeiro já deu entrada nos papéis e aguarda o desenrolar do processo, enquanto a mulher não deseja a aposentadoria, pois se mantém através de outras fontes (possui casas de aluguel e recebe pensão do ex-marido). Essa idosa afirmou que nunca teve trabalho formal, que era apenas esposa e dona de casa e, provavelmente, não deve ter contribuído com a previdência ao longo dos anos.

A variável número de filhos indica que onze idosos do grupo entrevistado possuem até quatro filhos e três deles têm até 8 filhos. Verificamos que esse número vem diminuindo com o passar do tempo e que as coortes¹⁰ mais novas tendem a reduzi-lo cada vez mais.

Sobre as condições de trabalho verificamos que dos idosos entrevistados 9 ainda trabalham e 5 não o fazem mais. Desses cinco, três não o realizam por motivos de saúde, mas afirmam que se estivessem em pleno vigor físico, o fariam.

Com relação às instituições, quatro dos idosos entrevistados as freqüentam e, neste caso, são todas mulheres.

1.2 Teoria Social e Modernidade: contribuições teóricas

Como referencial teórico-metodológico deste trabalho utilizamos a teoria social, pois sabemos que, além de relevante para o conhecimento, esta, se faz cada vez mais necessária. A teoria social fornece concepções da natureza, da atividade social humana e do agente humano que podem ser colocadas a serviço do trabalho empírico.

Giddens (2003) pontua que “a principal preocupação da teoria social é idêntica às das ciências sociais em geral, a elucidação de processos concretos da vida social” (p. XIV). Temos, enquanto sociólogos, o objetivo de transformar um problema social, como a questão crescimento do número de idosos, em um problema sociológico, problematizar através de teorias, métodos e pesquisa empírica a relação dos idosos com a modernidade.

¹⁰ Coorte é um conjunto de pessoas que tem em comum um evento que se deu no mesmo período. Exemplo: coorte de pessoas que nasceram em 1960, coorte de mulheres casadas em 2004, etc.

Cientes que atualmente existem cada vez um número maior de idosos e que a modernidade proporcionou condições favoráveis para que tenham uma vida mais ativa (na medida em que contribuiu, por exemplo, com a criação de meios de transporte mais adequados e toda uma gama de utensílios domésticos eletro-eletrônicos que permite ao idoso viver com um maior conforto, e o usufruto dos bens culturais de sua sociedade). Ressalva-se, neste aspecto, o papel que os meios de comunicação de massa assumem como formas de entretenimento para as pessoas idosas.

As contribuições teóricas da antropóloga Guita Debert (2000) para as investigações acerca do envelhecimento populacional no Brasil são relevantes para compor nosso quadro de análise. Suas obras, referências para estudiosos desse tema, contribuíram sobremaneira para a realização deste trabalho. Seus estudos apontam o fato de que a última década assistiu à transformação da velhice, tema privilegiado quando se pensa nos desafios enfrentados pela sociedade brasileira. O idoso é um ator que, a cada dia mais, adentra a agenda pública e gera implicações em inúmeras práticas.

Debert (2004) aponta que classificar os indivíduos em períodos etários é algo importante em diferentes sociedades, pois identifica as formas de sociabilidade dos indivíduos nos contextos sociais distintos. Os estudos contemporâneos permitem novos recortes de pesquisa e as categorias idade e gênero passaram a fazer parte dos mesmos, reconhecendo que a diferenciação por idade é também uma questão de organização social. Debert (2004) destaca os “cursos da vida”, expressão utilizada para caracterizar etapas mediadoras entre a idade adulta e a velhice: a “meia-idade”, a terceira idade e a aposentadoria ativa. Essas fases são características das sociedades modernas e geram demandas, atores políticos e consumidores.

A autora afirma que o termo terceira idade, muito utilizado por estudiosos e pela mídia, possui um sentido diferenciado. Diferente da visão depreciativa que adquiriu ao passar dos anos, Debert (2004) acredita que terceira idade tem muito mais a ver com juventude que com velhice (p.301). Concordando com essa autora, consideramos que, abordar a questão da terceira idade é versar diversos discursos, inclusive aqueles reproduzidos pela mídia, reconhecendo novos espaços de sociabilidade. O grande avanço dessas análises é pontuar que a idade não é definidora de comportamentos e estilos de vida. Assim sendo, tanto a mídia quanto os grupos de sociabilidade ditam uma série de condições como técnicas corporais, hábitos saudáveis, alimentação e atividades físicas, lugares para o lúdico, a dança, o turismo e as universidades. Estabelecem, enfim,

um novo código para aqueles que não querem se comportar como velhos (apesar dos anos de idade).

De acordo com Alcântra (2004), o termo foi implantado na França através de políticas sociais e denota o indivíduo bem sucedido e, como apontou-nos Debert (2004), está relacionado à juventude, ou seja, “jovens velhos”, dinâmicos, ativos, que se tornam alvo do mercado consumidor.

Para Lenoir (1996), a terceira idade é antes uma nova categoria etária entre a maturidade e a velhice, do que uma negação desta. A autonomia da nova categoria torna-se visível por meio dos pares de opostos que surgem no espaço social durante a reorganização dos agentes especializados: terceira idade em contraposição à velhice, aposentadoria ativa em contraposição à aposentadoria passiva, casa de repouso em contraposição a asilo, gerontologia em contraposição à assistência social. No entanto, essa nova representação não se teria difundido como identidade etária se sua capacidade descritiva não encontrasse correspondência nos anseios e nas demandas que surgiram no cotidiano dos sujeitos.

Durante as décadas de 1960 e 1970, as camadas médias urbanas começaram a adentrar no universo da aposentadoria, sendo que sua inserção nas cadeias produtivas foi realizada após a entrada de trabalhadores menos qualificados. Essa camada social possuía hábitos sociais e culturais diferenciados, aspirações e necessidades de consumo mais sofisticadas, que passaram a ser atendidas por novas agências especializadas. A fim de fazer uma clientela, as caixas de aposentadoria se organizaram para oferecer, além de vantagens financeiras, serviços diferenciados como clubes, férias programadas, alojamentos especiais, atividades de lazer e grupos de convivência.

A relação entre o surgimento da noção de terceira idade e as classes médias é especificamente analisada por Lenoir (1996), que considera haver uma identidade nada casual entre as principais características desse grupo e as imagens que compõem a identidade da terceira idade. As classes médias acumulam fatores que aceleram o envelhecimento de seus membros: estão, mais do que qualquer outra classe social, predispostas a recorrer ao conhecimento e à intervenção de especialistas; e cultivam o individualismo e a intimidade psicológica que favorecem o investimento dos sujeitos em identidades específicas. Essas características fazem dela o grupo da população mais “interessado” na invenção da terceira idade.

Um importante autor nas ciências sociais resgatado por Debert (2000) para discutir as transformações históricas encontradas na sociedade é o sociólogo Norbert

Elias. A teoria de Elias faz-se de suma importância para sociologia contemporânea e sua obra contribui para a compreensão de fenômenos atuais. Elias faz uma sociologia própria utilizando uma metodologia processual ou história de longa duração, demonstrando que o conceito de sociedade não é o mais adequado para explicarmos a vida coletiva.

Em “O Processo Civilizador” Elias (1990) analisa a história dos costumes, concentrando-se nas mudanças das regras sociais e no modo como os indivíduos percebiam tais mudanças, modificando, assim, comportamentos e sentimentos. O autor analisa transformações no que tange aos costumes de comer carne; atitudes em relação a funções corporais; o hábito de lidar com a higienização pessoal; o comportamento no quarto; as relações entre os sexos; a agressividade; as atitudes dos cavaleiros medievais, dentre outras. Suas análises compreendem desde pequenas atitudes dentro da corte, até a vida pública de cada indivíduo, demonstrando como as mudanças na *psique* dos indivíduos alteram toda a figuração social e vice-versa. Sua teoria do processo de civilização baseia-se na defesa de que toda e qualquer transformação, ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma maneira, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres que a compõem.

Disso notamos o problema central que permeia a obra em questão: saber quais as transformações experimentadas pelos indivíduos para chegar ao que hoje encontramos na ordem prática como sendo os sinais característicos do homem civilizado. Elias desenvolveu uma teoria baseada em dados empíricos capazes de demonstrar como esse processo altera concomitantemente a estrutura social e a *psique* do indivíduo.

Um ponto relevante tratado por Elias ao longo do livro se refere às mudanças de comportamentos dos indivíduos adultos. O processo civilizador propiciou divisões, sobretudo de direitos e deveres, e, enquanto a criança foi caracterizada como dependente, o adulto passou a assumir maiores responsabilidades e a lidar com a cidadania de forma mais elaborada.

Elias procura entender como se dá a formação de configurações sociais específicas através de processos históricos de longo prazo e engendrados na articulação entre as mudanças estruturais na sociedade e as mudanças correspondentes nos códigos de comportamento.

O autor mostra-nos como a moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito, que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física, e a extensão das cadeias da ação e interdependência social, ocasionaram uma mudança “civilizadora” do comportamento humano. O aumento do controle do indivíduo sobre os seus próprios atos sociais na forma de autocontrole vai ser cada vez mais importante para a vida em sociedade.

Ao falar sobre costumes da população idosa, podemos salientar que esses indivíduos adquiriram maneiras distintas de viver, já que alguns idosos fazem parte de uma população que nasceu num ambiente rural, cujo contexto social era diferente. A migração para a cidade também implicou em transformações diversas, exigindo novas adaptações.

Essas transformações são processuais e devem ser consideradas tanto para o estabelecimento de políticas públicas quanto para a realização de estudos científicos.

Em “A solidão dos moribundos” (2001), Elias afirma que:

No curso de um processo civilizador, mudam os problemas enfrentados pelas pessoas. Mas não mudam de uma maneira desestruturada, caótica. Examinando de perto, detectamos uma ordem específica mesmo na sucessão de problemas sociais humanos que acompanham o processo. Esses problemas também têm formas que são específicas de seu estágio particular (2001, p.24).

Elias (2001) examina diferentes situações do ser idoso nas sociedades pré-industriais e industriais, trazendo elementos relevantes para a discussão aqui proposta. Segundo o autor, “o processo de envelhecer produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as relações com os outros” (p.83). Consideramos as contribuições teóricas de Elias cruciais para situar a discussão sobre o papel da família para esse indivíduo, sobretudo na sociedade brasileira, e também para discorrer acerca das transformações ocasionadas pelo envelhecimento populacional no Brasil e no mundo.

Giddens (2002) discute modernidade e suas relações com a esfera individual. A falta de sentido pessoal e a sensação de que a vida nada tem a oferecer, tornou-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia. Segundo seu entendimento, o “isolamento existencial” não é tanto uma separação do indivíduo em relação aos outros,

mas uma separação entre o indivíduo e os recursos morais necessários para se viver uma existência plena e satisfatória.

Giddens (1991), citado por Debert (2000), considera que, nas sociedades pré-modernas, tradição e continuidade estavam estreitamente ligadas com gerações e que, no contexto urbano, o conceito de geração só faz sentido em oposição a um tempo padronizado. Isso reforça a argumentação de um tempo universal e, desse modo, as práticas de uma geração só são repetidas se forem reflexivamente justificadas. Nesse sentido, evidenciaremos ao longo desta pesquisa como tais afirmações se reafirmam através dos dados e informações obtidas no trabalho de campo.

Mesmo reconhecendo a complexidade da questão, este trabalho não pretende ter uma visão maniqueísta, em que o indivíduo idoso é sempre bom, leal, justo, e as pessoas de outras faixas etárias e o Estado seriam, ao contrário, desleais ou cruéis. O objetivo do mesmo consiste em conhecer algumas especificidades que ainda existem em nossa sociedade em relação aos idosos.

Nesse momento, partimos para uma discussão fundamental que permeia o estudo: o processo de modernização. Em “As conseqüências da modernidade” (1991), Giddens pontua que as sementes da globalização são plantadas pelos processos de modernização. Giddens não concebe a modernização como representante do começo de uma nova era ou época da humanidade. A globalização é uma continuação de tendências postas em movimento pelo processo de modernização que teve início na Europa do século XVIII. A modernização substituiu as formas de sociedades tradicionais que eram baseadas na agricultura.

As análises de Giddens (1991) análises acentuam que a modernização e a modernidade são baseadas em um processo, segundo o qual uma idéia fixa e estreita de “lugar” e “espaço” (que prevalece até os tempos modernos) é gradualmente substituída pela de “tempo universal”. Essa seria a chave para o processo de desencaixe.

Giddens afirma que o processo de modernização “distanciou” os indivíduos e as comunidades das sociedades tradicionais das noções estreitas de tempo, espaço e status. Desse modo, a modernização “desencaixou” o indivíduo feudal de sua identidade fixa no tempo e no espaço.

Anthony Giddens, Ulrich Beck, e Scott Lash (1997) em “Modernização Reflexiva”, optam por apontar os anos de 1980 e o declínio do Estado de Bem-Estar

social¹¹ como o período da modernização reflexiva, ou seja, uma fase da história caracterizada pela confrontação da modernidade consigo mesma, com acúmulo de riscos e ruptura de fronteiras, do âmbito pessoal ao planetário.

Afirmam que as ciências sociais e o mundo social se encontram defronte a uma nova agenda que lida com o tema da transformação. Porém, ressaltam que essa transformação se apresenta a partir de duas esferas: por um lado, há uma difusão extensiva das instituições modernas, universalizadas por meio dos processos de globalização. Por outro, estão os processos de mudança intencional, que podem ser conectados à radicalização da modernidade. Esses são processos de abandono, desincorporação e problematização da tradição.

Vivemos em uma sociedade pós-tradicional. A modernidade, mesmo se colocada em oposição à tradição, a todo tempo a reconstrói. Segundo Giddens (1997), “a tradição polarizou alguns aspectos fundamentais da vida social, pelo menos a família e a identidade social” (p. 74).

De acordo com Simmel (1983), a sociabilidade:

“é uma forma autônoma ou lúdica da sociação, cujas manifestações não têm propósitos objetivos. Sem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Sua principal característica é o êxito do momento” (p.121).

Desse modo, as condições e os resultados do processo são exclusivamente as pessoas que se encontram numa dada reunião social, cujo caráter é determinado por qualidades pessoais, tais como, amabilidade, refinamento e cordialidade. Já o conflito é definido por Simmel como:

“uma forma de sociação, importante para manter o grupo unido, pois, aponta diferenças entre os indivíduos.”(...) “O conflito está destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes” (*Idem*, p.122).

O envelhecimento populacional altera diversas relações sociais. Evidenciam-se mudanças no mundo do trabalho, na estrutura das famílias, e na aposentadoria, gerando, como resultado, problemas sociais ainda maiores, como: falta de ocupação,

¹¹ O Estado de Bem-estar Social ou *Welfare State* é um modelo de organização política e econômica que coloca o Estado como agente da promoção social e organizador da economia. Neste texto não emitimos nenhum juízo de valor sobre esse modelo, visto que sobre ele não há consenso teórico em quaisquer disciplinas ao qual é discutido.

marginalidade dos idosos, conflito entre os próprios idosos e entre eles e indivíduos de outras faixas etárias, que os vêem como uma parte da sociedade que, além de não fazer parte da População em Idade Ativa (PIA) de alto custo para o governo, não trabalha e ainda recebe aposentadoria. Verificamos que, por si só, o envelhecimento populacional gera conflitos na sociedade.

Concordando com os argumentos de Simmel, entendemos que existe aniquilação de uma das partes quando há conflitos e, em alguns momentos, o idoso por possuir menos recursos materiais, intelectuais, jurídicos, médicos, dentre outros, tem inúmeros prejuízos, ou seja, é a fração aniquilada no momento do conflito.

Nota-se que, além dos mesmos problemas enfrentados por indivíduos de outras faixas etárias, a exemplo das difíceis condições na área de saúde, a precária situação familiar, reduzida oferta de empregos, carência econômica, inexistência de políticas públicas e amparo social, os problemas educacionais, os decorrentes das relações de gênero, habitacional e racial, a maior parte dos idosos, além de não ser economicamente ativa, é aposentada. Ainda existe um percentual significativo de idosos que não conseguem se aposentar, necessitando manterem-se ativos em um mercado cada vez mais excludente, que exige mais capacitação, boa aparência, domínio de língua estrangeira e vários outros pré-requisitos. Parece incoerente pensarmos os idosos nesse mercado e, não sem motivos, acabam por ocupar os piores cargos e receber os mais reduzidos salários. Não obstante, ainda existe o preconceito por serem idosos, terem menor capacidade física, não se enquadrarem nos moldes de beleza e habilidade da sociedade moderna.

Verificamos que o mercado de trabalho também se insere na lógica da globalização que, para Giddens (1991), significa ação à distância, onde os contextos locais têm seus sentidos esvaziados, sendo redefinidos pelo global e vice-versa. Nesse contexto, o indivíduo sofre o impacto de tamanhas transformações, adaptando-se às mesmas ou ficando fora delas, sentindo-se excluído e, de fato, sendo excluído das formas de sociabilidade que as novas tendências da vida moderna trazem consigo.

Portanto, quem não se insere na dinâmica da globalização, dificilmente consegue um lugar de destaque na sociedade. É essa uma das razões pelas quais o indivíduo idoso deve buscar maneiras de se adaptar. Como ressaltamos, e de acordo com Debert (2000), há novas maneiras de ser idoso na atualidade que vai à contramão dos rótulos tradicionalmente instituídos. Ir para a faculdade, fazer algum tipo de atividade física, cursar informática, viajar pelo país ou para o exterior, etc. Tais situações demandam

dinheiro e, por isso, torna-se importante considerar as diferenças de classe dentro do segmento idoso.

1.2.1 A Teoria da estruturação e o envelhecimento

Compondo uma discussão diferenciada daquelas oferecidas pelos clássicos da sociologia para explicar as relações entre indivíduo e sociedade, Giddens (2003) apresenta-nos uma nova teoria social, a teoria da estruturação. A nova teoria proposta por Giddens consiste na conciliação de teorias já existentes, a partir da teoria clássica de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, com a de contemporâneos como Erving Goffman, tentando romper com o dualismo estrutura e indivíduo presente nas mesmas. Para fazê-lo, a teoria da estruturação de Giddens admite uma dualidade da estrutura, que pode favorecer ou coagir o indivíduo, dependendo de sua capacidade para lidar com ela.

Informa-nos que o agente, individualmente ou em grupo, assume papel fundamental na estrutura social. Cumpre dizer que o indivíduo recebe um patamar privilegiado na teoria da estruturação, pois é assegurada em sua consciência, condições e conseqüências de seus atos. Giddens tenta evitar alguns exageros contidos nas correntes anteriores. Sua proposta visa romper com o dualismo clássico entre objetivismo/subjetivismo a partir do reconhecimento de que existe uma tensão reflexiva entre eles no plano social.

Suas análises enfatizam que o funcionalismo e o estruturalismo têm algumas semelhanças e contrastes, por isso, são unânimes em enfatizar que o todo social é preeminente em relação as suas partes individuais. Ele afirma que a hermenêutica continha argumentos que se opunham aos dos estruturalistas, e nas demais sociologias interpretativas, a ação do sujeito tem primazia na explicação da conduta humana, ao contrário do encontrado nas teorias sistêmicas. Suas considerações revelam que essas diferenças de abordagens são, além de epistemológicas, ontológicas.

Para Giddens (2003), a saída desses antagonismos pode ocorrer se admitirmos uma dualidade da estrutura. Quando utiliza o termo estrutura ele afirma que se refere às propriedades estruturais de organizações e sistemas, e não a algo análogo à estrutura física de um prédio, algo que se poderia ver de um modo concreto. Nessas condições, a estrutura deve ser pensada em termos da recursividade da vida social. Não é algo dado

simplesmente, ela passa pela ação dos indivíduos e, nesse sentido, existem semelhanças interessantes entre as estruturas de sistemas e a estrutura da linguagem, pois esta só existe na medida em que as pessoas falam, mas em continuidade dentro de comunidades, através do tempo e do espaço. As pessoas falam uma determinada língua enquanto sabem as formas e regras para fazê-lo.

Conciliando as duas vertentes, de um lado o estruturalismo e do outro as teorias interpretativistas, Giddens propõe a teoria da estruturação que visa à superação do dualismo estrutura e indivíduo e, para tanto, reconhece uma dualidade do agente com relação à estrutura onde vive. A estrutura é coercitiva, mas também facilitadora. Por agência, Giddens define toda ação humana, dotada ou não de intenção. Outros estudiosos afirmam que a agência humana só pode ser definida em termos de intenções, ou seja, para que um item do comportamento seja considerado uma ação, é preciso que o realizador tenha a intenção de manifestar, caso contrário, o comportamento em questão é apenas uma resposta reativa.

Em Giddens (2003), encontraremos a afirmação que agência diz respeito a eventos dos quais o indivíduo é perpetrador no sentido de que ele poderia, em qualquer fase de uma dada seqüência de conduta, ter atuado de modo diferente. Acentua este autor que “agência não se refere a intenções que as pessoas têm ao fazer as coisas, mas à capacidade delas para realizar essas coisas em primeiro lugar” (p.7). Ele aponta que a ação depende da capacidade do indivíduo de criar uma diferença em relação ao estado de coisas ou curso de eventos preexistente. Um agente deixa de o ser se perde a capacidade para criar uma diferença, isto é, de exercer uma espécie de poder.

Sobre agentes ou atores sociais¹², Giddens afirma que todos são cognoscitivos, isto é, possuem um considerável conhecimento das condições e conseqüências do que fazem em suas vidas cotidianas. Esse fazer cotidiano gera uma rotinização, que consiste no agir da vida social cotidiana, na natureza repetitiva de atividades. A rotina garantiria uma segurança ontológica das ações humanas, isto é, a confiança de que os mundos, natural e social, são como parecem ser.

Essas ações rotinizadas, que os atores realizam nas condições sociais - incluindo as suas próprias ações, mas não podem expressar discursivamente - resultam no que Giddens define como consciência prática. Já a capacidade de verbalização das ações, seria a consciência discursiva, pois o agente, se indagado, deve ter condições para

¹² Giddens (2003) aponta que usa indistintamente os termos agentes ou atores humanos (p.XVIII)

explicar suas ações. Esse é o principal critério de competência aplicado na conduta cotidiana. Giddens admite que, cotidianamente não deve haver barreiras, nem uma rígida distinção entre os tipos de consciência, apenas diferenças entre o que pode ser dito e o que é feito. Essas consciências estão permeadas por uma monitoração reflexiva, que consiste no processo constante que os agentes fazem e recebem em suas ações cotidianas, envolvendo as condutas do próprio agente e também de outros.

Segundo a teoria da estruturação, o agente cognoscitivo tem capacidade de lidar com a estrutura que, por sua vez, é detentora de regras e recursos. Nesta concepção, Giddens nega a idéia de coerção presente em Durkheim e em alguns estruturalistas. Para ele, a estrutura é reflexiva, dinâmica e mutável, e isso é estabelecido através da relação de tempo e espaço.

Tempo e espaço devem fazer parte das análises sociológicas, não apenas das geográficas e históricas. A vida social é formada por agentes ativos e reflexivos, que ordenam suas condutas no tempo e no espaço, cotidianamente. Composto a teoria da estruturação, as noções de integração social – que são as relações de co-presença que os indivíduos estabelecem entre si – e integração sistêmica – que consiste em relações de tempo e espaço, que não exigem o estado de co-presença e gera novas formas de sociabilidade – são conceitos elucidadores. Giddens afirma que o centro de análise desta teoria se funda na produção e reprodução da sociedade. A modernidade é reflexiva e sociológica porque os indivíduos recebem a todo o momento milhares de informações, recriam-nas no tempo e espaço, (que agora são universais), constantemente.

Parece-nos pertinente apropriarmos da teoria da estruturação apresentada por Giddens (2003) para explicar o cotidiano dos idosos em relação à estrutura social vivenciada por eles. A estrutura, conjunto de regras e recursos, tem diferentes representações para indivíduos diferentes, cujas maneiras de lidar com essas regras e recursos são proporcionais a capacidade de cada um. Por isso, Giddens acrescenta neste debate uma discussão a respeito do poder, afirmando que o poder determina a capacidade de lidar com as regras impostas pela estrutura. Os recursos que cada um utilizará para tentar transformar essa estrutura variam de acordo com o capital cultural, econômico e educacional que cada indivíduo possui.

A partir das informações obtidas por meio das entrevistas, percebemos a aplicabilidade da teoria de Giddens. Os idosos mais escolarizados, aqueles que freqüentam as instituições (que desenvolvem trabalhos para idosos), os que se movimentam na estrutura social onde estão inseridos e/ou os de maior poder

econômico formam um grupo que se destaca em relação a outro, no que tange a conhecimento de seus direitos e a busca por informações de como envelhecer de uma maneira saudável, garantindo o cumprimento de direitos que foram historicamente conquistados. Já o grupo de reduzida escolaridade, que não freqüentam as instituições e/ou de menor poder aquisitivo, tendenciaram suas respostas dizendo não conhecer o Estatuto do Idoso, nem a Política Nacional do Idoso. Alguns informaram que não possuíam a carteirinha para isenção do transporte coletivo e que não sabiam da mesma, isto é, desconheciam um direito que lhes é garantido por lei. Outros demonstraram desinformação em relação ao trabalho desenvolvido e a existência de instituições que se destinam ao atendimento de idosos.

A consciência prática e discursiva desses idosos também foi observada em nossas entrevistas. Quando questionados sobre alguns assuntos, alguns idosos não tiveram a capacidade de verbalização, algo que Giddens aponta como problemático, visto que aquele que não possui consciência discursiva tem menos poder de lidar com a estrutura.

1.3 Transformações nas formas de conceber e vivenciar a velhice

Penso que ainda existe vida nos retratos amarelo., Eu vejo, eu falo, eu ouço, eu penso. Sou carne viva, sangue circulando. Tenho sentimentos até mesmo na velhice (Velhice - Dorsal Atlântica).

Giddens (2007), ao discorrer sobre globalização, aponta que esta não significa apenas pessoas acrescentando às suas vidas aparelhos eletrônicos modernos (vídeos, televisores, computadores). Trata-se de mudanças que afetam quase todos os aspectos do que fazemos “para bem ou para mal” (p.17), e estas nos arremessam rumo a uma ordem global cujos efeitos se fazem sentir sobre nós. E prossegue afirmando que “A globalização não é, portanto, um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes operam de uma maneira contraditória ou antagônica” (p.23).

A temática fundamental discutida pelo autor refere-se aos efeitos da globalização sobre a sociedade tradicional, levantando as mudanças pelas quais estão passando culturas tradicionais, o choque entre a busca de integração e o fundamentalismo, as intolerâncias religiosas e as identidades nacionais e as incertezas criadas pelo processo de unificação em escala planetária.

Os temas abordados por Giddens (2007) vão de encontro ao problema teórico levantado no presente estudo. Ao falar sobre globalização, risco, tradição e família esta pesquisa aponta mudanças já perceptíveis nos papéis de gênero, no casamento e no núcleo familiar. Esses mesmos assuntos são aqui problematizados, mostrando que estas mudanças que ocorrem em esfera global afetam diretamente os idosos.

Ao discutir a relação entre tradição e globalização ao contrário de que Hobsbawn sugeriu quando defendeu que algumas tradições e costumes são inventados, são meios de manter o poder, Giddens (2007) afirma que viraria essa argumentação de ponta cabeça, sugerindo que todas as tradições são inventadas, aponta para a necessidade da modernidade em criar tradições para servir como mecanismo de controle, uma vez que a tradição é propriedade de grupos, de coletividades ou comunidades.

Assim, não seria o tempo de existência que caracteriza a tradição, mas, sim, o ritual e a repetição, que, por sua vez, vão definir um tipo de verdade, que corresponderá à estrutura (a base) das ações sociais e que podem, em grande parte, não ser questionadas. Por essa aceção, nos países industrializados, instituições governamentais e econômicas definem a persistência da tradição.

No entanto, mudanças estão ocorrendo na contemporaneidade sob o impacto da globalização, afinal, atualmente, as ações não são mais limitadas às áreas geográficas, mas têm repercussões globais. Isso implica no desprendimento tanto das instituições públicas, quanto da vida cotidiana da tradição, corroborando para a idéia da sociedade cosmopolita global. Argumenta:

No entanto, com freqüência as tradições também sucumbem à modernidade, e em algumas situações isso vem ocorrendo para o mundo todo. Tradição que é esvaziada de seu conteúdo, e comercializada, torna-se *kitsch* – as bugigangas que se compram na loja do aeroporto. Tal como desenvolvida pela indústria da herança, herança é tradição reembalada como espetáculo. Os prédios restaurados nos locais turísticos, podem parecer esplêndidos, e a restauração pode parecer autêntica até os mínimos detalhes. Mas a herança que é assim protegida está dissociada da seiva da tradição que é sua conexão com a experiência que é a vida cotidiana (Giddens, 2007, p.54).

O autor também considera que as tradições são necessárias em uma sociedade para dar continuidade e formar a vida social. Todavia, propõe que a tradição seja defendida e perpetuada de uma maneira não tradicional, o que se torna possível a partir das trocas culturais. Nesse sentido, à medida em que o papel da

tradição muda, novas dinâmicas são introduzidas na vida social, constituindo, por um lado, um “empurra e puxa” de ação e compulsividade, e, por outro, uma troca entre cosmopolitismo e fundamentalismo. Essas trocas, ao mesmo tempo em que mudam as estruturas mundiais, interferem na identidade do cidadão que se encontra no cerne da luta entre dependência e autonomia e entre fundamentalismo e cosmopolitismo, característica da atual globalização.

Os dados encontrados no trabalho de campo desta pesquisa apontam que os idosos estão mudando sua maneira de agir e lidar com as tecnologias, admitindo que é necessário aprender a viver com as mesmas. Ainda que haja resistências, os idosos assumem que as tecnologias são necessárias, mudam a maneira de pensar a família e desenvolvem novas sociabilidades.

Isso nos faz problematizar a questão da tradição e, de acordo com o que fora exposto por Giddens (2007), as tradições cedem às exigências e aos padrões da modernidade. Elas também são reflexivas, são reinventadas. As formas de conceber o envelhecimento muda, tanto na visão dos idosos, quanto dos demais componentes da dinâmica populacional.

As entrevistas foram ilustrativas quanto a esta questão. Os idosos falaram do envelhecer na época de seus pais e como vivem o envelhecer nos dias atuais.

(...) meu pai a gente não pode falar envelhecer na época do meu pai porque ele continua envelhecendo, completou agora 91 anos e minha mãe 90. Eu acho que meu pai na idade que eu estou hoje, levava uma vida um pouco mais sossegada, embora já morasse em São Paulo, ele levava uma vida mais tranqüila, já estava aposentando, se dedicava mais ao trabalho da igreja, não era pastor não mais sempre trabalhou dirigindo escola dominical quando começou escola dominical, pregando, mas aqui em Goiânia está começando a ficar ruim, a cidade ta crescendo muito no interior ainda, embora não seja aquele mesmo interior ainda é mais sossegado, mais calmo, mas fácil de viver, ou menos difícil. Há uns 3 anos atrás eu tava na casa do meu pai e tinha um gravadorzinho na mesa, eu queria ouvir uma fita, peguei a fita. Como é que liga isso aqui, falei pro meu pai, perai, foi lá no escritório, buscou um papelzinho, pra aprender a ligar um gravador. Ele não se adapta ao computador, ele tem uma máquina de escrever que tem a minha idade, usa ela até hoje, não se adapta ao computador, a novas tecnologias, ele nunca quis um celular, agora minha filha está dando o dela pra ele e disse: “Vô, se alguém chamar você abre e fala, fechou desliga”. Mas ele não vai saber mandar uma mensagem, um torpedo, nada disso. (João¹³, 68 anos, fotógrafo)

¹³ Os nomes utilizados nesta dissertação são fictícios, preservando o anonimato dos entrevistados e seguindo as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa.

Essa fala aponta as mudanças na concepção de envelhecer e lidar com a vida moderna. A tradição pode ser entendida como resistência às mudanças. Também notamos o esforço por parte dos mais jovens – tanto idosos mais novos (que têm entre 60 e 70 anos) quanto pessoas de faixas etárias inferiores – em inserir os mais velhos nas tecnologias recentes. A questão geracional é percebida entre os próprios idosos, este entrevistado se considera mais “moderninho” que o pai, mas admite que a filha domina mais as tecnologias que ele. A neta quer ensinar ao avô a lidar com o celular, afirma que é só abrir e fechar. João, o entrevistado, é taxativo ao dizer que seu pai não irá conseguir mandar torpedo, uma mensagem. Essas informações nos permitem verificar as mudanças na maneira de pensar e viver o envelhecimento.

Outra entrevistada afirma que, na velhice, ela se sente mais independente das outras pessoas que nas demais etapas da vida. Antes, dependia dos pais, do marido e agora ela que desempenha o papel de cuidar da mãe, é responsável pelos negócios e pelo domicílio da mãe que, neste caso, é mais velha ¹⁴(possui 88 anos de idade); tem os seus próprios negócios, mora sozinha, viaja com frequência para visitar os parentes mais próximos e as filhas, frequenta 4 vezes por semana a UNATI, aprendeu a dirigir, vai às aulas de dança, pratica atividades físicas, viaja frequentemente para fazer as apresentações da dança, enfim, tem uma velhice ativa e ainda afirma ser mais independente.

Olha! Agora, depois que eu me separei a minha vida tá meio que assim... eu cuido de casa e da casa da minha mãe, eu faço supermercado pra ela e pra mim, faço feira e nas horas que eu to em casa eu faço os meus crochês que eu gosto muito. Eu vou 4 vezes por semana na Universidade. Se eu quisesse a semana inteira tem atividades. Só não vou na sexta feira. Às vezes eu vou na casa dos amigos, na casa da minha filha que mora no jardim América, no meu irmão que mora no Aragoiânia, mas eu fico por aqui, eu sou muito caseira.
(Harminda, 64 anos)

Essa nova rotina assumida pelos idosos é uma configuração específica da modernidade. Se olharmos para traz, há apenas alguns anos, cerca de 40 ou 50, veríamos análises de que uma mulher “honesta” e de “boa família”, era aquela que dedicava seu tempo ao lar, ao marido, aos filhos, às atividades manuais, como tricô, crochê, bordado,

¹⁴ Os estudos recentes sobre envelhecimento apontam que há entre os próprios idosos uma separação entre jovens, medianos e velhos, característica que ocorre dado aumento na esperança de vida. Assim, os idosos filhos cuidam de seus pais, também idosos. Há diferenças entre esses dois segmentos visto que, em geral, a geração de idosos mais nova possui o sistema de locomoção ativo e goza de um estado de saúde melhor que as camadas mais velhas.

pintura, preparação de doces caseiros e outros alimentos, costura, lavagem de roupas, entre outros. Uma mulher idosa, então, era tanto mais virtuosa quanto maiores fossem suas aptidões em cuidar da casa, caçar para a alimentação da família, quilar as roupas ao sol, tecer fios, etc.

Dirigir, dançar (sem a presença do marido), viajar sozinha, morar só, ter amigos que não fossem comuns a toda família, lidar com questões bancárias e administrar a própria vida, não eram características de uma mulher, tampouco de uma mulher idosa.

O casamento era uma instituição que possuía um grau de importância diferenciado do que hoje assume. O pai sentia-se honrado ao entrar de braços dados com a filha na igreja, de vestido branco, véu e grinalda. A escolha do noivo também era feita pelo pai, era tradição. As famílias que se conheciam há alguns anos ou estabeleciam vínculos comerciais escolhiam ou “trocavam” filhos, a fim de arranjar um “bom partido” ou verificar se seu filho (a) iria entrar em uma “boa família”. Os bens que possuíam, tanto o noivo quanto a noiva, também eram variáveis importantes nesses tipos de casamento.

(...) casei pra fazer gosto do meu pai mais o trem nunca deu certo, a gente ficava, muda, muda, muda, muda, daqui pra ali, eu vim pra Goiânia duas vezes, voltei pro interior, foi uma vida muito dificultosa, daí eu tive essas duas filhas minhas (...) (Odete, divorciada, 60 anos).

Os idosos de hoje assumem que à família não se limitam apenas os laços de consangüinidade, que os amigos também podem preencher algumas lacunas que a família moderna¹⁵. Algumas dessas amizades, ou a maioria delas, são feitas nas instituições de idosos onde freqüentam. Laços são criados.

eu convivo com a turma da dança portuguesa há 5 anos, isso é muito gostoso, é muito bom porque quando a gente encontra, é uma família que a gente tem, além da gente amar muito a família da gente a gente ama aquele grupo ali também, seja qualquer um que a gente esteja, porque eu já participei de vários grupos, a gente faz muita amizade, eu me amo mim mesma, sou apaixonada por mim, gosto de mim do jeito que eu sou, e não me sinto velha não, velho é trapo. (Odete, 60 anos).

¹⁵ Chamamos de famílias modernas todas as configurações que não se limitam apenas ao modelo nuclear, patriarcal, aos laços de consangüinidade; as monoparentais, as chefiadas por mulheres, as homoafetivas, bem como àquelas que mal se encontram no dia-a-dia, dadas agendas incompatíveis de seus membros.

Giddens (2007), ao discutir a relação pais-filhos, elege três áreas principais em que a comunicação emocional está substituindo as relações tradicionais entre as pessoas – os relacionamentos sexuais e de amor, os relacionamentos pais-filhos e os relacionamentos de amizade. Para compreender esse novo modo de união entre as pessoas, desenvolve a idéia de relacionamento puro, “baseado na comunicação emocional, em que as recompensas derivadas de tal comunicação são principal base para a continuação do relacionamento” (p.70).

Podemos tomar este conceito de relacionamento puro para designar a substituição ou soma de indivíduos (que vão além da família) nas novas formas de se relacionar, específicas da modernidade. Essas mudanças são notáveis e merecem destaque.

1.3.1 Modernidade e Envelhecimento: mudanças em tempo real

E eu já tava digitando, que nem galinha catando milho, mas já digitava. Ai como eu não tenho computador eu parei. (Harminda, 64 anos, aluna da UNATI).

Concomitante ao fato de termos cada vez mais idosos, percebemos que a modernidade proporcionou condições mais favoráveis para que eles tenham uma vida mais ativa à medida em que foram criados meios de transporte mais adequados e toda uma gama de utensílios domésticos eletro-eletrônicos que permite ao idoso viver com um maior conforto, além do usufruto dos bens culturais de sua sociedade. Ressalve-se, neste aspecto, o papel que os meios de comunicação de massa passam a ter como entretenimento para as pessoas idosas.

Detendo-nos na questão do envelhecimento populacional, podemos situar os idosos na discussão realizada por Giddens (2002) sobre modernidade, verificando como eles se encontram frente às problemáticas que envolvem família, identidade e tradição. Destacamos anteriormente que idosos de hoje são frutos de coortes de 1940, de origem rural, com valores, regras e costumes diferenciados dos que permeiam a sociedade atual. Acreditamos ser um grande desafio, tanto físico quanto simbólico, conviver numa sociedade transformada, com ruas, trânsito, espaços públicos, bancos, lojas, enfim, em uma cidade modernizada, informatizada, virtual, *on line*, mediada por computador e por modernas técnicas de processamento.

Essas alterações provocadas pela reestruturação produtiva e organizacional prejudicam a qualidade da inserção no sentido da precarização dos vínculos e da perda da proteção oferecida pelos direitos trabalhistas. Como consequência dessas mudanças ocorridas na sociedade, além da redução dos postos de trabalho e do aumento do desemprego, maiores restrições vêm sendo colocadas pelo mercado de trabalho. Os empregos assalariados regulamentados diminuem e, simultaneamente, cresce o número de trabalhadores autônomos, lógica esta incentivada pela terceirização de serviços nas empresas e pela iniciativa do trabalho por conta própria. Ou seja, o emprego com registro em carteira de trabalho que predominava na indústria, quando perdido, é na maior parte das vezes substituído por ocupações autônomas ou temporárias caracterizadas por maior instabilidade, resultando em impactos negativos para as condições de sobrevivência das famílias.

Também é preciso sublinhar a transformação que a modernidade teria operado ao trazer o idoso para o cenário político-social, e, nessa medida, projetando-o como um ator coletivo, pois como ator (individual) os idosos nunca deixaram de sê-lo, haja vista que cargos de importância, na esfera governamental e na esfera privada, foram e ainda estão sendo ocupados por pessoas dessa faixa etária.

Em “Velhice na Contemporaneidade”, Barros (2004) resgata a idéia de modernidade como:

Conjunto de idéias e valores, estilos de vida, à experiência vital onde mudanças rápidas, efemeridade, de relações sociais e da natureza estão presentes juntamente com uma nova sensibilidade marcada pela racionalidade nas formas de conhecimento e de organização social. Estas últimas, desmistificadas e dessacralizadas, promovem a libertação dos homens da força compulsória do grupo, do local, do tempo circular das tradições (p.14).

A autora afirma que, examinar o envelhecimento e a velhice é o mesmo que tratar do tema básico que a antropologia aborda desde o século XIX: a correlação entre as particularidades de contextos sociais distintos e a generalidade da vida social. Dessa forma, estudar a velhice é tratar de representações sociais que os indivíduos adquirem ao longo de suas vidas. Suas análises destacam as mudanças no tocante a autonomia do indivíduo em relação ao grupo. Historicamente, sabemos que os grupos sempre predominavam – o clã, a linhagem, a aldeia ou a família – nas decisões individuais. Assim, conceber o indivíduo ancorado na percepção de si mesmo como ser singular é

dar visibilidade às idéias de trajetória de vida, ciclo de vida, projeto de vida e percepção de uma memória individual. Notamos essas características nas sociedades modernas, o que implica na admissão dos indivíduos como valor social.

Resgatando a idéia de Debert, Barros (2004) assegura que a individuação dos idosos ocorre a partir do momento em que estes são responsáveis por um envelhecer mais digno, saudável, seguro e agradável. Para tanto, eles devem cumprir algumas exigências que vão desde uma boa alimentação, cuidados físicos e mentais, até questões ligadas a um engajamento com os outros idosos, bem como com as atividades relativas a uma vida ativa e dotada de sociabilidade.

Neste momento, chamamos a atenção para alguns casos em que são levantados traços da relação idoso/modernidade, que configurariam uma situação de perda ou, ao menos, ambígua. Os valores individualistas que redimensionam a vida moderna desencadearam mudanças no padrão familiar, gerando efeitos perversos sobre a rede de relações na qual os idosos se inseriam, afetando o padrão de sociabilidade, que se dava de maneira vertical, horizontalizando-o, e, conseqüentemente, homogeneizando a teia de relações e configurando também a perda de seus papéis tradicionais. Os resultados seriam, então, a solidão e a perda da qualidade de vida fruto da pauperização.

A percepção da perda serviu, sem dúvida, para desencadear uma mobilização de alcance amplo, que levou às conquistas de direitos e a formulação de políticas públicas específicas para essa faixa etária. Na ausência de uma forma de inserção e integração, vale dizer, reintegração, as estratégias da ação pública orientam-se, fundamentalmente, para uma reinserção via atividades de lazer: passeios, festas, excursões turísticas, além de atividades artesanais e religiosas.

Há outro pressuposto na formulação dessa relação entre idoso e modernidade que passa pela idéia de que as pessoas idosas não acompanhariam a dinâmica da vida social, já que as transformações técnicas seriam rápidas e profundas, dificultando ainda mais a sua inserção nos padrões modernos de convivência e o aproveitamento das possibilidades que a modernidade ofereceria.

A homogeneização que as categorias velhice, terceira idade e idoso promovem não nos parece adequada. Considerando a faixa etária como definidora dessas categorias, é preciso atentar-se para o fato de que há idosos e idosos, o que implica considerar outras tantas variáveis que influenciam para que as pessoas acompanhem ou não as mudanças técnico-científicas e que não se resumem a idade.

Essas transformações contribuíram para o crescimento das famílias unipessoais, ou seja, de idosos morando sozinhos. O estado conjugal é um determinante desse tipo de arranjo. Além da viuvez, podemos deduzir que o crescimento dos divórcios e da proporção de pessoas que nunca se casaram contribuíram para a tendência mencionada.

Sobre as novas tecnologias, constatamos nas entrevistas que há uma movimentação no que tange ao aprendizado ao lidar com as mesmas, mas há aceitação e reconhecimento delas como facilitadoras e mediadoras de relações, principalmente as que não são de co-presença. Alguns idosos informaram que utilizam a internet para se comunicar com quem mora longe, matar a saudade dos filhos, fazer pesquisas, ler, se atualizar profissionalmente. Notamos que as novas tecnologias, fruto da modernidade, adentram aos lares a cada dia. Os idosos entram – ou porque se interessam ou porque se vêem obrigados – nessa dinâmica tecnológica moderna.

Essa minha filha que mora na Itália eu comunico com ela pela internet, eu tenho um filho lá em São Paulo que esse não quer saber de conversar comigo, ta de longe, ainda esses dias tentei aproximação mandei umas mensagens no orkut dele, simplesmente deletava, não sei, devia ler antes de deletar. E com a outra, a terceira filha o relacionamento é muito bom, e a mais nova também, a gente ta sempre conversando por telefone, internet, mensagem de celular.
(João)

Minha família mora um pouco aqui em Goiânia, mora aqui 3 irmã e 1 irmão que mora aqui em Goiânia, então, nós somos 11 irmãos, nós da muito certo, não temos intriga nenhum de nós, somos todos unidos, e sobre meus filhos, eles moram tudo longe, Camila mora em Portugal, Gisely em Curitiba, 3 em Uberlândia, mas nós comunica muito pela internet, pelo telefone, eles ligam, eu ligo, então, sobre a minha família nós vivemos muito bem, muito em paz.
(Marta)

É máxima a certificação por parte dos idosos que as gerações mais novas lidam em maior escala e melhor com as tecnologias é unânime. Até as crianças aprendem mais, relatam. Isso em parte é explicado por eles mesmos dada a falta de preocupação que a criança se encontra. Então, para quem já vive, tem uma série de preocupações e não lidava com essas técnicas, o processo é feito de forma gradativa.

Agora eu sempre tive curiosidade de mexer com máquinas e coisas assim, então eu tenho alguma facilidade, não muita, mas alguma facilidade de me adaptar a certas coisas. Trabalho com computador razoavelmente bem, muita coisa eu pergunto pra minha filha porque ela sabe muito mais que eu, é uma geração que... Minha netinha de 4 anos faz umas coisas no computador que eu olho e fico pensando na facilidade que aprende e entende aquilo ali. Então é isso, a tecnologia veio pra ajudar os que estão agora, mas os mais antigos um pouquinho não têm acompanhado não. (João)

Lidar com banco eu to aprendendo, né? Porque eu tenho que ser independente. Agora com computador eu não sei nada, mas eu quero aprender porque eu tenho uma sobrinha que ela trabalha e só mexe com isso. E ela ta doidinha que eu compre e fala pra mim que ela vem me dar as aulas. E tudo pra ela é da Internet. Até pra fazer compra ela quer que seja na Internet. Eu falei “não, eu gosto de ir no supermercado”, é a hora que eu ajeito de sair, né? (Harminda).

Não mexo com nada de internet. Eu não consegui aprender, eu só usava quando a minha filha morava aqui, eu fiquei uns dias lá na casa dela, um mês e 10 dias lá, ela tentou me ensinar e eu não conseguia guardar nada, eu não consegui gravar, ela ensinava. (Marta)

Parte dos entrevistados afirma que consideram importantes as mudanças. Segundo eles, as novas tecnologias significam evolução, e é preciso acompanhá-las, mudar junto com elas.

Olha, eu sou uma pessoa assim nessa idade, mais vai evoluindo e eu vou me evoluindo junto, porque eu encaro assim, aquela velhice digamos assim, porque essa palavra idosa é uma palavra muito educada, velhice é uma palavra muito educada também, velho a pessoa as vezes não gosta. Era umas coisas muito privada, assim, porque quando eu conheci meus pais meu pai falava e minha mãe nada falava. E as pessoas eram assim muito dominadas nessa época, e a pessoa envelhecia ali os dois sem sair, sem andar e sem conversar quase, e eu fui envelhecendo diferente, fui vendo essas coisas e fui envelhecendo diferente, porque eu acabei de falar que eu, está evoluindo e eu vou me evoluindo junto, logo eu sou uma pessoa que começou a estudar e comecei a me comunicar com pessoas diferentes, assuntos diferentes, escola e etc. e eu estou encarando a minha idade, a minha idade de idosa muito bem, muito feliz, me sinto otimamente feliz mesmo com esses 3 casamentos, não tenho nada a falar sobre, diz as meninas, você nasceu com a cara virada pra lua (risos), não sei né, por que? (Joamara)

A tecnologia também ajudou, segundo dados dessas entrevistas, para a aquisição de ganhos no campo da educação. Segundo algumas declarações, a falta de leitura acarretava prejuízos e desconfortos imensos e o advento da modernidade trouxe consigo um incentivo ao aprendizado e também propiciou facilidade em adquirir as coisas.

Por falta da leitura, às vezes não entendia o numero do ônibus, o nome e pegava errado, mas depois vai abrindo, vai melhorando, então eu acho muito melhor, hoje eu achou muito mais fácil. (Marta)

Sobre essa técologia (é assim que fala né?) eu acho assim, porque hoje quase não tem analfabeto mais né? Naquele tempo agente não estudava, não tinha experiência com as coisas, assim de banco, nem de hospital, telefone, a gente não sabia nada disso, hoje em dia a pessoa, o velho já vai envelhecendo com tudo na cabeça, com tudo na mão né, já tudo independente, agindo sozinha, e naquele tempo não, quando ia na cidade era aquela dificuldade, até pra virar uma rua, pra conhecer o número da rua era tudo difícil, era muito difícil, quando eu vim aqui pra Goiânia mais eu sofri aqui , peguei ônibus errado muito. (Marta)

O que eu considero é eu... o que eu considero é assim, o que é melhor, a gente se sente mais a vontade, a gente tem mais liberdade, a gente faz o que quer, tá entendendo? (Joamara)

A vontade de aprender a operacionalizar um computador também foi manifesta com certa frequência. Há interesse de adquirir o bem num primeiro momento, para depois lidar com ele. Afirmam as falas que

(...) na sexta feira tem informática e eu quero fazer informática. Só que aí eu comecei e a professora falou “olha, agora vai ter que ter computador em casa” que ela ia passar tarefa, né? E eu já tava digitando que nem galinha catando milho, mas já digitava. Aí como eu não tenho computador eu parei. Só que a nova professora não exige computador em casa então a gente pode fazer lá. (Harminda)

Eu penso, eu quero comprar um computador e quero entrar na informática, mas por enquanto eu não faço aula de informática não. Então eu faço segunda e quinta lá na Católica, quarta lá no campus dois que é aula de socialização, de educação física, né? E lá, na quarta feira! E terça feira aqui na associação. Então nesses 4 dias... fora os dias de apresentação que a gente vai no sábado, no domingo, sabe?!? Quando tem apresentação. Então, a minha vidinha é hoje esse mundinho, mas eu não gosto de ficar de férias. To doidinha pra começar as aulas logo pra me juntar com o grupo, porque quando a gente entra de férias a gente combina de não se separar, de combinar de sair, ir pro shopping, fazer alguma coisa. Mas acaba que não vai, sabe? Cada um tem a sua ocupação, né? E nessas férias eu adoeci e minha mãe também. Então eu nem viajei. Só agora que eu to querendo ir pra Jataí pra conhecer meu bisneto. Mais minha vidinha é essa. (Harminda)

Fica evidenciado também que mesmo quem não sabe manusear o computador, sabe da importância e da praticidade que este tem na atualidade. Percebemos tal afirmação, quando a entrevistada mais velha (96 anos) associa não lidar com computador a ser ignorante; a falta de estudos e a habilidade para lidar com tecnologias.

Computador? Eu acho isso bom. Porque eu acho bom porque a minha família todas elas tem. Todas elas ocupa o computador e isso e aquilo outro, eu vou... Eu num vou desfazer... E eles que uma coisa eles, eles mesmo passa lá no computador, passa isso, passa aquilo. E eles acha tão bom, e eu também acho que é bom, porque a pessoa num fica a pessoa ignorante, como muitos outros são ignorante... Deus me perdoe! Quando eu falo pros meus minino, meus minino acha que eu que sou ignorante, eles acha ruim né?! Porque num tem aquele certo estudo, aquele certo traquejo que eles hoje tem. E quem tem assim é muito bom sabe. É muito bom é ótimo a pessoa ter estudo. Ter traquejo, computador, isso e aquilo. (Aninha)

1.3.2 As contribuições da demografia e dos estudos de população

Para Ralph Hakkert (1996) “a demografia tem se caracterizado pelo desenvolvimento de técnicas de análise, para descrever quantitativamente como as populações se transformam” e “o dado demográfico tem aplicações práticas importantes para fins de planejamento, de diagnóstico, de avaliação de programas e estudos socioeconômicos em geral” (p.13).

A demografia associada aos Estudos Populacionais¹⁶ fornece importantes contribuições para essa discussão, já que se utiliza do método estatístico para apontar quem são esses idosos, faz projeções na área de população, permitindo que a mesma se prepare para as mudanças na pirâmide etária com suas conseqüências.

O ordenamento jurídico assegura ao idoso benefícios por ter chegado a uma determinada faixa etária, já que durante muitos anos de sua vida trabalhou e contribuiu com a previdência social. Mesmo reconhecendo que as outras ciências e instituições preocupam-se e contribuem para lidarmos com a situação do idoso na sociedade, verificamos que a sociologia trata o fenômeno do envelhecimento de maneira diferenciada.

A discussão sobre envelhecimento perpassa por outros temas importantes que serão ressaltados e problematizados neste estudo. Assim, ao falarmos no fenômeno do envelhecimento populacional, abordaremos questões essenciais como as discontinuidades demográficas, a fecundidade, a onda jovem, gênero, saúde, dentre outros, para finalmente correlacionarmos estes outros componentes da dinâmica populacional com a questão do envelhecimento em si. Consideramos essa correlação aplicável para enriquecer a discussão aqui proposta.

Alguns autores que trabalham com demografia acreditam na existência de um novo padrão demográfico mundial. Segundo Carvalho (2001), esse novo padrão é caracterizado “(...) pela tendência, cada vez mais universal, a baixos níveis de fecundidade e de mortalidade, com o conseqüente rápido envelhecimento da população” (p. 8).

¹⁶ Apontamos aqui a diferença entre Demografia e Estudos Populacionais. A primeira, consiste no estudo das populações humanas e sua evolução temporal no tocante a seu tamanho, sua distribuição espacial, sua composição e suas características gerais. A demografia utiliza-se do método estatístico como base. Já os Estudos de População, referem-se a descrição dos fenômenos que a demografia aponta, a análise dos dados, utilizando os conhecimentos de diversas ciências como a sociologia, a política, a história, enriquecendo esses dados quantitativos. Esses estudos andam associados, são complementares (Cf. CARVALHO).

Surge, então, desenvolvido pelos estudiosos da área de população, o conceito de descontinuidade etária. Segundo Carvalho (2001):

O conceito de descontinuidade etária detêm-se basicamente em análises que enfatizam crescimentos absolutos de grupos etários específicos. De uma forma rápida e simplificada, a importância e a novidade desse conceito podem ser assim resumidas: por alterações dos fatores que intervêm na dinâmica demográfica - fecundidade, mortalidade e migrações -, a pirâmide etária pode sofrer alargamentos ou estreitamentos na sua base, ou seja, aumento ou diminuição do número de nascimentos (p. 430).

De acordo com o autor, entre 2000 e 2050, a proporção da população com 60 ou mais anos de idade aumentaria de 10% para 22% em termos mundiais. Para efeitos comparativos, apresentamos o quadro abaixo.

Tabela 1. Número absoluto de idosos por países com população superior a 100 milhões em 2002

| 2002 | | 2025 | |
|----------------|--------|----------------|--------|
| China | 134,05 | China | 287,05 |
| Índia | 81 | Índia | 168,05 |
| Estados Unidos | 46,09 | Estados Unidos | 86,01 |
| Japão | 31 | Japão | 43,05 |
| Rússia | 26,2 | Indonésia | 35 |
| Indonésia | 17,01 | Brasil | 33,04 |
| Brasil | 14,05 | Rússia | 32,07 |
| Paquistão | 8,06 | Paquistão | 18,03 |
| México | 7,03 | Bangladesh | 17,07 |
| Bangladesh | 7,02 | México | 17,06 |
| Nigéria | 5,07 | Nigéria | 11,04 |

Fonte: Nações Unidas, 2002.

Para trabalhar com questões relativas ao envelhecimento populacional é importante abordar a questão da fecundidade que definirá, juntamente com outras variáveis demográficas, os rumos e tendências da população. Segundo Oliveira e Szmrecsanyi (1980), os dados censitários revelam diferenças importantes de fecundidade dentro de categorias sócio-econômicas geralmente presentes nestas investigações, tais como local de residência ou de origem, ocupação, nível de renda, nível educacional, religião, cor, etc.

Estas categorias acabaram consagradas como fatores que afetam a fecundidade e passaram, neste século, a constituir o núcleo das investigações

sobre as causas sociais da fecundidade, não deixando, de ser confundidas com estas (p.186).

Pelo exposto, concluímos que desde antes do nascimento, a variável econômica é de suma importância para a vida do indivíduo. Daí surgem algumas contribuições relevantes para aprofundar a discussão da desigualdade social. Se ela influencia tão cedo, de maneira que as mulheres planejarão quando terão um filho, o que diremos então de um idoso que, apesar de já ter vivido e trabalhado durante muitos anos, não consegue se manter diante as dificuldades encontradas para sobreviver.

Dos idosos participantes deste estudo, verificamos que 11 deles possuem até quatro filhos e três têm até oito filhos. Fazendo uma média entre esses dois grandes grupos quantificamos seis filhos por mulher. Sabemos que os idosos de hoje são fruto de coortes dos anos de 1940 onde a média de filhos era ainda seis. Os dados sobre fecundidade apontam que este número cai cotidianamente, e a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de 2003 afirma que a taxa de filhos por mulher é de 2,1. Esse índice de 2,1 é o chamado nível de reposição, significa que se ele se mantiver durante 25 anos, o crescimento da população será igual a zero.

Com relação à fecundidade, é de suma importância argumentar sobre o papel do jovem na discussão sobre envelhecimento. Com as quedas na fecundidade o número de jovens é cada dia menor, porém, os estudos de Alicia Bercovich (1990) indicam descontinuidades demográficas no Brasil, enfatizando a questão da “onda jovem”, que se caracteriza por uma população entre 15 e 24 anos que ainda é numerosa devido ao resultado de um alto fluxo de natalidade nos anos 80. Esse grupo não deve ser desconsiderado. Trata-se dos idosos de amanhã e merecem estudos específicos.

A discussão que Felícia Madeira (1998) faz sobre os jovens poderá, ainda, ampliar o debate sobre como as demais variáveis da dinâmica demográfica têm contribuições na questão do envelhecimento. No texto “Recado dos jovens: Mais Qualificação”, a questão da educação é ressaltada, levando-nos a refletir sobre tal fenômeno. Como um país que investe em educação prepara crianças e jovens para assumirem uma vida adulta e futuramente um envelhecimento? Como envelhecerá um jovem que frequenta boas escolas e tem melhores oportunidades? Para Madeira, “a dificuldade de acesso ao trabalho se agrava nos grupos de menor escolaridade e se transforma, na maior parte dos casos, em uma exclusão estendida, dado que, quem não

possui emprego não tem rendimento próprio” (p. 427). Segundo suas afirmações, “as conseqüências vão bem além dos prejuízos vividos pelos diretamente afetados pelo desemprego, comprometendo o futuro dos países” (p. 428).

Isso significa dizer que uma geração com pouca escolaridade e com pouca informação está vulnerável a problemas sociais, em especial a carência de empregabilidade e escolaridade. Podemos ressaltar, portanto, que quem não se insere no mercado de trabalho provavelmente constituirá famílias com situação econômica comprometida.

Segundo as análises de Madeira (1998), o Brasil ainda ocupa um dos últimos lugares no *ranking* da questão educacional em relação a outros países do mundo. A autora problematiza a “onda jovem”, outro problema, denominado por ela de condição demográfica desfavorável: “a distribuição da onda é muito desigual em termos regionais” (p.434). Tal constatação é relevante, pois ao tratar da região Centro-Oeste podemos efetuar um paralelo com as demais regiões do Brasil e abordar a questão nacional, equiparando Centro-Oeste e Goiás ao restante do país.

A autora ainda faz um esboço sobre o atual mercado de trabalho, demonstrando a situação em que se encontra. Com a expansão das multinacionais e o uso ampliado do computador, têm-se conseqüências que afetam diretamente esse trabalhador, chamado por alguns teóricos de “não qualificado” ou “não experiente”. Como poderá um jovem ter experiência se ainda não teve tempo para demonstrá-la? Certamente esse jovem marginalizado do mercado de trabalho desde cedo tornar-se-á um adulto e idoso que atua na informalidade. Agindo assim, terá maiores dificuldades para obter aposentadoria, se é que conseguirá aposentar-se em tais condições.

Se os jovens já enfrentam tamanhos problemas na questão educacional e, conseqüentemente, no âmbito do mercado de trabalho, é importante pensar como ficaria o idoso nessa discussão. Se ele não está inserido desde jovem nesse mercado, não conseguirá êxito profissional ao longo da vida, nem permitirá a seus descendentes, êxito na vida em geral. Portanto, percebemos a formação de um ciclo vicioso das possíveis dificuldades vinculadas ao mundo do trabalho, que começa desde a entrada do indivíduo de faixas etárias mais novas, estendendo-se na fase adulta e prolongando até a velhice, onde muitos ainda mantêm-se no mercado de trabalho (tema que será aprofundado posteriormente).

Se o Brasil é um país que envelhece, devemos considerar essa problemática para que aprendamos a lidar com essas questões cotidianamente. Devemos buscar respostas a esses problemas, criar políticas específicas para cada um deles, evitando um caos social.

2. REPLANEJANDO O ENVELHECER: DESAFIOS, CONQUISTAS E REARRANJOS

Este capítulo apresenta alguns dos objetivos principais da nossa investigação: demonstra as mudanças na estrutura da sociedade, realçando o impulso que o fenômeno do envelhecimento tomou nos últimos anos, as conquistas obtidas por esse público e os desafios de viver num mundo turbulento, cheio de informações, reflexivo, virtual; e as reinvenções cotidianas necessárias para acompanhar tais mudanças.

Visualiza como o tema do envelhecimento está a cada dia mais presente na agenda pública; o modo como os direitos foram alcançados e como as políticas públicas têm sido pensadas para atender demandas específicas e emergentes; a criação da Política Nacional, do Estatuto do Idoso e dos Centros de Referência em Atenção e Saúde da Pessoa Idosa. Mostra os avanços na área da saúde, o aumento da busca por atividades físicas, mudanças no cenário da família brasileira contemporânea, da categoria gênero, da feminização do envelhecimento e faz uma descrição detalhada das três instituições que foram observadas e ofereceram contribuições importantes para a presente pesquisa, a FUMDEC, a UNATI e a AIB.

2.1 O envelhecimento na Agenda Pública: Direitos e Políticas Públicas

A autora Celina Souza (2003) discorre sobre o ressurgimento da discussão sobre políticas públicas e a importância desse campo de conhecimento, a partir das instituições, regras e modelos que regem sua decisão, elaboração, implementação e avaliação.

Existem inúmeras definições para o termo políticas públicas, as mais conhecidas tratam o fenômeno como: (...) “a soma das atividades dos governos, que influencia na vida dos cidadãos”. (Peters apud Souza, 2003, p.4) outras as definem como: “o que o governo escolhe fazer ou não” (Dye apud Souza, 2003, p.4), ou “um campo dentro da política que analisa o governo a luz de grandes questões públicas” (Mead apud Souza 2003, p.4), ou ainda “um conjunto específico de ações do governo que irão produzir efeitos específicos” (Lynn apud Souza, 2003, p.4).

Porém, a definição mais conhecida e utilizada é a de Laswell (1936) e afirma que decisões e análises sobre políticas públicas implicam em responder às seguintes

questões: quem ganha o quê, por que e que diferença faz. De uma maneira geral, podemos defini-la como a área de conhecimento que busca “colocar o governo em ação, analisar essa ação e quando necessário propor mudanças no rumo dessas ações, entendendo como as tais tomaram àquele rumo”(Laswell apud Souza, 2003).

Mesmo havendo tantas definições do que seja o fenômeno, todas elas enfatizam o papel de tais políticas na solução de problemas sociais. As políticas públicas devem solucionar problemas que estão afetando socialmente a população, ou seja, devem responder a necessidades específicas que a população tem.

A Organização das Nações Unidas (ONU), responsável por estabelecer uma relação cordial entre os países e preocupada com os problemas de população, estabeleceu uma proposta de envelhecimento ativo. Juntamente com a Organização Mundial de Saúde (OMS), preconiza uma proposta de envelhecimento mais humanitária. Isso nos indica que a questão do idoso é um tema importante e que está sendo pensado por várias instituições. A proposta apresentada pela ONU em parceria com a OMS é um envelhecimento ativo, evidenciando a saúde, a seguridade e a participação. A discussão em pauta tem um alcance mundial, atinge também os níveis: nacional, estadual e municipal. Isso significa dizer que essa discussão vem ganhando lugar na agenda pública das nações, dos estados e dos municípios, já que merece atenção específica por se tratar de um assunto tão relevante.

A OMS considera o envelhecimento populacional como uma história de sucesso das políticas de saúde públicas e sociais, e, portanto, a maior conquista e triunfo da humanidade no último século. Considera, ainda, o envelhecimento não como um problema, e sim como uma vitória. O problema passaria a existir se as nações, tanto desenvolvidas como as em desenvolvimento, não elaborarem e executarem políticas e programas para promover o envelhecimento digno e que contemple as necessidades do grupo etário das pessoas com 60 anos ou mais. O desafio consiste em incluir na agenda de desenvolvimento sócio-econômico dos países maneiras para promover o envelhecimento ativo.

O Ministério da Previdência Social (MPS), ao tratar das questões sociais que a população demanda, lançou, em novembro de 2004, um encarte contendo as ações que vem realizando na área da assistência social. Nesse material constatamos um avanço na última década da ampliação do reconhecimento por parte do Estado, no esteio da luta pelos direitos de crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência. Segundo esse

mesmo material, há um aumento progressivo dos gastos por parte do governo no campo da assistência social, e os idosos estão incluídos nessa melhoria.

Encontra-se em andamento o Projeto Conviver, uma parceria do governo Federal com instituições municipais. A Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário (FUMDEC) é o órgão que representa em nível municipal a política de Assistência Social, portanto, é a responsável pela execução deste projeto na cidade de Goiânia, amparada por leis federais como a Lei Orgânica da Assistência Social e pelo Estatuto do Idoso. A FUMDEC atende a ações preconizadas pela Secretaria Nacional de Assistência Social. Podemos concluir que há uma preocupação cada vez maior com os idosos e, para que essa preocupação se concretize, é necessário que instituições públicas ou privadas formulem projetos e implementem ações capazes de atender de forma eficaz, eficiente e efetiva essa população idosa, fazendo com que esta deixe de ser um problema social, como muitos ainda pensam.

A Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) garante o pagamento de um salário mínimo mensal à pessoa com 65 anos ou mais, que comprove não possuir meios de prover a sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, mediante o Benefício de Prestação Continuada. A concessão do Benefício no ano de 1997 em nível nacional atingiu um total de 92.042 idosos. A Renda Mensal Vitalícia atendeu durante esse mesmo período, 242.782 idosos¹⁷. Esse atendimento contou com as seguintes prestações de serviços: Programa nacional de vida ativa; atendimento domiciliar, programa de preparação para a aposentadoria, centro e convivência para idosos, desenvolvimento de atividades culturais, oficinas abrigadas de trabalho, qualificação e requalificação profissional, centros de cuidados diurnos, Universidade aberta à terceira idade, programa de geração de emprego e renda, serviço de atenção à saúde do idoso, jogos da terceira idade e o benefício de prestação continuada. Essas atividades foram realizadas para atender aos idosos numa tentativa de sua inclusão social.

A Secretaria de Cidadania e Trabalho do Estado de Goiás criou uma Gerência de assistência ao idoso. A função principal dessa Gerência consiste em capacitar profissionais da área de saúde, do serviço social e das secretarias e prefeituras locais, para trabalhar com a questão do envelhecimento. Para que isso ocorra, várias instruções são repassadas para responsáveis por essas instituições, há um treinamento e cursos de

¹⁷ Política Nacional de Assistência Social.

capacitação são oferecidos para esses funcionários a fim de oferecer um tratamento adequado para esse grupo etário.

A Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia realiza parcerias com outras secretarias, permitindo que a discussão sobre a questão do envelhecimento ocorra institucionalmente. A parceria com a Secretaria de Cidadania e Trabalho permite uma melhor capacitação dos profissionais da área de Saúde e de outros profissionais que tratam do envelhecer. As primeiras damas dos municípios goianos são convocadas a receber treinamento específico para lidar com o Projeto Conviver, preocupando-se cada vez mais com o segmento da população que mais cresce ultimamente, o segmento idoso.

No ano de 2002, a SMS em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde (SES) e o Hospital Geral de Goiânia (HGG), participou da construção do Projeto de Implantação do Centro de Referência Estadual em Assistência à Saúde do Idoso, que tinha como objetivo assegurar ao idoso assistência integral à saúde, no âmbito do SUS, conforme Portaria nº. 702, e Portaria SAS n. 249, ambas de 12 de abril de 2002, que preconiza a organização e implantação do Centro de Referência Estadual de Assistência ao Idoso no Hospital Geral de Goiânia – Dr. Alberto Rassi. A SMS teria uma participação inovadora que seria a assistência pós-hospitalar no domicílio, que vem sendo realizado pelo Pronto Atendimento ao Idoso (PAI) pós-hospitalar, com alta resolutividade, também ficou estabelecido pela Portaria 702 o HGG como referência para o atendimento de Alzheimer, bem como o acompanhamento e encaminhamento para busca de medicamentos de alto custo no Centro de Saúde Juarez Barbosa.

Diante da necessidade emergente, a SMS patrocinou a participação de 15 profissionais de saúde do curso de especialização em Gerontologia no período 2001/2002, dos quais 14 estão trabalhando efetivamente na rede de saúde. A SMS também participou de aproximadamente de 03 cursos intensivos em parceria com os Centros Gerontologia e Saúde do Idoso, com duração de 03 dias, com carga horária de 08 horas/dia.

Em 2002, a SMS participou da discussão da ratificação do Projeto de criação do Conselho Municipal do Idoso enquanto membro efetivo do Conselho, sendo que a responsável pela condução do Projeto era responsabilidade da FUMDEC. A partir de 2001, a SMS torna-se parceira da Secretaria de Cidadania e Trabalho, Superintendência de Assistência Social do idoso (departamento de apoio ao idoso) na organização do Fórum da Política Nacional do Idoso que tem como finalidade mobilizar a sociedade na

discussão da Política Nacional do Idoso no Estado de Goiás, envolvendo instâncias governamentais e não governamentais.

Pesquisas recentes têm demonstrado que a universalização da Seguridade Social, as melhorias nas condições de saúde e outros avanços tecnológicos, tais como nos meios de comunicação, elevadores, rampas e outros componentes passíveis de fazer a vida do idoso mais facilitada, estão sendo cada vez mais implementadas na sociedade atual, passa a fazer parte da realidade do país.

2.1.1 As políticas para o idoso

Consideramos importante destacar o fato das pessoas idosas estarem se beneficiando das políticas de bem-estar social, garantindo entre outros direitos, o direito à aposentadoria. Este teria assumido tamanha importância na vida das pessoas idosas, que passa a ser um elemento definidor da representação que se tem da velhice. Além dos direitos ditos universais, as pessoas idosas de vários países viram surgir, no final do século XX e início deste, uma legislação que garante a elas um tratamento diferenciado¹⁸, expressa em itens específicos ou num estatuto mais denso como, por exemplo, o Estatuto do Idoso, que garante a esses indivíduos uma gama de direitos.

A Política Nacional do Idoso, constituída em 1994 (Lei 8.842) criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania. Essa lei foi reivindicada pela sociedade, sendo resultado de inúmeras discussões e consultas ocorridas nos estados, nas quais participaram idosos ativos, aposentados, professores universitários, profissionais da área de gerontologia e geriatria e várias entidades representativas desse segmento, que elaboraram um documento que se transformou no texto base da lei.

Esta política Nacional objetiva criar condições para promover a longevidade com qualidade de vida, colocando em prática ações voltadas, não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer, bem como lista as competências das várias áreas e seus respectivos órgãos. A implantação dessa lei estimulou a parceria dos ministérios setoriais para o lançamento, em 1997, de um Plano de Ação Governamental para Integração da Política Nacional do Idoso. São nove os órgãos que compõem este Plano: Ministérios da Previdência e Assistência Social, da

¹⁸ Para alguns estudiosos, uma legislação dessa natureza teria mais a ver com o direito à diferença que a direitos universais inerentes à modernidade, o que configuraria uma forma de vida pós-moderna.

Educação, da Justiça, Cultura, do Trabalho e Emprego, da Saúde, do Esporte e Turismo, Transporte, Planejamento e Orçamento e Gestão.

Dentre a série de atribuições que compete às entidades públicas, encontram-se importantes obrigações como estimular a criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lares, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros; apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso e sua participação no mercado de trabalho.

Presente em diversas discussões acadêmicas ou não, o Estatuto do Idoso foi sancionado em outubro de 2003, mas entrou em vigor em 1º de janeiro de 2004. Este Estatuto garante direitos e estipula deveres para melhorar a vida de pessoas com mais de 60 anos no país. Além da definição do conceito do “idoso”, esta Lei traz preceitos fundamentais às pessoas idosas, bem como o tratamento adequado que deve ser dispensando pelos seus familiares para com elas.

O estatuto foi discutido pelo Congresso por sete anos antes de ser sancionado e uma das principais mudanças promovidas pelo estatuto é no que diz respeito aos planos de saúde que, agora, não podem promover reajuste por idade para clientes com mais de 60 anos. Apesar de garantir menos aumentos para os idosos, quem vai pagar a conta são os mais jovens, já que, para não perder tanta receita, os planos vão remanejar os aumentos ao longo das outras faixas de idade. As novas regras valem para quem contratar a partir de hoje um convênio.

Outra garantia na área de saúde é a de distribuição gratuita de medicamentos para idosos. O estatuto estabelece, também, mudanças nos benefícios da Loas (Lei Orgânica da Assistência Social). A partir de hoje, têm direito a receber o benefício de um salário mínimo idosos com mais de 65 anos e sem condições financeiras.

Em relação aos transportes coletivos garante aos maiores de 65 anos o direito ao transporte coletivo público gratuito. Antes do estatuto, apenas algumas cidades garantiam esse benefício aos idosos. A carteira de identidade é o comprovante exigido; nos veículos de transporte coletivo é obrigatória a reserva de 10% dos assentos para os idosos, com aviso legível; nos transportes coletivos interestaduais, o estatuto garante a reserva de duas vagas gratuitas em cada veículo para idosos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos. Se o número de idosos exceder o previsto, eles devem ter 50% de desconto no valor da passagem, considerando-se sua renda.

Nas instituições de atendimento ao idoso prevê: O dirigente de instituição de atendimento ao idoso responde civil e criminalmente pelos atos praticados contra o

idoso; a fiscalização dessas instituições fica a cargo do Conselho Municipal do Idoso de cada cidade, da Vigilância Sanitária e do Ministério Público; a punição em caso de mau atendimento aos idosos vai de advertência e multa até a interdição da unidade e a proibição do atendimento aos idosos.

No tocante ao mercado de trabalho aponta: É proibida a discriminação por idade e a fixação de limite máximo de idade na contratação de empregados, sendo passível de punição quem o fizer. O primeiro critério de desempate em concurso público é o da idade, com preferência para os concorrentes com idade mais avançada.

No âmbito das conquistas em termos jurídicos e da notável entrada da questão do envelhecimento na agenda pública, cabe-nos descrever a importância dos Conselhos de idosos, criado nos últimos anos.

Segundo Faleiros (2006), o Estatuto do idoso reafirma o papel fundamental que compete aos Conselhos, acompanhar a fiscalização e a avaliação da política nacional do idoso, sendo assim cabe aos mesmos:

- A supervisão da política nacional do idoso manifesta tanto em críticas e correção de rumos, quanto em elaboração de propostas para sua reformulação e execução;
- O acompanhamento da política nacional do idoso: a verificação de dados, orçamento, propostas, diretrizes;
- A fiscalização da política nacional do idoso: a averiguação da execução e a abertura de processos junto a órgãos competentes para ajustar a execução e para punição dos responsáveis;
- A avaliação da política nacional do idoso: a contratação ou realização de estudos, pesquisas, consultorias, debates e elaboração de parâmetros de efetividade, impacto, resultados e processos

No dia 26 de junho de 2008, no município de Goiânia, foi criada a primeira unidade pública do Centro-Oeste, destinada à promoção da qualidade de vida da pessoa idosa, “O Centro de Referência em Atenção à Saúde da Pessoa Idosa (CRASPI)”, que contará com especialidades básicas e profissionais diversos para repasse de orientações para que os idosos tenham mais um serviço que promova melhoria na qualidade de vida.

De acordo com o secretário municipal de Saúde, Paulo Rassi, a Secretaria Municipal de Saúde dá início a uma política específica para o idoso, com intenção de ampliá-la para atender cerca de 90 mil pessoas, com mais de 60 anos, que moram na capital. O secretário fala para a Secretaria de Comunicação Municipal: “Na SMS, os idosos já têm prioridade entre os demais. Agora implantamos um centro onde receberão atenção integral à saúde, lazer e atividades voltadas para independência, interação com a sociedade e com o meio ambiente”. (SECOM, 2008)

No centro de referência, foram instalados cinco consultórios em que atenderão médicos geriatra e fisiatra, nutricionista e fisioterapeuta. As consultas serão referenciadas pela rede básica de saúde, informa o coordenador.

O Prefeito de Goiânia, Iris Rezende, também afirma para a Secretaria de Comunicação que, o que se faz pelo idoso não é caridade, mas respeito e reconhecimento aos que representaram e representam muito para a sociedade. Afirma o Prefeito: “Com a inauguração do CRASPI, nós da terceira idade, não ficaremos perambulando aqui e ali em busca de atenção médica, não enfrentaremos fila. Teremos um centro à nossa disposição para termos melhor condição de vida”.

Uma dona de casa de 75 anos, que estava na inauguração, falou à imprensa que seu objetivo era freqüentar a instituição, também levar consigo o marido. A representante da FIEG (Federação dos Idosos do Estado de Goiás), Maria Consuelo Seabra, 67, afirma que a implantação do CRASPI é uma operacionalização do Estatuto do Idoso. Ela reconhece que a partir agora, em Goiânia, a lei que assegura o direito dos idosos está saindo do papel e sendo praticada.

Das entrevistas, consideramos importante levantar o tema do Estatuto do Idoso. Notamos que parte dos idosos não sabia nem do que estávamos falando, perguntaram se era um lugar, afirmaram não conhecer e nos questionaram a respeito.

Extraímos as seguintes informações: dos 14 entrevistados, apenas 7 deles sabiam do que se tratavam o Estatuto do idoso, destes, 4 freqüentavam alguma instituição de idoso, 2 de alto grau de escolaridade e apenas 1 que não freqüentava qualquer instituição ou grupo informou saber do que se tratava tal Estatuto. Importante ressaltar nesta discussão que todos os entrevistados que sabem dos direitos que gozam por via do Estatuto, afirmam que o cumprimento do mesmo é que deve ser questionado e que não adianta ter um documento que garanta direitos se os mesmos não são respeitados. Um senhor de 65 que participou da pesquisa infirma: “Nunca nem me interessei porque quando eu leio o estatuto da criança ou estatuto do idoso e esses direitos humanos eu

fico um tanto quanto aborrecido por que por um lado eles não colocam em pratica a parte de beneficios que prometem”.

Notamos que, mesmo tomando corpo e entrando cada dia mais na agenda pública, esses beneficios criados para os idosos são postos em cheque o tempo todo, inclusive pelos próprios idosos.

Dona Pérola, de 61 anos, advogada aposentada, afirma sobre o Estatuto do idoso:

Tenho conhecimento, superficialmente, mas tenho. Sei que ele garante algumas, alguns beneficios ao idoso, mas sei também que não é muito respeitado, não. Principalmente, assim, em relação às pessoas mais humildes, que dependem de transporte coletivo, eu vejo sempre que eles não respeitam. Não dão lugar, não dão passagem gratuita que deveria dar. O único beneficio que eu usufruo do Estatuto é às vezes o problema das filas, que tem atendimento especial pro idoso, então... Embora eu fique constrangida, mas eu usufruo...

A fala de Dona Pérola mostra um constrangimento em utilizar um direito que lhe é conferido por lei. Como ela está dentre a minoria entre o grupo de idosos, aqueles com renda mensal que atinge R\$5.000,00, e nível superior de escolaridade, chama a atenção para o não cumprimento das leis para com as pessoas de renda inferior e para a situação do transporte coletivo, mesmo não sendo usuária. Afirmou que sente certo mal estar ao pensar nas pessoas que utilizam o transporte coletivo.

Outra mulher entrevistada, esta, com 73 anos de idade que afirma conhecer o Estatuto, pondera: “Conheço mas.. (risos)... vai levando né. Acho que muita coisa que ele prometeu não foi cumprida, né?” A ilustra o reconhecimento do não cumprimento das leis, inclusive de uma forma cômica, ela riu quando o assunto era o Estatuto. Isso mostra o descrédito que a população no geral tem com as políticas e leis que são implementadas a favor da população. As políticas devem ser eficientes e eficazes, devem sair do papel e serem de fato realizadas.

2.1.2 A saúde como vai?

Nota-se atualmente a existência de iniciativas relacionadas ao estabelecimento de indicadores de saúde dos idosos brasileiros. Um exemplo é o Comitê Temático Interdisciplinar da Rede Interagencial de Informações para a Saúde (RIPSA), parceria do Ministério da Saúde do Brasil e a Organização Pan- Americana de Saúde (OPAS).

Tais instituições disponibilizam uma série de indicadores selecionados nas áreas demográfica, socioeconômica, de mortalidade e de fatores de risco, de recursos e de cobertura (OPAS, 2002).

O envelhecimento ocasiona mudanças nas doenças e na frequência das incapacidades. Dados da Revista Panam Salud Publica (2008) indicam que em uma autoavaliação sobre saúde dentre os idosos brasileiros, 84% afirmam que sua saúde é regular ou muito boa.

Considerando a necessidade de oferecer uma política relacionada à saúde do idoso, em dezembro de 1999, o Ministério da Saúde, com a finalidade de concluir o já iniciado trabalho que envolveu consultas a diferentes segmentos direta e indiretamente envolvidos com o tema e, considerando ainda, a aprovação da proposta da política mencionada pela Comissão Intergestores Tripartite e pelo Conselho Nacional de Saúde, resolveu aprovar a Política Nacional de Saúde do Idoso e determinar que os órgãos e entidades do Ministério da Saúde (MS), cujas ações se relacionem com o tema objeto da Política aprovada, promovam a elaboração ou a readequação de seus planos, programas, projetos e atividades na conformidade das diretrizes e responsabilidades nela estabelecidas (Brasil, 1999).

Esta Política, em sua introdução, assume que o principal problema que pode afetar o idoso, como consequência da evolução de suas enfermidades e de seu estilo de vida, é a perda de sua capacidade funcional, isto é, a perda das habilidades físicas e mentais necessárias para a realização de suas atividades básicas e instrumentais da vida diária.

A Política Nacional de Saúde do Idoso apresenta:

"como propósito basilar a promoção do envelhecimento saudável, a manutenção e a melhoria, ao máximo, da capacidade funcional dos idosos, a prevenção de doenças, a recuperação da saúde dos que adoecem e a reabilitação daqueles que venham a ter a sua capacidade funcional restringida, de modo a garantir-lhes permanência no meio em que vivem, exercendo de forma independente suas funções na sociedade" (Brasil, 1999:21).

Para efetivação da Política Nacional de Saúde do Idoso, foram definidas como diretrizes essenciais a promoção do envelhecimento saudável, a manutenção da capacidade funcional, a assistência às necessidades de saúde do idoso, a reabilitação da capacidade funcional comprometida, a capacitação de recursos humanos especializados, o apoio ao desenvolvimento de cuidados informais, e o apoio a estudos e pesquisas.

O cuidado comunitário do idoso deve basear-se, especialmente, na família e na atenção básica de saúde, por meio das Unidades Básicas de Saúde (UBS), em especial daquelas sob a estratégia de saúde da família, que devem representar para o idoso, idealmente, o vínculo com o sistema de saúde.

Quando nas entrevistas a questão era saúde, as respostas obtidas foram um pouco diferenciadas. Os idosos de idade mais avançada de fato, reclamam mais de problemas de saúde que àqueles de menor idade. Saulo de 67 anos afirma: “Até hoje não tive nenhum problema de saúde, graças a Deus bacana, viu. Sou uma pessoa muito saudável...”. Fernando de 72 anos, conta que sente falta de mais saúde: “É ruim quando as doença ataca né? Pelo menos a coluna, passa uns diazinho depois ataca, passa, passa ruim. Ai eu tomo remédio melhora.. Vai levando né?!”

Dona Moema de 83 anos, afirma que a saúde lhe faz muita falta, que antes era bem mais disposta, mas que agora foi acometida de três derrames, fora outros sintomas como esquecimento, insônia e muitas dores.

Espero a morte qualquer hora. Eu sei daqui esses dias carregada, se eu morresse eu nem não via, se não fosse meu genro me pegar... Às vezes não consigo dormi porque eu sinto dor de mais na perna, que eu acho que na face da terra não vou encontrar o remédio que melhora, eu acho que não, às vezes deito pra melhorar um pouco, ruindade na cabeça, eu não posso nem caçar um trem numa mala ou numa bolsa, eu perdi meus cartões de vacina, eu passo mal, mas não dou conta de lembrar onde é que eu pus, jogar fora eu não joguei, isso eu lembro. Mas não acho em nenhum lugar.

Dentro da discussão sobre saúde consideramos importante abordar a questão das atividades físicas. Essa, passa a ser vista cada dia com mais importância pela população. As revistas de saúde anunciam a necessidade de ter uma alimentação saudável, também de praticar atividades físicas. As academias são cada dia mais procuradas e as praças e parques das cidades estão mais cheios de idosos fazendo caminhada ou praticando outro tipo de atividade física. Harmina, 64 anos considera que cuidar da saúde é “(...) muito importante. Inclusive eu fazia academia. Aí a academia mudou aqui de perto e agora eu to fazendo só caminhada lá no Horto. Mas com certeza é muito importante a atividade física. A gente tem que fazer. Marta de 65 anos afirma:

Ah é muito importante. Pra mim mesmo o médico passou caminhada. A atividade física é muito bom. Já to fazendo caminhada e pretendo continuar, por causa da saúde, faz muito bem, parece que eu tava me paralisando de

tanto ficar só sentada por causa da máquina, agora não, agora parece que vai animando.

Percebemos que a prática de atividades físicas por indivíduos idosos tende a aumentar. Estes, mesmo não se exercitando de alguma forma, sabem da importância de fazê-lo.

Sou relaxado, esses dias mesmo eu fui no médico pra renovar a carta de motorista, ele fez os exames, mediu a pressão e falou assim, com essa pressão e com esse estilo de vida seu, se você fizer um pouco de exercício, você passa dos 100 anos. Mais eu preciso fazer, necessito fazer e to relaxado. Há muita necessidade. Hoje eu tava numa praça ali na, setor Bueno (bairro nobre de Goiânia), esperando um cliente e vendo, uma menina devia ter uns 13 ou 14 anos, andando e correndo em volta da praça. Umhas duas pessoas assim, de 20 e 30 e poucos anos e várias pessoas de idade, acima de 60 e 70 anos, inclusive tinha um senhor de cabelo branquinho de bermuda e a gente via assim aquele passo firme, a gente fica até com inveja. E uma velhinha, andando bem devagar, mas andando, fazendo exercício (Senhor João, 67 anos).

Os idosos também reconhecem que a mídia informa e sugere a respeito da necessidade de cuidar da saúde. Fazem comparações com a importância de procurar-se uma atividade física atualmente. Deve-se procurar porque muitos postos de trabalhos atuais não promovem movimentação do corpo como antes promoviam. As distâncias eram mais longas, o número de automóveis era menor (este não era o principal meio de transporte como hoje é, o trabalho era braçal, enfim, uma série de mudanças nos modos de viver e se exercitar resultaram uma sedentarização.

Hoje existe assim mais informação né, nos meios de vida pras pessoas que vem envelhecendo, envelhecer mais com saúde, hoje tem as instruções pras pessoas praticarem esporte, procurar fazer movimento, como se diz, pra não adiantar a velhice. Mas naquele tempo também o pessoal não tinha essas informações, não tinha essa tecnologia que existe hoje, mas existia também o trabalho que era diferenciado de hoje, o povo, o trabalho era um trabalho mais corporal, o povo se movimentava muito, andava, caminhava muito, os meios de condução que hoje muito tudo favorável, sai daqui vai de ônibus, vai de carro ou não vai, e naquele tempo, no tempo antigo tinha essa vantagem que o pessoal cavalgava, andava de bicicleta, muitos usava bicicleta, eu mesmo andava muito a pé. E o trabalho era sempre se movimentar corporalmente, acho que substituía ou pelo menos favorecia o que forma hoje beneficiando o prolongamento da velhice algumas tecnologias ensinando a caminhar, ensinando a nadar, ensinando fazer alguma coisa que venha beneficiar na velhice das pessoas. (Joaquim, 68 anos, maestro)

O fator da alimentação também é constatado quando se fala em saúde. Pessoas idosas identificam que os alimentos utilizados antigamente não tinham tantos

conservantes e condimentos como hoje possuem, a alimentação das grandes cidades apesar de promover uma facilidade no quesito tempo e praticidade em que se encontram nos supermercados, não possuem as vitaminas e minerais que outrora possuía. As carnes já vêm limpas, separadas em porções específicas para famílias de diferentes tamanhos; os legumes encontram-se enlatados, descascados, cortados, muitas vezes perdendo parte dos nutrientes por serem congelados.

 Todavia naquele tempo também nós tínhamos a parte alimentar. Naquele tempo era uma coisa um pouco mais pura, nos tempos de hoje tudo que você vai se alimentar tem agrotóxico, tudo é movido a insumos de fazer as coisas aumentarem, é conservante, é anti-oxidante, tudo também coisas que prejudica a saúde. Mais, todavia é mais ou menos equilibrado aquilo que a gente viveu, que nossos pais viveram pros dias de hoje. Hoje a vida é mais sedentária mas também mais agitada, a pessoa se estressa muito porque a vida se tornou mais corrida, Então a gente se desgastou muito com isso aí. Tudo isso aí é... equilibra com a vida antiga né, que as coisas se beneficia hoje mas tem o lado negativo, e naquele tempo também as coisas deixava de beneficiar as pessoas pra ter uma vida melhor, mas se recompensava no trabalho que exigia uma movimentação diferente. E com isso, hoje estamos aí, uma velhice, eu me considero bem, apesar de tudo, das coisas que eu tenho, problema na coluna me atrapalha, a visão, enxergo mal, mesmo assim eu me considero muito bem, né? Porque meu pai ele faleceu na idade que eu estou hoje (Joaquim, 68 anos, maestro).

 A variável mortalidade também deve ser abordada quando falamos em saúde. Notamos que a mesma ocorre diferencialmente por sexo entre os idosos e que eles têm percepções distintas na maneira de pensar o tema

 Elias (2001) em “A solidão dos moribundos” destaca que, nas sociedades modernas, a morte é vista como um dos maiores perigos biopsicossociais na vida dos indivíduos. Nessas sociedades, a morte sempre aparece como uma violência e, por isso, vai sendo empurrada para os bastidores da vida social. Em outros momentos da civilização, como na Idade Média, pode-se perceber que a morte era muito menos oculta, mais presente e familiar, embora, não mais pacífica. O espetáculo da morte, inclusive, provocava sentimentos de prazer, alegria e catarse nos indivíduos, os quais eram sustentados pela ausência de identificação entre aqueles que morriam e os que assistiam ou promoviam sua morte.

 Encobrir a morte da consciência, segundo Elias (2001), é uma tendência muito antiga na história da humanidade, porém, mudaram os modos usados para esse encobrimento. Se antes, as pessoas recorriam com mais paixão e intensidade à idéia da continuidade da vida em outro lugar – fantasia coletiva ainda significativa – atualmente, os avanços científicos que permitem o prolongamento da vida e a possibilidade de

institucionalizar os cuidados com os velhos e moribundos, são as formas mais comuns para encobrir o processo de envelhecer e morrer.

O autor reflete sobre os inúmeros terrores que envolvem o fato de envelhecer e morrer ressaltando, no entanto, que o constrangimento social e a área de desconforto que, freqüentemente, cerca a esfera da morte em nossos dias é de pouca serventia para uma mudança de valores e atitudes frente à questão. O que poderia ser feito para assegurar às pessoas maneiras fáceis e pacíficas de morrer ainda está por ser descoberto, mas existem alguns meios para se mudar a atitude frente à morte: a amizade e solidariedade dos vivos e o “sentimento dos moribundos de que não causam embaraço aos vivos (2001. p.76)”.

As mulheres têm maior expectativa de vida que os homens, por isso encontra-se um significativo aumento do número de mulheres entre a população idosa. Para Berquó (2000): “A mortalidade declinou muito, registrando um ganho na esperança de vida ao nascer da ordem de 14 anos, entre 1960 e 1991”. (p. 8).

Os dados sobre mortalidade apontam que, também como característica da modernidade, as maneiras de morrer também se alteram. As doenças que antes eram “doenças de morte”, hoje, se diagnosticadas no início, podem não ser mais a causa morte de uma pessoa.

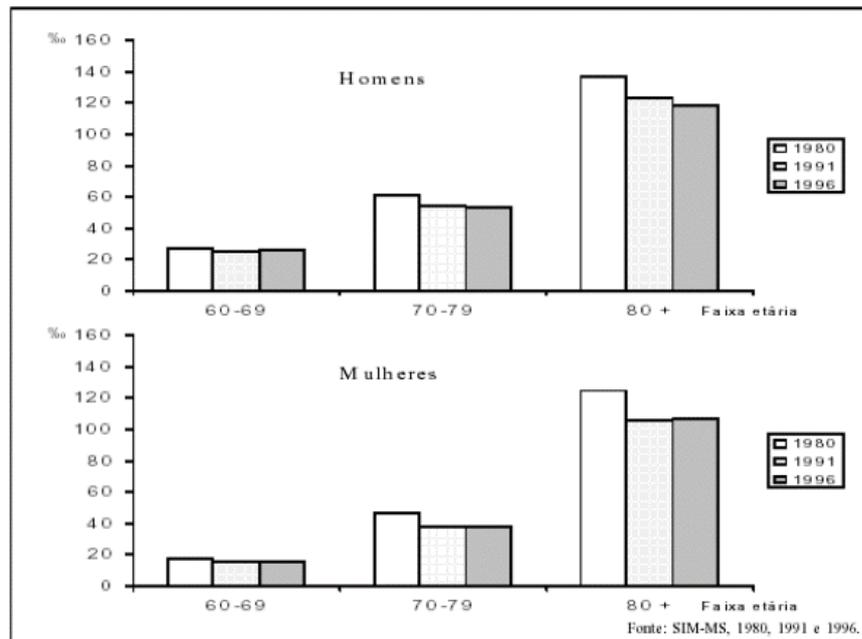
A questão do saneamento básico, o investimento em infra-estrutura nas grandes cidades, as descobertas na área médica, a vida nos centros urbanos, a verticalização do Sistema Único de Saúde, o crescimento quantitativo dos idosos, dentre outros, são fatores decisivos no ganho de vida para indivíduos, culminando na chegada ao envelhecimento.

Em contrapartida existem as chamadas “doenças da modernidade” - depressão, cansaço, estresse, neoplasias, doenças sexualmente transmissíveis, osteoporose (desgaste gerado pela falta de cálcio nos ossos) – que não eram vistas nos tempos antigos e hoje aparecem em grande volume, principalmente nos centros urbanos.

Todas essas informações e características apontam um diferencial na mortalidade entre os idosos, as maneiras de morrer, as doenças específicas, os efeitos da modernidade, atingem os indivíduos idosos com maior freqüência.

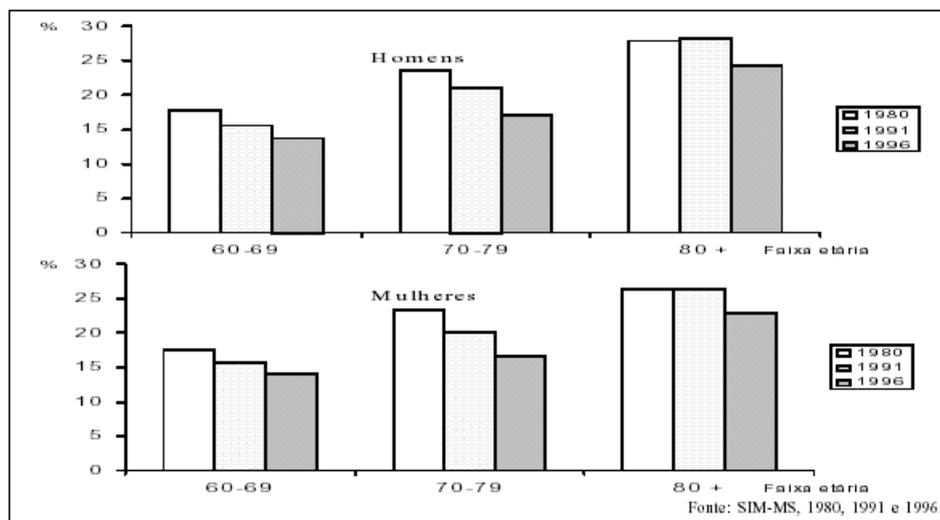
Os gráficos abaixo mostram o perfil da mortalidade entre os idosos. Apontam as principais causas de morte, as mudanças no perfil da mortalidade, o diferencial por sexo, idade, tipo da morte e ano.

Gráfico 3. Taxa de mortalidade (por 1000) entre idosos, segundo o ano, a faixa etária e o sexo. Brasil, 1980, 1991 e 1996.



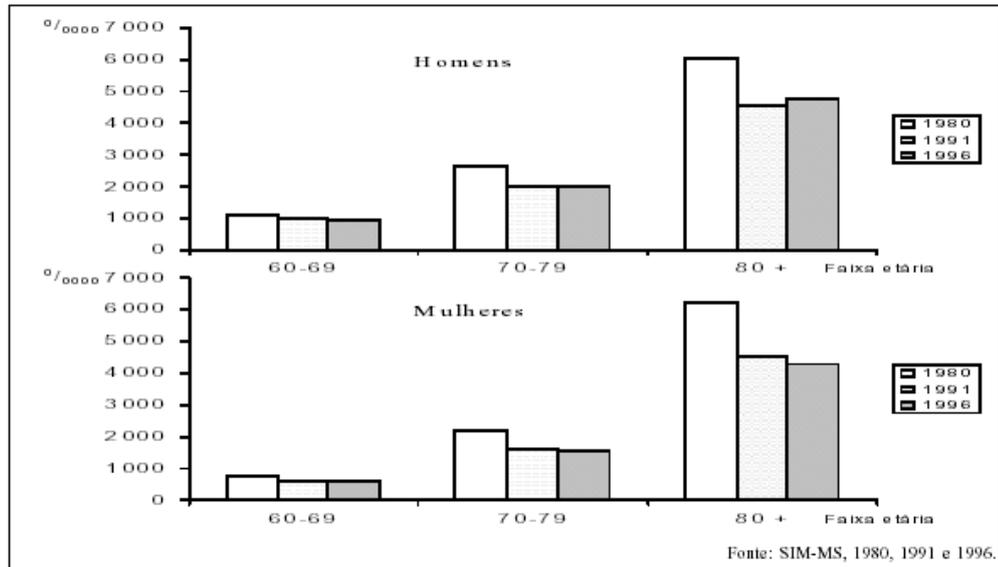
Fonte: SIM/MS

Gráfico 4. Mortalidade proporcional (%) por sintomas, sinais e afecções mal definidas (1980 e 1991) e por sintomas, sinais achados anormais ao exame clínico laboratorial (1996) entre idosos, segundo o ano, a faixa etária e o sexo. Brasil, 1980, 1991 e 1996.



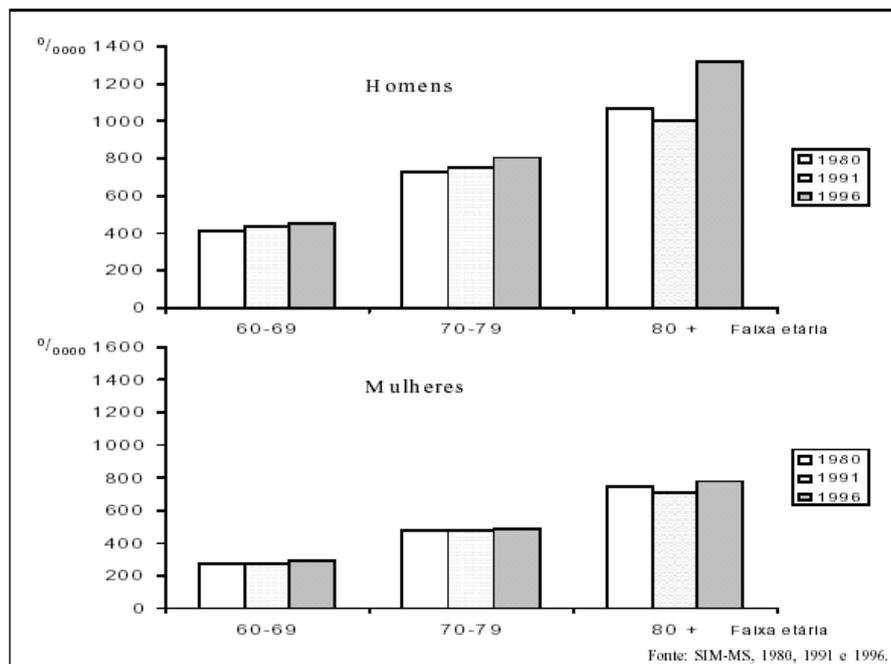
Fonte: SIM/MS

Gráfico 5. Taxa de mortalidade (por 100.000) por doenças do aparelho circulatório entre idosos, segundo o ano, a faixa etária e o sexo. Brasil, 1980, 1991 e 1996.



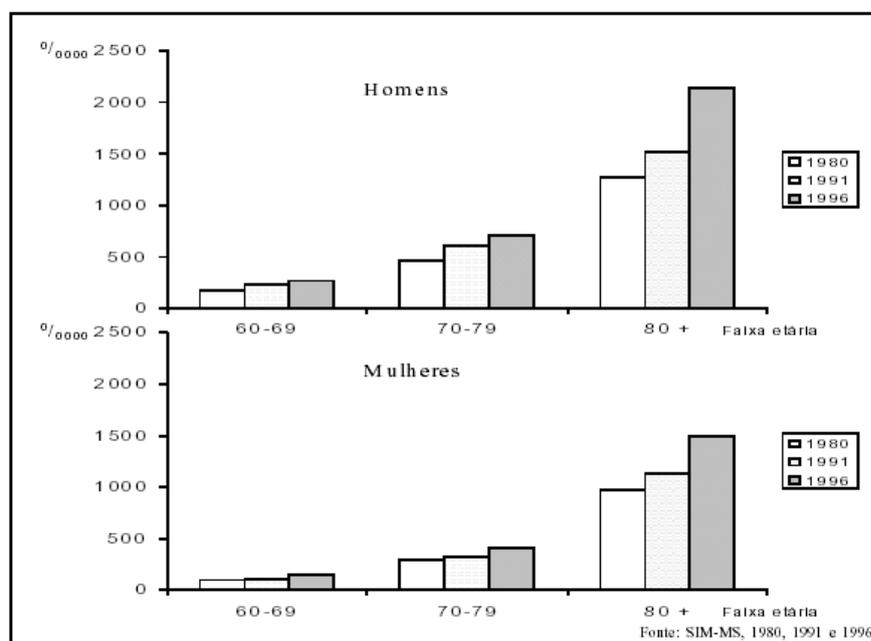
Fonte: SIM/MS

Gráfico 6. Taxa de mortalidade (por 100.000) por neoplasias entre idosos segundo ano, a faixa etária e o sexo. Brasil, 1980, 1991 e 1996.



Fonte: SIM/MS

Gráfico 7. Taxa de mortalidade (por 100.000) por doenças do aparelho respiratório entre idosos, segundo ano, faixa etária e o sexo. Brasil, 1980, 1991 e 1996.



Fonte: SIM/MS

As Nações Unidas e a Organização Mundial de Saúde têm chamado a atenção para o crescimento acelerado do grupo dos idosos mais velhos (mais de 80 anos de idade) no mundo, que aumentou de 27 milhões para 66 milhões, entre 1970 e 1998, e estima-se que deverá atingir 370 milhões em 2050. Este crescimento é devido: a) redução da mortalidade nas faixas etárias anteriores; b) aumento da esperança de vida dos octogenários, com uma proporção cada vez maior chegando aos 90 anos; c) o crescimento também dos centenários. As taxas de mortalidade brasileiras apontam para a redução da mortalidade dos idosos mais velhos: entre 1980 e 1996, as taxas de mortalidade diminuíram 3,7% entre homens com 60-69 anos de idade, 12,9% entre aqueles com 70-79 anos e 13,4% entre aqueles com 80+ anos de idade; entre as mulheres, as reduções correspondentes foram ainda mais acentuadas (7,6, 18,9 e 14,7%, respectivamente).

Os dados do Ministério da saúde sobre mortalidade, obtidos através do sistema de informações de mortalidade mostram-nos que esta sempre fora diferencial por sexo e idade. O gráfico 3 aponta que, de uma maneira geral, em 1996 houve uma queda na

mortalidade entre os idosos em relação a 1991 e 1980, tanto entre os homens quanto mulheres.

Vemos no gráfico 4 que as mortes por sintomas, sinais e afecções mal definidas, sinais achados anormais ao exame clínico laboratorial também diminuíram nos anos acima citados, tanto entre os homens quanto nas mulheres. Isso mostra o avanço nas ciências da saúde, além do maior cuidado com o corpo por parte dos próprios indivíduos. Algumas pessoas que participaram das entrevistas apontam que a mudança do meio rural para o ambiente urbano ocasionou melhorias no que tange aos cuidados com a saúde.

Hoje é muito melhor, porque quando a minha vó e meus pais eram mais novo era muita dificuldade, muita luta, muito sem recurso demais, até pra fazer um tratamento de saúde era mais difícil, a gente ficava doente na roça era muito difícil pra tratar, hoje não, hoje é muito bom, hoje tem quase tudo na mão né? Em vista! (Marta, 65 anos)

No gráfico 5 temos as taxas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório entre idosos, segundo o ano, a faixa etária e o sexo. Diferente das demais taxas, esta apresenta um considerável aumento, tanto nos homens quanto nas mulheres. O passar dos anos fez com que estas aumentassem consideravelmente, o que possibilita tecer alguns questionamentos. Seriam essas doenças específicas dos tempos modernos? O que teria ocasionado tal aumento? Podemos estabelecer correlações com alguns fatores para o aumento de mortes por doenças do aparelho circulatório.

A vida moderna das grandes cidades - com elevadores, escadas rolantes, carros, controles remotos, a alimentação rápida, cada dia mais facilitada e menos adequada, os enlatados, os lanches rápidos, o aumento do uso de cigarro e bebidas alcoólicas, a falta de exercícios físicos – estaria facilitando o acúmulo de algumas doenças antes não observadas entre a população idosa? Acreditamos que estas características podem sim ser causas e conseqüências do aumento desse tipo de morte. Observamos que estes dados são dos anos de 1990 e que pesquisas mais atualizadas demonstram que os idosos estão cada dia mais preocupados em envelhecer com saúde.

As entrevistas ilustram o que discutimos no parágrafo acima. Pérola de 61 anos, advogada aposentada assinala:

Eu posso dizer que minha saúde é razoável, de regular pra bom. Eu, graças a Deus, não tenho, pelo menos que eu saiba, nenhuma doença. Mas sinto assim aquela deficiência provocada pela idade, talvez pelo tipo de vida sedentário

que eu leve. Talvez se eu fosse mais ativa, nesse aspecto, eu não sentisse dor de, problema de coluna, problema no ciático, dor no estômago, esse tipo de coisa assim. Mas eu posso dizer que é de regular a bom a minha saúde.

O gráfico 6 mostra as mortes por neoplasias entre os idosos. As neoplasias malignas constituíram o segundo grupo de causas de morte de idosos brasileiros, da mesma forma que o observado nos Estados Unidos Para o conjunto do Brasil, entre 1980 e 1996, as taxas de mortalidade por neoplasias aumentaram mais entre homens (principalmente entre os mais velhos) do que entre mulheres. É interessante observar que entre as quatro principais causas de morte por neoplasias malignas entre idosos, as primeiras (traquéia, brônquios e pulmões) podem ser prevenidas através de mudanças de hábitos ao longo da vida (exposição ao tabaco). As duas seguintes (próstata e mama) podem ser reduzidas através de identificação e tratamento precoce de doentes. Se medidas de prevenção não são implementadas, a tendência é que ocorra aumento destes tipos de câncer na população idosa.

O gráfico 7 trata das taxa de mortalidade por doenças do aparelho respiratório entre idosos. Verificamos no mesmo que as mortes relacionadas às doenças do aparelho respiratório diminuíram. Essa informação também pode ser vinculada aos maiores cuidados com a saúde por parte dos idosos.

2.2 Família e Envelhecimento no Brasil Contemporâneo: os arranjos familiares

Philippe Ariès é um autor de suma importância para a discussão acerca do tema família. Na verdade, esse autor possui uma discussão amplamente reconhecida por tratar da história social da família e da criança. Através de sua análise, é possível entender o caráter construtivo da idéia de família ao longo da história social. Atualmente, há um grande problema ao tentar conceituar família, visto que este conceito está vinculado a normas socialmente construídas, não sendo possível pensá-lo sem suas referências normativas, ou seja, independente de critérios e pontos de vista, pois a família é definida e entendida em função das variáveis ambientais, sociais, culturais, econômicas, políticas ou religiosas. Assim, o conceito de família assume diversas facetas e não é possível estabelecê-lo com uma instituição padrão, fixa e invariável.

Para esse mesmo autor, a família moderna surge justamente quando as famílias passam a educar as crianças na escola. Ariès argumenta acerca dos costumes familiares, bem como da representação que se tinha das crianças e da educação desde o a Idade Média até a Idade Moderna. Para ele, a Idade Média foi marcada como um período em que não havia lugar para a escola na propagação da aprendizagem, esta se dava exclusivamente por meio da participação das crianças na vida dos adultos. As crianças entre os sete e nove anos de idade eram dirigidas a outras famílias para receberem ensinamentos e disciplinas, estabelecendo, portanto, um intercâmbio de crianças entre famílias, o qual durava cerca de oito anos. Somente no século XV, com o início da vida escolar, a qual se encontrava associada aos desejos dos pais de manter as crianças mais próximas por mais tempo, que se iniciam algumas transformações nas realidades e nos sentimentos da família, passando esta a se concentrar nas relações entre pais e filhos de forma cada vez mais sentimental.

É importante focar no fato de que as transformações iniciadas pela volta das crianças às suas casas em decorrência da escolarização ainda estão longe do modelo da família moderna (nuclear), a qual pressupõe uma forte vida interior, privada. É possível, contudo, afirmar que esta configuração teve sua origem no movimento iniciado no século XV descrito por Ariès(1981):

“os progressos do sentimento de família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige um mínimo de segredo”
(p. 238).

Durante um longo período o modelo patriarcal de família - aquela chefiada por um homem, provedor do lar, econômica e moralmente, aquele que toma as decisões - era tido como dominante no cenário brasileiro. A mulher tinha um papel diferenciado do que tem atualmente. Nos dias atuais, não se poder eleger um único modelo de família que seja regular, tendo em vista grande diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira. Esta se constituiu através da influência de famílias européias, indígenas e escravas, estas últimas advindas de diversas nações africanas, as quais guardam entre si certas particularidades.

A discussão sobre família deve perpassar e ressaltar o fato de que existem modelos diferentes de família segundo regiões brasileiras. Alguns autores dessa linha (Almeida, 1987; Benincá & Gomes, 1998; Figueira, 1991; Nicolaci-da-Costa, 1988),

mostram-nos que as regiões Sul e Sudeste do Brasil apresentam modelos de família menores, diferem o desenho de família encontrado nas demais regiões, sobretudo o nordeste do país, que se caracterizava por ter famílias extensas, formadas por pai, mãe e vários filhos, família patriarcal onde geralmente o homem era considerado o chefe da família.

Embora presente na mentalidade de muitos que as grandes famílias dominavam o cenário passado, esse padrão não está tão em voga nos dias de hoje. Os casais optam por menos filhos por razões distintas. A queda da fecundidade também é um elemento que subsidia a discussão sobre as mudanças no tamanho e estrutura das famílias. Em alguns lares notava-se que um ou mais filhos não se casavam para destinar sua vida ao seu idoso, pai ou mãe, quando não eram os dois. Berquó (1998) esclarece que a situação familiar das pessoas nesta fase da vida reflete o efeito acumulado de eventos sócio-econômico-demográficos e de saúde ocorridos em etapas anteriores do ciclo vital. O tamanho da prole, a renda familiar, as migrações, a viuvez, vão confirmando, ao longo do tempo, distintos tipos de arranjos familiares e domésticos, os quais, com o passar da idade, adquirem características específicas, que podem colocar o idoso do ponto de vista emocional e material, em situação de segurança ou de vulnerabilidade.

Ao falar sobre família, Woortmann (2002) cita Goody (2001), apontando que são muito poucas as sociedades onde a família nuclear não tenha sido importante, inclusive como grupo residencial. Mesmo as sociedades que não são juridicamente monogâmicas, na prática o são e a unidade básica de produção-reprodução é relativamente pequena. Mesmo onde existe descendência unilinear, não são ignorados os laços consangüíneos bilaterais. Por outro lado, em todas as sociedades são importantes os laços jurídicos entre mãe e filhos, mesmo quando o contexto ideológico retira a importância.

Woortmann (2002) ressalta o crescimento da monoparentalidade entre as classes intermediárias, pontuando que nas classes mais baixas, esta existe há um tempo considerável. Afirma que é bem possível que boa parte do crescimento de unidades caracterizadas como monoparentais seja o resultado dessa nova presença ideológica na classe média. Mudanças na ideologia de gênero tanto favorecem a expansão de famílias com chefia feminina como conduzem à sua tematização acadêmica. Por outro lado, com relação às camadas urbanas mais pobres, onde a matrifocalidade tem estado presente desde há muito, é provável que tal expansão resulte de transformações na sociedade rural, com o crescimento de migrações temporárias ou permanentes.

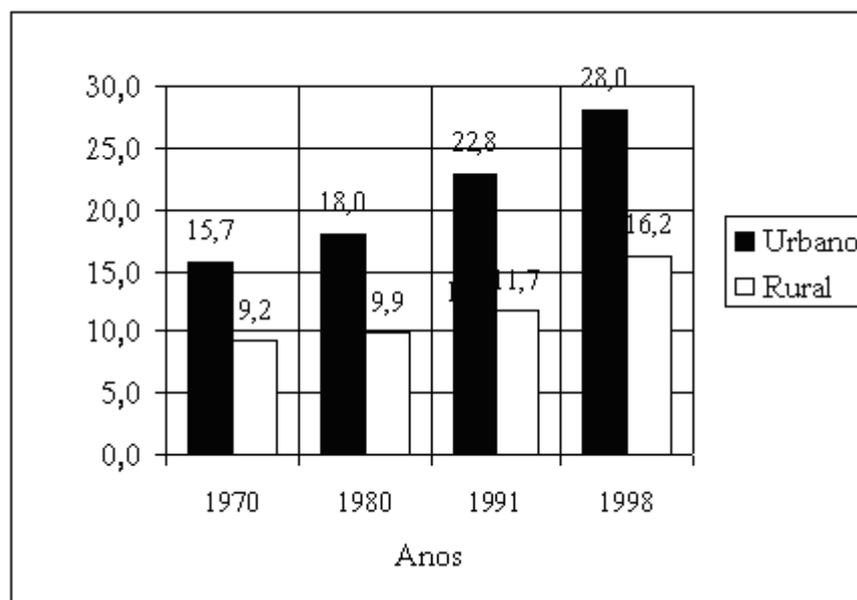
As mudanças historicamente ocorridas na esfera da família, onde o divórcio, antes proibido pela igreja, passa a ter uma aceitação social muito mais fácil do que outrora representava. Há o que estudiosos caracterizam por mudanças na composição dos arranjos domiciliares, o que afeta vários aspectos da vida dos indivíduos.

Ainda sobre o divórcio, Woortmann (2002) pontua que, paradoxalmente, se de um lado se favorecia a independência das mulheres quanto à escolha do cônjuge, a proibição do divórcio as impedia de se livrar de maridos opressores. Significativamente, com a Revolução Francesa, são elas a grande maioria daqueles que solicitam o divórcio; na Inglaterra e nos EUA são elas que encabeçam o movimento pelo divórcio.

É necessário salientar também o problema da mudança na composição familiar e o aumento das chefias femininas. Segundo Berquó (2002) o crescimento das chefias femininas é generalizado em todas as cinco grandes regiões do país.

O gráfico abaixo mostra a proporção das chefias femininas no Brasil, dos anos de 1970 a 2000.

Gráfico 8. Proporção de chefias femininas por situação domiciliar. Brasil, 1970, 1980, 1991 e 2000.



Fonte: IBGE 2000

A partir da tabela podemos visualizar o crescimento das chefias femininas, tanto na área urbana, quanto na rural.

Ainda na discussão sobre família, Medeiros e Osório (2000) também argumentam que, em 20 anos, de 1978 a 1998, a composição domiciliar no Brasil alterou-se grandemente. Trazem como explicação para tais mudanças, fatores como a queda da fecundidade, a legalização do divórcio, e mudanças na esfera dos valores conferidos à família. Apontam como principais tipos de modificação, aquelas correspondentes ao denominado núcleo e periferia, bem como, aquelas referentes ao tamanho das famílias brasileiras.

Os mesmos autores descrevem que o conceito de família vem se transformando ao longo do tempo. O que se entende atualmente por família, caracteriza-se por “grupos de parentes (incluindo as filiações não biológicas e alianças conjugais), que se relacionam com alguma regularidade e intensidade, portanto, não são limitadas pela fronteira do domicílio”. (Medeiros e Osório, 2000, p.68)

Porém, uma corrente da literatura sociológica brasileira recente aborda temas como socialização primária e reprodução de papéis de gênero concentrando-se no grupo de parentes que ocupa uma mesma habitação. (Medeiros e Osório 2000)

O IBGE, através de suas grandes maiores pesquisas sobre a população brasileira, Censo demográfico e Pesquisa Nacional por amostra domiciliar (PNAD), define o grupo de pessoas que reside em uma determinada habitação como domicílio, e os núcleos familiares são as chamadas famílias.

A Antropologia define famílias por instituições com várias características, dentre elas, laços de parentesco e normas de convivência que determinam direitos e obrigações de várias espécies a seus membros. Já que o parentesco não é sinônimo de vínculo biológico e a convivência pode variar em intensidade, as famílias podem apresentar certa diversidade em termos de composição organizacional.

Por arranjo domiciliar Medeiros e Osório (2000) definem aquele “formado por uma pessoa vivendo sozinhas ou por um grupo de pessoas que residem em um domicílio particular” (p.69). Os autores pontuam que cada domicílio tem um chefe, identificado pelo morador no momento da pesquisa e a partir dessa pessoa se define a posição dos demais membros daquele domicílio. O chefe e seu cônjuge definem o núcleo domiciliar, determinando como periferia os demais membros.

Segundo Goody (2001)

"Em vez da pequena família nuclear isolada, temos a família menor ainda, dispersa e fragmentada, na realidade algo que em absoluto é uma família, se por tal entendemos um casal que convive com seus filhos. A 'família que come unida' resulta não ser o ponto final da modernização, mas uma fase da evolução da família, pois esta continuou avançando: uma proporção significativa, ao redor de 50% das pessoas, se separam sentimental e residencialmente e dão lugar a um período de uniparentalidade ... seguido em muitos casos de novo matrimônio e da criação do que alguns denominaram famílias reconstituídas (ou pós modernas) e outros 'famílias não nucleares'. O 'descasamento' pode conduzir a um novo casamento, a segundas vinculações ... que estatisticamente estão destinadas a durar menos tempo que a união inicial" (Goody, 2001: 177)

E prossegue falando da família moderna:

(...) apesar das fórmulas alternativas, segue sendo certo que a maior parte das crianças européias crescem com o casal parental até se tornarem adultos... Mas, cada vez mais, uma parte da população conhece a vida desde um ângulo distinto. Com a possibilidade de ter independência econômica, com a prolongação da longevidade, de modo a fazer com que o casamento por toda a vida duplicou sua duração desde o século XIX, é pedir demais ao compromisso permanente, sobretudo quando se entende que há de basear-se no amor e na livre escolha: ... o reverso da ideologia é voltar a escolher e criar uma nova relação baseada no que se tem chamado 'amor congruente'. Essa transitoriedade é a face oculta do ideal romântico" (Goody, 2001: 177)

Dentre as mudanças acarretadas nesses arranjos, podemos priorizar a formação de um novo padrão domiciliar, com aumento de arranjos menores e diferentes do clássico modelo de família nuclear encabeçada por um casal. Nota-se na distribuição espacial do Brasil, uma diminuição de casais e o aumento de domicílios unipessoais. O crescimento dos arranjos formados por uma mulher e seus filhos, tem sido considerável.

Segundo Camarano (2002), no Brasil, predominam os arranjos do tipo idoso/a com filho. Além disso, em 86% dos domicílios onde residem os idosos, estes são chefes ou cônjuges. O aumento da taxa de chefia da população idosa tem sido uma tendência crescente no tempo e permite inferir uma redução na dependência dos idosos. Além disso, encontrou-se uma proporção expressiva e crescente de filhos morando nesses domicílios, os quais apresentam uma renda domiciliar per capita mais elevada e uma menor proporção de pobres. A grande maioria são residências próprias. O peso da renda dos idosos no orçamento familiar é expressivo, onde se destaca a importância da renda do benefício social. Nesse caso, pode-se pensar numa inversão da relação de dependência e numa associação entre arranjos familiares e condições de vida, onde a política previdenciária tem desempenhado um papel importante.

Os idosos participantes da pesquisa se enquadram nessa nova composição domiciliar. As narrativas encontradas durante as entrevistas nos permitem fazer uma

análise. Dos 14 idosos entrevistados, 4 moram sozinhos, sendo 3 mulheres e 1 homem; 1 mulher mora com a enfermeira acompanhante, e os demais moram com esposa, filhos e netos. Apenas uma mulher idosa entrevistada é casada, sete delas são viúvas ou divorciadas. Dos seis homens entrevistados, apenas um vive sozinho, os outros cinco são casados. Alguns afirmam terem se casado novamente, ao contrário das mulheres, que afirmam estarem bem da maneira em que se encontram em relação à conjugalidade. Das 8 entrevistadas, apenas uma, a que é casada, realizou a união pela segunda vez.

Das oito mulheres entrevistadas, quatro delas procuraram alguma instituição na busca de manter contato com outras pessoas, também de realizar alguma atividade física e artística, duas destas, vivem sozinha, uma delas é viúva e a outra divorciada. Ambas falam que após a ida para instituição fizeram novos contatos, novos amigos, bem como viagens, e encontros semanais que preenchem de alguma forma, o tempo ocioso que a falta de trabalho e família propiciam às mesmas.

Quando questionada sobre sua autonomia em relação à família a entrevistada relata:

Fiquei mais independente depois de envelhecer. Eu dependia das pessoas pra tudo. Solteira dependia dos pais. Casei dependia do marido pra tudo. Inclusive quando ele se separou de mim eu me senti sem chão porque eu não dava conta de viver sem ele porque eu não sabia nada, sabe? Se estivesse casada eu tava lá na fazenda. Inclusive as pessoas de vez em quando perguntam se eu quero um companheiro, mas eu não quero aquela vida pra mim não. (Dona Harmanda, 64 anos, divorciada, vive sozinha e freqüenta a UNATI há 4 anos)

Afirma que, vivendo sozinha, se esforçou para aprender tarefas que julgava antes não saber, como dirigir, ir ao banco, administrar sozinha a casa dela e da mãe de 84 anos.

Mulheres idosas contam que além de vivenciarem nos relacionamentos de seus pais a relação de dependência e subordinação ao sexo masculino, isso ocorria também ao lado de seus maridos. Pontuam que não se movimentavam, não conheciam pessoas diferentes, não podiam trabalhar e se especializar. Algumas delas chegam a comemorar a liberdade que a viuvez e o divórcio propiciaram.

Na casa do meu pai era muito segura, meu pai não deixava a gente sair, aí eu casei meu marido também era muito ciumento eu não saía, agora que eu to aproveitando né, venho aqui né (na FUMDEC¹⁹), uma amiga

¹⁹ A Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário é o órgão que representa em nível municipal a política de Assistência Social, portanto, é responsável pela execução do “Projeto Conviver” - uma parceria

minha achou eu muito triste em casa e falou pra eu não ficar em casa não, aí eu comecei a freqüentar e entrei na dança.(Senhora Dalva, 73 anos, aposentada, vive sozinha, mas freqüenta grupos de idosos, SESC e FUMDEC)

Há mudanças significativas na sociedade atual, geradas principalmente pela participação da mulher no mercado de trabalho, devido às exigências econômicas atuais e à veiculação de uma nova imagem de mulher nos meios de comunicação de massa.

O mercado se volta para essa versão de família, a estrutura das cidades também sofre mudanças para atender demandas específicas. Os domicílios das “novas famílias” não incluem o indivíduo idoso, geralmente os apartamentos das grandes cidades ficam cada vez mais reduzidos, aproveitam o espaço sem pensar em um espaço destinado para o vovô ou a vovó, muito menos para os dois juntos. Cabe então pensar, onde vão morar esses idosos? Com quem eles vivem? Daí surge a alternativa das novas formas de sociabilidade.

Um dado relevante refere-se ao tipo de família do idoso, 12,1% dos idosos brasileiros moram sozinhos. Isso vem ao encontro do que observamos sobre as mudanças nos modelos de família brasileira. Além de morar sozinho, esse idoso tem que garantir sua sobrevivência e realizar qualquer tipo de atividade remunerada, aceitando assim, empregos com péssimas condições materiais de realização e má remuneração, principalmente quando este não tem acesso à aposentadoria. Estes aspectos são agravados, quando se analisa a questão de gênero no que se refere ao mercado de trabalho.

Mesmo havendo mais de um modelo de família no Brasil, verificamos que antigamente, esses modelos não contemplavam chefias femininas, tampouco mulheres idosas, provedoras do lar, nem consistiam um segmento demográfico tão numeroso como hoje são. A nova versão de família encontrada nos lares brasileiros traz consigo implicações de caráter demográfico, cultural, político e social.

2.2.1 A categoria gênero e a feminização do envelhecimento

Homens e mulheres, ao longo de suas vidas, possuem formas diferentes de lidar com o mundo, de fazer as coisas e obrigações desiguais, portanto, ao envelhecer, também apresentam características diferenciadas (Goldani, 1999).

O conceito de gênero surge nas Ciências Sociais enquanto referencial teórico para análise e compreensão da desigualdade entre o que é atribuído à mulher e ao homem (Louro, 2005). Estas desigualdades são percebidas primeiramente por mulheres, como: Simone de Beauvoir, Alexandra Kollontai, Rosa de Luxemburgo, Kate Sheppard, Mary Wollstonecraft, entre outras, que dariam margem ao surgimento dos Movimentos Feministas. “Gênero” é um fator fundamental que organiza a vida social, e tem atuado desde o início da existência humana. Contudo, “gênero” não pode ser visto e analisado de forma isolada. Ele vai além, “gênero” é dinâmico e correlaciona-se com outros eixos de diferenciação, como classe social, raça, etnia, geração, orientação sexual, levando-se em consideração que todas essas diferenciações sociais compreendem estruturas de poder. Essas forças são construções sociais e, portanto, não são naturais, categorias inatas ou características. Assim sendo, os papéis de gênero nos são ensinados como próprios da condição de ser homem ou mulher, configurando-se enquanto uma imagem idealizada do masculino e do feminino, de modo que não percebemos sua produção e reprodução social. (BENTO, 2006 ; LOURO, 2005)

Segundo Giddens (1993), a família moderna reproduz a desigualdade social existente no que se refere às expectativas geradas sobre o comportamento de homens e mulheres. Esperam-se das mulheres delicadeza, sensibilidade, passividade, subordinação e obediência. E, devido a sua condição biológica de engravidar e amamentar, a sociedade também delegou à mulher o cuidado com o marido, o lar e os filhos sendo, inclusive, responsabilizada por qualquer coisa de errado que acontece. Por sua vez, os homens estão relacionados ao espaço público, a papéis como: provedor e chefe da casa, à virilidade, coragem e agressividade. Assim como já assinalava Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, publicado em 1949, ao dizer que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, gênero é uma construção social.

Dentre os estudos de gênero podemos ressaltar as contribuições de Joan Scott (1995), que define gênero como "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar

significado às relações de poder" (Scott, 1995, p. 14). Na obra "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", publicada em 1986, a autora conceitua gênero enquanto uma categoria útil à história e não apenas à história das mulheres, argumentando que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. A categoria gênero lança luz sobre a história das mulheres, mas também a dos homens, das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e igualmente das mulheres entre si, demonstrando assim seu caráter relacional. Isso propicia um campo fértil de análise das desigualdades e das hierarquias sociais.

Dados do IBGE apontam que a população idosa é composta em sua maioria por mulheres. Em 1991, elas representavam 54% de todos os idosos, atingindo 55,1% em 2000, à medida que a idade aumenta, o número de mulheres cresce em relação ao número de homens, em virtude da maior longevidade do sexo feminino, como já ressaltado anteriormente. Para a Previdência, o acompanhamento desta variável é importante, dado que as condições de elegibilidade para a concessão de aposentadoria por idade e tempo de contribuição são diferenciadas segundo o sexo. Além disso, é importante ressaltar que as mulheres, em qualquer idade, possuem expectativa de vida superior ao homem. Isso pode ser observado também na velhice, pois homens e mulheres possuem expectativa de vida de 76,0 e 79,5 anos, respectivamente, diferença de 3,5 anos em favor das mulheres. (IBGE, 2000).

Giddens (1993) aponta como fruto das transformações na intimidade a diminuição do abismo entre os sexos, também a emancipação da mulher e a não necessidade de um amor romântico. Ora, essa mudança não se dá apenas em nível dos valores que orientam o comportamento conjugal, permitindo novas configurações na maneira de se relacionar com o outro, mas também no que diz respeito aos cuidados corporais. Neste sentido, muito seria devido ao desenvolvimento da medicina por meio da gerontologia (ciência que estuda o envelhecimento) e da medicina estética, além da indústria de cosméticos.

As mudanças históricas ocorridas a partir das percepções e inclusão da mulher em esferas diversas da vida. Conforme demonstram Giddens (1993), Vilella & Arilha (2003), a idéia de igualdade entre os humanos demandava desfazer a concepção de mulher como ser inferior e subordinado.

Na área do envelhecimento, existem estudos que apontam para esta questão, pontuando que homens e mulheres envelhecerem de forma diferenciada. Para Goldani

(1999), homens e mulheres, ao longo de suas vidas, possuem formas diferentes de lidar com o mundo, de fazer as coisas e obrigações desiguais, portanto, ao envelhecer, também apresentam características diferenciadas. Fatores sociais e genéticos como: gênero, raça, classe social, situação conjugal e cuidados prévios com a saúde, possibilitam aos idosos “envelhecimentos específicos”.

Comparando-se homens e mulheres, a partir dos 40 anos de idade, verifica-se que a participação de homens responsáveis pelos domicílios cai, tornando-se os números muito próximos nas idades mais altas. Esse fenômeno pode ser decorrente da maior longevidade feminina, que ocasiona maiores casos de viuvez entre mulheres, tendo como consequência uma maior quantidade de famílias monoparentais ou unipessoais, onde a mulher é a responsável, visto que o recasamento em idades mais avançadas é mais comum entre os homens do que entre as mulheres (IBGE, 2000).

Sobre a feminização da velhice, o IBGE (2000) aponta que, em Goiânia houve um expressivo aumento do número de mulheres com mais de 60 anos responsáveis pelo domicílio, o percentual de 38%, em 1991 subiu para 57% em 2000. Em contrapartida, o número de homens com mais de 60 anos que são responsáveis pelo domicílio diminuiu de 62% em 1991 para 43% em 2000. Esse aumento também ocorreu em nível nacional. Mediante o exposto, verifica-se a necessidade de se problematizar essas diferenças, mostrando, sobretudo, como as mulheres permanecem no mercado de trabalho, mesmo depois de envelhecer e chegar à idade de se aposentar.

Segundo Scott (2001), as mulheres chefes de família vêm ascendendo regularmente em quantidade e proporções durante toda a segunda metade do século XX, tendo atingido o nível de um em cada quatro arranjos. Os dados encontrados nas entrevistas mostram que sete das oito mulheres que participaram da pesquisa vivem sozinhas²⁰. Falando da situação conjugal, cinco são divorciadas e duas viúvas. Estes dados reforçam a tese de feminização da velhice, encontrada nas teorias de gênero e envelhecimento.

²⁰ Ao dizer que as mulheres vivem sozinhas, não estamos nos referindo a situação de moradia, e sim se ela é a provedora do lar. Se não possui cônjuge.

2.3 Observando as Instituições: um envelhecer “ideal”?

Mesmo que não se arrume um companheiro só de ir pra lá, de conviver com aquelas pessoas, com aquelas amigas vale muito a pena. Eu acho que a experiência da universidade é a minha vida, é o meu mundo. Eu sinto que ali eu tenho uma família. Eu sinto muita confiança com os colegas e com os professores. (Harminda, freqüenta UNATI há 4 anos)

Visitando organizações tradicionais como: asilos, associações, grupos de encontro de orientação religiosa, pastorais de idosos, lares, abrigos, além da UNATI, a AIB e a FUMDEC de Goiânia, verificamos que elas estabelecem parcerias com iniciativas governamentais de vários tipos.

Percebemos também, o aumento da demanda por seus serviços, bem como, o crescimento do número de instituições desta natureza, preocupadas em desenvolver algum tipo de convivência para estes idosos.

2.3.1 Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário - FUMDEC

A FUMDEC é o órgão que representa em nível municipal a política de Assistência Social, portanto, é responsável pela execução do “Projeto Conviver” – um projeto desenvolvido com idosos de todo o Brasil, conta com a parceria do governo Federal com instituições municipais da cidade de Goiânia - amparada por leis federais como a Lei Orgânica da Assistência Social e pelo Estatuto do Idoso. Realiza atividades diárias que promovem a sociabilidade de idosos.

Verificamos que, a FUMDEC possui parceria com as pastorais, associações de bairros, instituições espíritas e evangélicas. A sede da FUMDEC fica localizada em um prédio da Prefeitura de Goiânia, onde existem várias repartições, várias subdivisões: a da mulher, dos jovens, há uma área onde se trata dos óbitos, serviço social para a população carente, questões da bolsa família, enfim, o espaço físico é bem preenchido. Os encontros dos idosos acontecem no auditório. Dentre as atividades oferecidas e realizadas pela FUMDEC, há um coral formado por idosos.

Em um dia de nossa visita, era próximo ao dia das mães. As funcionárias falaram muito sobre o “ser mulher”, da dupla jornada de trabalho, ressaltaram a importância da mulher, sobretudo, há a todo tempo, uma vinculação à maternidade. A assistente social

que coordena as atividades falou que “o mundo está mudando porque as mulheres assumem novos papéis”. Em seguida ela faz um discurso contra o aborto, e ressalva, se estamos aqui é porque não fomos abortados. Ela dá dicas de como viver bem, fala que a memória que deve ser resgatada é apenas a positiva, lembrar das coisas boas culmina em uma vida tranqüila e saudável.

O clima nas reuniões é de muita descontração, alegria, declarações afetivas aos colegas, aos colaboradores da FUMDEC, enfim, há celebração em todos os encontros.

Em uma das aulas, uma aluna pediu para fazer uso da palavra e disse que seria porta voz dos alunos para expressar o quão maravilhoso para sua vida era estar ali. Fala que após freqüentar aquelas reuniões ela se sente bem melhor, da importância da música para sua vida, da companhia dos colegas, enfim, agradece por estar ali. Afirma que a música traz recordações. Em seguida o professor de canto toma a palavra e faz uma oficina de dança, aliás, muita dança. Ele trabalha com vários ritmos, e os idosos o seguem, dançam entre si, se revezam, as mulheres brincam com o fato de não ter homem para formar duplas, e dizem que vão dançar mulher com mulher pela falta de opção. É de muita alegria aquele momento, vemos uma troca, tanto os funcionários e colaboradores ficam encantados, quanto os próprios idosos mostram realização por estarem ali.

Também podemos relatar com riqueza dos pormenores, um dia de aula de dança portuguesa. Essas aulas são realizadas duas vezes na semana, o professor é português, aparenta ter cerca de 50 anos de idade, é bem disposto. Os alunos demonstram uma atenção especial a estas aulas, e ao perceberem a presença de uma pessoa diferente no grupo (neste caso a pesquisadora), ficam alvoroçados e curiosos, perguntam-me se vou iniciar nas aulas. O clima em geral é de festividade. A dança não é fácil, exige atenção, já que é cheia de detalhes, mãos e pernas sempre alternando exercícios físicos, corridas breves, reviravoltas, uma sincronia de movimentos que exigem extrema coordenação motora, raciocínio rápido, troca de parceiros, enfim, é uma mistura de exercícios que exigem muito de quem pratica. E os idosos realizam com excelência. Como em todas as outras atividades, a presença masculina é minoritária. Nesta aula observada encontramos apenas três homens, e a turma tinha cerca de 25 alunos. É tradição dessa dança ser executada por um casal formado por um homem e uma mulher, porém, alunos da FUMDEC por uma questão de organização formam pares de mulheres para as aulas. O tempo todo elas intitulam: eu sou o homem, este é o meu lado. Há também outros dois grupos de alunos que, embora, não participem da dança, fazem parte da

realização das aulas através do tocar de instrumentos e do canto das músicas que são repassadas, e que todos cantarolam juntos. A aula dura cerca de 2 horas.

Uma aluna entrevistada descreve-nos o surgimento das aulas de dança portuguesa dentro da FUMDEC:

Olha, o nosso grupo ele começou na Associação dos Idosos do Brasil, eu tava na AIB, lá eu fazia natação, bordado, fazia dança de salão, tava aprendendo a fazer tilógrafo (datilografia), e lá nas quintas feiras também tem forró, a gente dança lá nas quintas feiras e lá que eu conheci o abrigo e a professora que dava curso de doces cristalizados, só que eu não aprendi o doce cristalizado porque no dia dela fazer eu tinha minhas aulas e eu também tava estudando Inglês e Espanhol, eu fiz o primeiro bimestre só, eu não sei se ainda tem porque tem tempo que eu não vou lá. Então lá que eu conheci o abrigo mais a professora, e foi lá que ele fez a proposta, ele perguntou você quer participar de uma dança portuguesa? Eu falei que jeito é isso, ele falava muito enrolado porque era português de Portugal e eu entendia mais ou menos, aí ele chamou a professora pra explicar pra nós. Daí fizemos uma fila e foi crescendo o grupo. Que ele já tinha conversado com os tocador, e aí eu comecei e gostei, e estou lá até hoje, e não pretendo sair de lá tão cedo. (Dona Odete, 60 anos, freqüenta grupos de idosos há mais de 6 anos)

2.3.2 Universidade aberta à terceira idade (UNATI)²¹

A Universidade aberta à terceira idade (UNATI) foi criada em 1992 pela Universidade Católica de Goiás, seguindo o conjunto de 300 universidades brasileiras que já realizavam esse tipo de iniciativa com os idosos. Seu objetivo principal consiste em aumentar o grau de envolvimento dos idosos, tanto entre os mesmos, quanto dar acesso à aulas de informática, tratamento com psicólogos, visando contudo estimular a socialização, autonomia e independência desses idosos.

O curso oferecido pela UNATI já existe há doze anos e está na 23ª turma. A FUMDEC oferece algumas bolsas para que idosos de menor poder econômico freqüentarem esse curso, conta também com bolsas da própria Universidade Católica de Goiás e o idoso que tem recursos financeiros paga uma mensalidade de R\$ 50,00.

Nossa observação nesta instituição ocorreu durante o primeiro semestre do ano de 2007, haviam 125 idosos matriculados. Destes, 122 eram mulheres e 03 homens. A Universidade realiza aulas expositivas, atividades físicas, oficinas, fisioterapia, aulas de artes e informática. Segundo uma funcionária, as aulas de informática são as mais

²¹ Encontra-se e em anexo o perfil dos alunos da UNATI segundo sexo, idade, estado civil, moradia, escolaridade, trabalho, aposentadoria e situação econômica dos anos de 1992 a 2006

freqüentadas e que têm maior importância para o grupo, composto, fundamentalmente, por pessoas de baixa renda.

Não se trata de uma universidade formal, pois apesar de muitos não saberem ler e escrever - outra característica da instituição, a UNATI oferece alfabetização – todos consideram que a aula de informática é a mais importante. Afirmam que, após a conclusão do curso, o próximo passo será adquirir um computador para mediar a comunicação com parentes e amigos, mais uma forma de sociabilidade encontrada por eles. A maioria dos alunos que procuram a UNATI vivem sós, os filhos moram longe, alguns têm depressão, muitas são viúvas, sozinha e alguns vão para lá porque se aposentam, dizem buscar companhia.

O discurso que une essas práticas visa inseri-los na modernidade, ainda que várias práticas sejam tradicionais. Quase sempre a modernidade está associada com um estilo de vida, quando não à moda de vestir-se. Em conversa informal, a secretária do curso declarou:

Eles são muito modernos, vêm bem arrumados pra aula, de salto Elas são lindas, maquiadas, escovadas, tem umas que você olha e acha que tem uns 45 anos no máximo. Elas deixam de comprar coisas para casa para continuar pagando o curso. Até os mais carentes sempre vêm arrumadinhos (Agenda de campo, abril de 2007)

Em uma de nossas observações em uma das tardes de aula na UNATI, houve uma palestra ministrada por uma psicóloga, professora da UCG, que falava sobre família. A dinâmica que a professora executou sua fala permitiu importantes percepções de como os idosos estão pensando a família. Primeiramente ela fala que a família se tornou um grupo fundamental para um mundo melhor, depois fala da família patriarcal, e pede que os alunos explorem o conceito de família, dentre várias falas, ouvimos a definição de família como: “Bem estar, raiz, pai e filho e espírito santo, reunião de valores, união, alegria, é a nossa razão de viver, sustentáculo humano, é a minha vida, mãe é amor e carinho”. Esses foram alguns dos termos utilizados pelas mulheres idosas da UNATI para descrever família, os dois homens que estavam presentes entre mais de 30 mulheres não se pronunciaram a respeito.

Após tantos atributos aplicados à família uma senhora pediu para falar. Disse que essa visão que se tem sobre a família funciona bem na teoria, mas que a prática era bem diferenciada. Disse que a família é cheia de conflitos, que os netos muitas vezes não

respeitam e nem compreendem suas especificidades, que só procuram os avós quando precisam de dinheiro ou qualquer tipo de ajuda, que tem filhos e filhas que não os respeitam. Enfim, houve um reconhecimento por parte dos idosos dos conflitos existentes dentro das famílias.

A psicóloga falou que o conceito de família é historicamente construído, que família é social, que muda de acordo com a sociedade em que se está inserido. Apontou também que cada um confere um significado ao termo família.

Uma nova questão é lançada ao público: falar do papel dos avós nas famílias. As respostas encontradas foram as seguintes: Ser avó é: “Babar; mimar; faço tudo pelos meus netos; segunda mãe; passar todos os conhecimentos; a avó é a alegria dos netos; uma mãe com açúcar”. A palestrante nesse momento argumentou sobre o rejuvenescimento da fecundidade, pontuando que as jovens que são mães nos dias atuais, tendem a deixar seus filhos com as avós. Feita essa afirmação houve uma senhora que falou: “Eu, acho que a família está mudando a cada dia, vemos isso dentro das nossas casas. Eu por exemplo, no dia que tenho que vir à Universidade, não aceito olhar netos, nem fazer qualquer coisas que me impeça de vir até aqui”. Essa fala gerou certa reação nas outras idosas. Boa parte delas concordaram com a senhora que se pronunciou, algumas até bateram palmas. Houve barulho, rumores, murmuração e novas declarações, outras senhoras falaram que também ficam com netos porque querem, não por imposição. Nesse momento a questão da sociabilidade geracional ficou marcada. Outras idosas falaram que estava fazendo aquele curso apenas para sair um pouco de casa, da família, dos netos, da rotina, enfim, disse que o simples fato de tomar a decisão de ir para aquele local já fazia bem, diminuía as depressões. Disse que ali, eram compartilhadas coisas boas e emoções. Então a professora falou, esse grupo é a prova de que há uma transformação no que é ser avô e avó.

A professora pontuou: “Vocês são pessoas de ação, já começaram a se mexer a partir do momento que vieram pra cá, que são agentes desse processo histórico, a partir do momento que compartilham das mesmas demandas”. Nesse momento ela fala sobre indivíduo e sociedade. De que as mudanças na estrutura devem partir dos indivíduos e que o fato deles procurarem a Universidade, lutar por seus direitos (menciona a conquista do Estatuto do Idoso), de procurar novas formas de sociabilidade, já é um começo de luta por mudança. Ela fala que dialogar com a família gera conflitos, e que o conflito não é apenas negativo, é impor idéias, trocar informações, enfim, tanto a professora quanto os idosos perceberam a necessidade de discutir e situar o idoso.

Um momento muito importante que compôs a observação foi a comemoração do dia das mães. Houve uma grande festa, muita comida e bebida, alguns filhos e netos, uma fotógrafa que não parava de registrar tudo, um padre foi chamado até a UNATI para realizar uma missa para as mães, um coral composto por aproximadamente 15 mulheres, cantam, se caracterizaram com roupas da década de 70, óculos escuros, muita maquiagem, muita dança, diversão, risada, entretenimento, enfim, foi literalmente um dia de festa. Após a apresentação do coral a pista de dança foi liberada para todos os presentes. As idosas buscavam pela mão as pessoas da platéia para dançar com elas, houve muita descontração. Elas tinham coreografias ensaiadas, dançavam muito, sorriam o tempo todo e brigavam com aqueles que não queriam acompanhá-las. A comida era muito farta, bebida também. Houve um recital de poesias, sorteio de brindes por parte da coordenação do curso. Enfim, foi um dia de muita festa. Percebemos que solidariedade entre eles é intensa, são todos conhecidos, se abraçam, se tratam pelo nome, reclamam que um ou outro faltou o encontro passado, enfim, é uma turma reunida, que parece estar ali por puro prazer.

Já vai fazer 5 anos que estou no grupo (UNATI) sempre fui comunicativa, tive muita amizade lá fora, sempre fiz muita amizade, e quando cheguei na universidade eu tenho muita amizade e todo mundo me respeita como respeitam todos nós, nosso grupo lá da universidade todo mundo é muito respeitado e recebem todo mundo muito bem, professores, não professores recebem a gente sorrindo, faz o melhor, tem aquele amor por nós e aquelas pessoas muito bonitas, temos muita amizade entre nossos grupos, todos nós somos muito amigos, não tenho nada pra falar e quando a gente chega é aquela alegria, na outra sala também, todos nós de cada sala também entrosada com a gente, é aquela coisa muito bonita e...a gente tá aí com essa amizade, e os professores maravilhosos, onde vê a gente na rua fala com aquela alegria, aquela coisa bonita com aquele valor, dão aquele valor e a gente se sente muito bem, a gente se sente muito amada e muito querida...e o Valdeir, não lembro o nome dele, quando a gente faz nossa apresentação e termina ele procura falar com todas nós dando amor pra todo mundo naquela alegria, lindo, maravilhoso, a gente se sente em um paraíso...sabe? (Dona Joamara, 75 anos e frequenta a UNATI há 5 anos.)

A fala da entrevistada serve para elucidar o clima das reuniões, bem como a sociabilidade desenvolvida entre os idosos. Segundo a mesma, só há pontos positivos a ressaltar da instituição, bem como das pessoas que lá frequentam. Fala também sobre sentimento, amor, amizade, como fruto dessa sociabilidade promovida pela instituição.

Outra entrevistada, conta-nos como foram os primeiros contatos com a instituição e afirma que, após a convivência com o grupo conseguiu sair de uma

depressão propiciada pelo divórcio, e que agora, ida freqüentes à mesma passou a fazer parte de sua vida.

Minha sobrinha disse: a senhora não quer ir lá na faculdade da terceira idade?E me explicou. Eu falei não, eu não tenho escolaridade, eu vou me perder lá eu não vou não. Aí ela falou “você vai que tem muita gente da sua faixa etária, você vai se entrosar, fazer novos amigos e sair dessa vida de depressão, né? E aí eu já tinha parado de tomar os remédios por minha conta, mas eu tava muito aborrecida da vida. E ela foi comigo, fizemos matrícula e aí eu fui. No primeiro dia de aula minha filha que me levou né? Eu levei ela pra escola e agora é ela que ta me levando. E eu ficava lá, assim, perdida. No que agente ia era lá na católica, né?!?! E aquele mundo de gente que eu ã conhecia ninguém. Aquele monte de prédio e aí eu falei “vou me perder aqui”. Eu pensei que não ia fazer amizade com ninguém. Minha sobrinha me levou, no segundo dia eu fui sozinha. Mas assim, na hora do recreio eu ficava em um cantinho lá, eu não conversava com ninguém, né? E eu pensava “eu não vou voltar aqui não”, mas eu era muito persistente. Quando chegava no outro dia eu pensava “não, eu vou mais hoje”. E assim eu fui aos poucos. E hoje é a minha vida aquilo ali. Tenho muitas amigas e parece que eu renovei, sabe? Hoje eu tenho fotos do antes e do depois. Hoje eu me sinto mais nova, entrei em um grupo de dança, que a gente tem uma professora de dança, é uma professora que põem a gente muito pra cima.(Dona Harminda 64 anos, vive sozinha e freqüenta a UNATI há 4 anos)

2.3.3 Associação dos idosos do Brasil - AIB

Fundada em 1989, essa fundação realiza um trabalho de grande porte com idosos da cidade de Goiânia. Trata-se de uma entidade não governamental e desenvolve atividade de coordenação, promoção e participação que propiciem a conquista de uma política social justa para a terceira idade, tendo como objetivo primordial, trabalhar em prol da melhor qualidade de vida da pessoa idosa. Atualmente há 1392 idosos que freqüentam a instituição.

Essa associação conta com a colaboração de uma coordenadora que cursou mestrado em gerontologia na Universidade de Malta, Espanha. Em um dia de reunião, por meio de observações percebemos em suas falas, um discurso moderno, onde ela brinca com os idosos, com o ‘ser velho’. Entendemos por tratar a velhice de uma forma moderna atribuir ao idoso novos papéis, informar que ele não deve se sujeitar a desaforos pejorativos, nem a maus-tratos, estes dentro ou fora de casa, mesmo entre familiares, enfim, propor atividades que promovam a sociabilidade desse grupo etário, festejar a idade, mostrar que “nem tudo está perdido” quando se chega a terceira idade, muito pelo contrário, que existem muitas atividades agradáveis que podem ser realizadas.

A coordenadora diz ao grupo de idosos que não está ali para mandar em ninguém, pois o velho já foi mandado a vida toda: ou por ser pobre, ou negro, ou mulher, filho, esposa, empregado, enfim, diz que a velhice deve ser gozada em sua plenitude, sem ordens. Merece destaque também a pessoalidade com que são tratados os idosos, chamados nominalmente pela coordenadora. Esta também nos informou que a instituição é filantrópica, e que os frequentadores são majoritariamente mulheres, possuidores de baixo nível econômico e de escolaridade. Tem como parceiros: a Universidade Federal de Goiás (UFG), Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Social da Indústria (SESI), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Juizado de Pequenas Causas, Companheiro das Américas, Receita Federal, Associação dos orquidófilos, Shopping Flamboyant, Governo Federal e a Prefeitura Municipal de Goiânia. A entidade conta com a participação de 38 voluntários e 09 funcionários contratados pela Associação dos Idosos do Brasil. A frequência média de suas atividades é de 180 idosos/dia

Essas observações permitiu-nos concluir que nas diversas instituições, há um esforço por parte dos agentes (idosos, técnicos, orientadores religiosos, funcionários, voluntariado, etc.) no sentido de construir uma visão mais abrangente da questão do idoso não somente para subsidiar a ação política, mas também de entendê-la como se deve experimentar a velhice na modernidade.

As instituições fazem-se necessária, tanto na concepção das pessoas que lá trabalham, como daquelas que frequentam. Isso fica claro, quando os alunos ou sócios frequentadores afirmam que não querem mais sair das mesmas, que suas vidas não são mais as mesmas após ingressarem nas instituições. Enfim, nota-se uma mudança de comportamento e certa paixão àquelas instituições, que pode ser explicado porque elas promovem sociabilidade, auto-estima, bem-estar físico e emocional, porém percebemos que ela não tem a mesma importância para indivíduos de rendas e escolaridades diferentes.

Para os idosos de maior renda, quando o tema da nossa entrevista passou abordar as instituições, foram nítidas as diferenças educacionais e econômicas. Nossos entrevistados de maior renda e escolaridade, um homem e uma mulher, falaram de maneira pejorativa das instituições, e segundo eles:

Eu tenho conhecimento mais nunca procurei (as instituições), eu tenho até vontade. Porque tem coisas assim que eu acho que, pode até parecer preconceito, mas eu acho meio ridículo, sabe? Essa coisa de ficar dançando, de ficar procurando namorado, eu acho meio ridículo. Em termos de palestras eu sei que é uma coisa muito boa pra chamar a atenção, porque na verdade eu estou desiludida com o mundo, to desiludida com tudo, com o ser humano, eu estou meio descrente da humanidade sabe, pela vivência, pelas coisas que acontecem com agente durante o percurso da vida, fala bonito mas não põem em prática, nada se pratica, eu leio muito vejo tanta pregação mas ninguém põem aquilo em prática, tanto os governantes, as pessoas que seriam as amigas da gente, na própria família, então estou desiludida. Eu não sei que tipo de atividades que fazem nessas instituições, mas quando eu vejo o que aparece mais, esse negócio de dança não me atrai. Se fossem palestras talvez eu gostasse. Eu acho que pode ser que eu vá lá e não consiga achar nada que me prenda, dado meu grau de leitura, de conhecimento, sem ser pretensiosa uma pessoa da minha idade, que já trabalhou, já leu muito, já sofreu muito, então uma coisa pra me prender atenção tem que ser realmente muito boa.

(Pérola, Advogada aposentada, 61 anos)

Tenho conhecimento (das instituições) através da área política, eu trabalho com assessor de um deputado, de informações que eu recebo, de ajuda que a gente presta a esse pessoal, mais eu mesmo não participo, até acho que é muito bom, mas para o meu nível acho que eu tenho que ter contato com pessoas mais jovens, que você aprende mais, não desatualiza. Meu nível intelectual, eu acho o contato meu com pessoas jovens sempre bom pra mim, do que o contato só com pessoas da minha idade. O contato só com pessoas da minha idade parece que é parar eu penso, eu acho que o idoso tem que ter contato com pessoas sempre jovens porque ele continua se modernizando também. (Márcio, delegado aposentado, 64 anos)

Nas falas acima percebemos o distanciamento que os entrevistados atribuíram aos idosos institucionalizados. Referem-se aos mesmos como “pessoas outras”, como se eles mesmos não fossem idosos. Fica claro que o idoso é o outro.

A partir do que foi apresentado podemos problematizar a questão da sociabilidade, e da depressão, fatores que as instituições dão especial atenção. Na fala dos funcionários e colaboradores das mesmas, pessoas que os procuram reclamando sentir solidão, carência e depressão, ao sair de lá, certificam-se das mudanças significativas. Segundo os próprios alunos, as instituições promovem uma nova maneira de viver, de estabelecer relações, criam laços, amigos, falam em até mesmo uma nova família, enfim, os idosos que procuraram as instituições acreditam que elas só têm a colaborar para melhoria da qualidade de suas vidas, físico, emocional, educacional e socialmente.

Fica evidente que quanto maior a renda, menor o interesse de se frequentar uma instituição. Porém, Pérola que declarou achar “ridícula” as atividades realizadas

nas instituições, também declarou sentir muita solidão. Mas não admitiu que a instituição possa ser o local propício na busca de um parceiro.

Essa senhora afirma que sobra tempo ocioso e que, na ausência de outras atividades ela acaba voltando a atenção exclusivamente à filha, que às vezes se irrita pelo zelo exagerado da mãe. Dado interessante apontado por Pérola, é que, por ter uma filha de 23 anos, e sente falta de uma geração no meio, Alega que tenta se aproximar mais da filha, falar dos mesmos assuntos, mas há um *gap* geracional.

Quando a pesquisadora questionou se talvez a ida para alguma instituição não preencheria esse tempo, esse vazio, houve um longo silêncio e a resposta foi positiva. Pérola ainda diz que se dedica inteiramente à filha, mas não sente que haja reciprocidade.

(...) se ela tem alguma coisa, algum compromisso, algum programa, alguma coisa pra fazer ela não se preocupa não. Quando ela viaja, eu fico sozinha, ela não se preocupa não. Em viagem, por exemplo, ela telefona, ela quer saber todo dia comé que tá, comé que eu tou, mas assim, deixar de fazer por mim, deixa não.

A partir dos dados, tanto por parte dos idosos, quanto os professores/colaboradores/funcionários das instituições, acabamos por considerar as instituições como ambientes favoráveis à sociabilidade. A coordenadora da UNATI nos informou que o índice de idosos que entram lá com depressão excede os 50%. Eles procuram as mesmas por razões de morte de um dos cônjuges, morte dos filhos, solidão, abandono, depressão, enfim, na maioria dos casos há uma causa para buscar por esses lugares. Contudo, vale ressaltar que os laços que lá se criam transformam estes “maus sentimentos” em verdadeiras bandeiras de vontade de viver, relações de amizade, afetivas, busca por novas tecnologias e prática de atividades físicas.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ENVELHECIMENTO: MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES DAS SOCIABILIDADES NO TEMPO

Este capítulo trata das representações sociais que se tem do envelhecimento bem como, das novas formas de conceber o envelhecimento ao longo do tempo. Embora essas representações sobre o envelhecer estejam presentes em vários outros momentos do texto, pareceu prudente separar um capítulo para aprofundar essas representações.

Trabalhamos com as percepções que os próprios idosos têm do envelhecer, das diferenças de envelhecer nos dias atuais com a época dos pais, das mudanças no que se refere ao relacionamento afetivo, ou ausência dele, das memórias de quem vivera durante boa parte da vida num ambiente rural, e agora se encontram na grande cidade, com tamanhas informações, trânsito caótico, novas tecnologias, um grande volume de informação e das alterações expressivas no mundo do trabalho.

Uma questão de grande importância abordada ao longo do mesmo, trata-se da relação de (in) dependência econômica que o idoso estabelece com os demais membros da família, se é sustentado, se é o provedor, como sua renda está ou não voltada para seus familiares. A questão da aposentadoria é de suma importância dentro da análise da situação econômica desses idosos.

3.1 Representações Sociais e perspectivas do Envelhecer: com a voz os sujeitos da pesquisa

(...) falam que eu não sou mais fotógrafo, sou votógrafo.

(João, 67 anos, fotógrafo).

Os dados obtidos, transcritos e pré-avaliados, permitiram eleger eixos temáticos principais, que nortearão a análise deste trabalho. Consideramos importante tratar das representações sociais que os próprios entrevistados têm do envelhecimento.

Pautados na teoria das representações sociais de Moscovici (1978), entendemos que a representação social molda o que é dado do exterior, a partir da relação dos indivíduos e grupos com objetos, atos e situações estabelecidas por interações sociais diversas. A reprodução feita pela representação demanda modificação das estruturas, dos elementos, enfim, uma reconstrução daquilo que é dado no contexto de valores, regras e noções. É importante entender que não há um corte dado entre universo

exterior e universo do grupo, ou do indivíduo e que o objeto está inserido num contexto dinâmico, parcialmente concebido pelo coletivo ou indivíduo como prolongamento de seu comportamento.

Assim sendo, constatamos e elencamos neste trabalho discursos diferenciados sobre o envelhecer, bem como sobre a família, o papel das instituições, enfim, indivíduos diversos, homens e mulheres, mais e menos escolarizados, com maior e menor idades, institucionalizados e não institucionalizados, com maior e menor nível econômico, que moram sozinhos, acompanhados, que sustêm ou que são sustentados pela família, que têm mais ou menos disposição física, enfim, os idosos têm visões diversas sobre a vida em sociedade, sobretudo sobre o próprio envelhecimento, absorvem de maneiras distintas conteúdos socialmente produzidos.

As entrevistas revelaram que nenhum idoso nasceu na cidade de Goiânia. Todos relatam uma migração para esta cidade, sendo que a grande parte descreve uma infância no ambiente rural, alguns, provenientes do interior de Goiás, outros, de demais estados do Brasil, como Acre, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Há formas distintas de concepção sobre a vida no campo e a vida na cidade.

Dentro das representações sociais que os idosos têm do que seja envelhecer atualmente, é resgatado na memória, o envelhecer da época dos pais, onde as principais diferenças em relação aos meios de comunicação e informação, bem como às transformações no tocante às mudanças nos desenhos das famílias, aos costumes alimentar, às novas tecnologias, ao modo de vida urbano, das relações com o outro, são trazidos à tona, porém com visões que horas convergem e horas divergem entre si.

Para Bosi (1994) por meio da memória os velhos²² passam horas e horas falando de suas lembranças. Para ela, seria necessário um “escutador infinito”, já que lembrança puxa lembrança. No trabalho de campo percebemos que algumas falas foram realizadas fora do momento da entrevista, em conversas informais, durante o cafezinho, no jardim, no portão, enfim, assim como salienta Bosi, ao serem instigados para falar sobre passado os indivíduos buscam mais e mais lembranças em suas memórias.

De acordo com o exposto, tanto por Giddens (1993) quanto por Bosi (1994), afirmamos que alguns idosos omitiam certos detalhes quando questionados sobre um ou outro assunto, mas muitas vezes, ao mostrar uma foto, um detalhe da casa, ao receber o telefonema de um filho, contaram após o momento da entrevista, com riqueza de

²² Termo utilizado por Bosi em toda obra. Nesta pesquisa trabalhamos com o termo idoso.

detalhes, fatos que não foram citados durante a realização da mesma. Este momento parece oportuno para nos apoderarmos mais uma vez da discussão sobre consciência discursiva presente em Giddens (2003). Giddens afirma que há indivíduos que não são capazes de descrever discursivamente ações realizadas no dia-a-dia, é a falta da consciência discursiva, mesmo que a consciência prática - o fazer, ainda que rotinizado - seja realizada com facilidade. Muitas vezes na condição de pesquisadores éramos obrigados a readaptar toda uma seqüência de perguntas, quando percebíamos que os entrevistados não tinham entendido tão bem o que tínhamos perguntado.

Muitas vezes fora necessário anotar informações, mesmo com o gravador desligado e a entrevista findada. Retomamos à discussão de memória encontrada em Bosi. Certas vezes a impressão que se tinha era que o pesquisador tinha mesmo que ser um “escutador infinito” (BOSI, 1994).

As principais diferenças nas análises sobre o envelhecimento no mundo atual, e o envelhecimento em uma época passada, são percebidas de acordo com as escolaridades, nível sócio econômico, gênero e situação familiar dos entrevistados. Percebemos aqui que aquela discussão já apontada por Giddens (2003) sobre a teoria da estruturação, tem validade na realidade dos idosos. Verificamos tal afirmação quando entrevistamos idosos mais e menos escolarizados, com maior e menor nível econômico, fica evidente que os de maior renda lidam de maneira diferenciada com as regras e recursos que a sociedade dispõem.

Embora presente em diversas entrevistas, em momentos distintos, não é unânime a opinião de que seja melhor envelhecer atualmente, nem anteriormente. As falas problematizam questões históricas, culturais, de gênero, econômicas, políticas, enfim, percebemos as maneiras diferenciadas de lidar com informações.

As entrevistas apontam uma análise do envelhecimento feita pelos próprios idosos, que pontuam as mudanças negativas e positivas (palavras usadas pelos mesmos) no envelhecer no mundo de hoje. Mesmo tratando de indivíduos tão distintos, elencamos algumas características comuns no tocante à comparação aos dois momentos de envelhecer. As principais características positivas mencionadas são a facilidade de acesso ao sistema de saúde, certa emancipação feminina, maiores meios para desenvolver sociabilidade, melhoria nos meios de informação e comunicação, melhor qualidade de vida, em contraponto, argumentam que envelhecer antigamente era mais tranquilo, falam da questão da violência e desrespeito, típicos da sociedade atual, da velocidade em que a tecnologia se encontra.

Um idoso entrevistado de 65 anos, que ainda trabalha e vive com uma renda mensal próxima à R\$1.500,00, acredita que a modernidade acarretou ônus ao modo de vida dos indivíduos, declara:

Meu avô viveu até os 96 anos e comia cana com os dentes naturais e escovava os dentes com fumo. Então a alimentação e a tranquilidade de dormir às 8 horas da noite e acordar às 5 da noite era muito mais saudável. Essa tecnologia só veio nos aborrecer. A gente ficou muito ocioso e às vezes envelhecemos o nosso cérebro com tanta pressão.

Já um advogado de 64 anos, com renda mensal aproximada de R\$15.000,00, defende que as pessoas nunca devem deixar de trabalhar, diz que “Aposentadoria é prejudicial à saúde”, que os governos devem rever a idade da aposentadoria para 75 anos. Sobre os dois momentos de envelhecer acima, ele pontua: “Bom, com relação ao envelhecimento eu entendo que as pessoas de hoje duram mais e vivem mais do que as de ontem na velhice, porque elas alimentam melhor, são melhor assistidas em termos médico, então elas têm uma vida mais longa em função dessa movimentação”.

A fala de algumas mulheres relacionada às mudanças no modo de envelhecer problematiza uma questão de gênero muito debatida atualmente, a dominação masculina exercida sobre as mulheres. Elas enxergam um grande avanço da época de seus pais até hoje, passando também pela época de seus casamentos (algumas divorciadas, outras viúvas), contam como é estar hoje sozinhas. Este sozinho dá muito mais um sentimento de liberdade do que de solidão ou tristeza.

A narrativa de um idoso entrevistado aponta para o fato de que mesmo sendo idoso, ele se relaciona pacificamente com pessoas de outras faixas etárias. Ele não está vinculado à nenhuma instituição. Porém, ressalta que a adolescência é um período que pode ser respeitado, mas não compreendido. Isso parece reforçar a segregação geracional.

(...) gosto muito de criança, ainda brincam, falam que eu não sou mais fotógrafo, sou votógrafo. Então, dou bem, com meninada de 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15 anos, as vezes é meio difícil a gente tolerar essa idade dos “aborrecentes”, mas é uma fase que a gente tem que compreender, tem que aceitar, porque compreender acho que ninguém compreende. (João, 67 anos)

Sobre achar aspectos negativos no fato de envelhecer, temos respostas distintas: “Ruim porque a gente vai ficando feia, as coisas vão caindo tudo, não tem aquela virtude que a gente tinha quando jovem, né?” (Harmindá, 64 anos)

Eu acho que não há nada de negativo. Eu tenho os 5 sentidos normais. Estou me policiando e se amanhã eu perder tato ou perder olfato, alguma coisa eu vou ver se consigo conviver com isso de uma maneira natural porque eu acho assim que o que eu já vivi até hoje é gratificante, com saúde... Não sinto falta de nada não. Minha saúde é legal pela minha idade. Pra você ter uma idéia de que eu não sinto falta é que eu não procuro medicamento. (Célio, 65 anos)

Tem nada de ruim não. É a pessoa que faz a solidão. Solidão não existe. A escuridão existe? Eu acho que não. Apenas são alguns minutos de sossego na mente. Pra mim. Agora eu já sofri de depressão, mas por problema de doença. (Odete, 60 anos)

Nada de ruim não. Ter vivido (longa e alta risada) todo esse tempo sem nenhum problema, sem cair numa tristeza profunda graças a Deus nunca teve isso, sempre tem as dificuldades da vida mais o benefício da vida compensa né? (Joaquim, 68 anos)

A expectativa de continuar fazendo algo produtivo, de crescer ao cotidiano cada vez mais atividades, de investir em algo que dê prazer, são características encontradas em parte dos idosos que compuseram esse estudo.

Há alguns anos eu venho falando que vou fazer o curso de “contadores de história”, vou ver se me aceitam lá, no curso de história da Federal. Eu vi agora há pouco tempo uma senhora com 80 anos passou no vestibular, passou em direito, a família, netos, filhos são advogados, fizeram uma entrevista e ela falou que está estudando pra trabalhar com ele. O importante mesmo na vida, que eu acho, é fazer o que você gosta. Se eu não tivesse saído do banco eu teria aposentado há 15 anos atrás, tava aposentado já, mas não gostava do tal do banco de jeito nenhum, não queria saber. Hoje ganho menos que estaria ganhando no banco, mas estou com a cabeça mais tranqüila. Se eu continuasse no banco talvez eu tivesse me afastado da fotografia de vez. (João, 67 anos)

Percebemos que há maneiras distintas de perceber o mundo e a velhice, estas, oscilam de acordo com a herança cultural, a escolaridade, a forma como foi criado, se viveu num ambiente urbano ou rural, homem ou mulher, mais ou menos escolarizado.

3.1.1 As novas formas de conceber o relacionamento afetivo

“Eu to sozinha porque eu quero porque pelo menos levar cantada a gente leva, mas eu não to a fim. Eu falo: não to a fim não” (Odete, 60 anos, divorciada)

Nessa longa trajetória foi possível identificar mudanças substanciais na sociedade como um todo, nos valores, tradições, modelos e padrões de comportamento. Podemos dar destaque às transformações na esfera da família, onde configurações distintas servem para compor um lar; na esfera afetiva, onde os casamentos não têm mais aquela rigidez dos tempos antigos, o divórcio passa a ser aceito e praticado com maior frequência, os relacionamentos temporários ou fluídos, a não necessidade de uma união “para sempre”, a possibilidade de diversão, de troca de experiências, de parcerias diversas, possibilitaram novas configurações no campo da intimidade.

Giddens (1993), em sua obra “A transformação da intimidade”, aborda a questão da revolução sexual advinda da modernidade e mostra o papel da mulher em tal revolução, colocando-a em ponto estratégico e essencial para tais mudanças. Chama a atenção para a evolução da intimidade na vida moderna, onde toma por objeto de estudo o corpo, este, “(...) portador visível da auto-identidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida” (Giddens, 1993, p. 42).

Para Giddens (1993), as diferenças entre homens e mulheres são inúmeras em nossa sociedade, e na esfera afetiva, pode ser demonstrada por meio do que conhecemos por amor romântico, uma invenção dos homens, para influenciar as mulheres com utopias, levando em conta os romances e novelas que invade o século XIX, pode-se considerar que a idéia de amor romântico é relacionada a um conjunto de influências, as quais atingem as mulheres a partir do século XVIII. Via neste, algo feminilizado, o que era associado à subordinação da mulher ao lar e o isolamento do mundo exterior. O amor romântico dava características de que o casamento era para sempre, uma vez encontrando seu “príncipe encantado”, e a sexualidade era algo futuro antecipado e sexo era visto como desvio de um relacionamento definitivo. “(...) a busca do romance não é para essas garotas um conjunto passivo de aspirações – algum dia o meu príncipe virá” (p. 62).

Giddens (1993) afirma que a lógica de que “mulheres querem amor, os homens querem sexo” (p.79), não pode ser mais definidora das relações de hoje em dia, e que as

mulheres querem sexo sim e existe interesse em ambos os casos em mudar essa suposta “tradição”, quanto a amor, sexo e desejo. Isto aponta que as mulheres assumem que o sexo também é um componente importante para compor seus relacionamentos, bem como o homem assume que também é passível de amar.

Quando Giddens (1993) esclarece que a necessidade de atividade sexual constante, dentro dos “padrões normais” seja causada por impulsos que todos possuem, conclui-se por esta linha de raciocínio que todo mundo é viciado em sexo. Porém, quando essa necessidade é manifesta por um homem, não há tanto alarde, pelo contrário, o homem é admirado e até premiado por tal proeza, diferente da ninfomaníaca. Grande parte das relações amorosas, com estes ditos garantidores, é quase sempre composta por mulheres frustradas que vêem esse *love story* como válvula de escape e quase sempre dependentes, e principalmente de serem amadas e cortejadas, onde o autor descreve como fazer o “papel feminino”.

Homens possuem uma maior problemática com a intimidade, que as mulheres, as quais têm um maior desembaraço na arte de explicitar seus sentimentos, suas dúvidas e se abrirem de uma forma mais contumaz e direta.

Esta intimidade refere-se mais a comunicação emocional com os outros, do que, consigo mesmo. Considerando que o narcisismo típico das mulheres descritas pelo autor, é mais que um convite ao poder.

Voltando a um passado não muito remoto, o autor refere-se aos encontros sexuais, como relacionamentos sem nenhum significado para ambos os sexos, para os homens esses relacionamentos eram apenas para ampliar seu currículo, e as mulheres independentemente do grau de intimidade obtido em tais relacionamentos, casavam com suas “virtudes” intactas (idem, p. 151).

Com menor intensidade, podemos atribuir essas mudanças na esfera da intimidade aos idosos, visto que, hoje em dia, crescem o número de uniões entre essa faixa etária, assim como, admite-se a busca de uma companhia, seja para festas, para passeios ou um relacionamento mais duradouro.

A partir dos dados obtidos no trabalho de campo, levantamos algumas considerações relevantes sobre as novas formas de se relacionar, específicas da modernidade. Parece que os homens não conseguem ficar sozinhos, eles oscilam entre uniões estáveis e recasamentos

“Olha, eu moro com essa mulher, que eu moro hoje. Nois somo juntado. Com a primeira que eu sou casado, eu sou disquitado, tentei uns tempo mais num deu certo. Com a primeira eu tenho três filho, entendeu? (Saulo, 67 anos, casado pela segunda vez)

Nossos dados apontam que, das oito mulheres entrevistadas, apenas uma vive em união estável, duas são viúvas e cinco divorciadas. Dos homens entrevistados, três são casados, e um afirma te sido largado pela mulher:

Agora eu tou morando com Jesus. (risos) Eu era casado com essa mulher aí, mas ela num quis mais morar comigo né. Ai nois divorciou, ai... Eu moro aqui. Tem essa cozinha, tem o quarto aí, tem o banheiro. (Fernando, 72 anos, divorciado)

Nos relatos, algumas mulheres afirmam ter sido trocadas por mulheres mais jovens, mas afirmam também que após a viuvez ou o divórcio, ganharam em liberdade e qualidade de vida, ficando assim, livres para sair de casa, aprender a dirigir, a dançar e fazer novos amigos.

E aí minha história de vida, assim, fiquei muito tempo casada. Eu fiquei 40 anos casada. Aí, em um belo dia meu marido resolveu me trocar por outra, né? E aí eu vim parar aqui. Eu já tinha mudado pra cá e ela falou pra eu vim passear, passar o natal aqui. E enquanto eu vim ele levou a outra pra dentro de casa. E eu quase perdi o chão. Pra mim eu tinha perdido os sentidos e sofri muito. Fiquei depressiva, comecei a tomar remédio controlado. Se estivesse casada eu tava lá na fazenda. Inclusive as pessoas de vez em quando perguntam se eu quero um companheiro, mas eu não quero aquela vida pra mim não.

Percebemos com nitidez que as mulheres afirmam ter sofrido quando o marido foi embora, porém, isso parece estar superado com elas. É um passado que não volta mais, e hoje elas não querem mais contar com a presença masculina no cotidiano de suas vidas. Os filhos são apontados como a parte responsável por preencher essa lacuna.

Com 13 anos de casada separamos, ai bagunçou tudo, foi bagunçando, bagunçando e hoje eu to sozinha. Essa parte eu sinto faltam porque era o que eu queria, mas não deu certo, um casamento bom, seu sinto essa falta, mas, já passou né, isso já passou, agora quando eu sinto saudade eu ligo pros filhos, eles me ligam também. (Marta, 65 anos, divorciada)

As idosas que freqüentam as instituições participantes da pesquisa afirmam que nas mesmas, há oportunidade de se arrumar um companheiro, posto que, ao se deslocar

para as instituições, ao sair de casa, ao freqüentar lugares onde pessoas da mesma faixa etária irão freqüentar, a probabilidade de arrumar alguém cresce significativamente.

As mulheres são incisivas e bem mais experientes que nos tempos de outrora no que tange ao relacionamento afetivo. Assinalam que o risco de se arrumar um companheiro passa por questões básicas do relacionamento homem, mulher, como ser a empregada de um homem novamente, ter obrigações no âmbito doméstico.

Eu não pretendo arrumar porque já arrumei um, mas não deu certo. Já tentei e não deu certo, porque eu não sei ficar esperando homem me mandando e eu não gosto. E as pessoas são muito ignorantes. Quando é de ganhar é um melado, mas depois que ele ganha você vira um fel, pirraça tudo. O homem quer uma empregada pra ele. Você tem que fazer a comidinha em tempo e hora, lavar em tempo e hora, passar e por tudo lá. Aí depois quando você adoce você não presta porque fica doente. Então não dá. Eu quero viver livre, pra ninguém mandar em mim Eu to sozinha porque eu quero porque pelo menos levar cantada a gente leva, mas eu não to a fim. Eu falo, não to a fim não. (Odete, 60 anos, divorciada)

O nível de exigência dessas mulheres aumentou. Duas delas nos contam que os homens que freqüentam essas instituições são muito velhinhos, e que elas não querem namorados/companheiros com esse perfil. Velhinhos na são atraentes.

Quando eu tava na AIB eu arrumei “um” (homem) ali e fui obrigada a sair de lá por causa dele, não dava, não dava, ai eu sai de lá, porque ele é muito velho né, não enxerga muito, pessoa que ajuda a gente, não né... E daí eu saí de lá por causa dele. Nos bailes por ai eu não vou por causa dele, em todos bailes ele ta e eu não vou. (Dalva, 73 anos, viúva)

Há um relato que uma senhora arrumou um companheiro na universidade da terceira idade. Ela e o senhor se casaram na igreja e tudo, mas passado o ocorrido o marido mudou a maneira de tratá-la, obrigou que ela se retirasse da UNATI, e passou a prendê-la em casa. O casamento não durou muito tempo, e assim que ela separou, voltou a freqüentar a UNATI.

A fala a seguir é da única idosa entre as entrevistadas que optou pelo recasamento, porém afirma que nenhum dos maridos eram ríspidos com ela, nem a impediam de ser ela mesma, não sentia sua liberdade invadida, nem opressão de ter que ficar exclusivamente no serviço doméstico

Me sinto otimamente feliz mesmo com esses 3 casamentos, não tenho nada a falar sobre, diz as meninas, você nasceu com a cara virada pra lua (risos), não sei né, porque? Primeiro marido eu vivi 50 anos, 2 meses e 12 dias, quando ele faleceu e caiu nesses braços, que é o pai dos meus filhos, 5 filhos. Depois que eu fiquei quase 3 anos sozinha, o segundo também nada eu tenho a falar porque foi muito pra mim, muito amoroso, vivia também numa vida muito boa, não tenho nada a reclamar, nunca me prendeu, porque os maridos

antigamente prendia as mulheres e nunca me prenderam, quando eu vinha já com experiência e dizia, eu sou assim, eu estudo, eu gosto de dançar, eu faço isso, faço isso, faço isso, se você não aceitar fique no seu canto que eu fico no meu, não, nunca falaram da hora que eu chegava, sempre me respeitavam muito bem, me tratavam muito bem, tinham amore eu também, e fiquei sozinha 1 ano e pouco arranjei esse moreno e agora quando foi pra nós morar eu disse dá um tempo pra eu pensar, também falei, eu estudo, eu danço, eu sou de dança, eu sou de coral, eu não vivo muito em casa, eu viajo, passo 3 dias 4 fora apresentando nossas danças, nosso teatro, nosso coral, e se você aceitar assim, nós vamos viver junto e bem, e se não aceitar fique no seu canto que eu já estou no meu, ele disse não tem nada a ver, nada a ver (Joamara, 75 anos, recasada)

Prossegue falando de sua relação com o companheiro:

A gente não é casado, mas gente mora junto, vai completar 5 anos agora em março, e ele trabalha, ele é mais novo que eu 13 anos, agora que tem 62 anos, vai completar em maio ainda, mais tem o cabelinho branco, nós 2 andando juntos não parece que ele é mais novo que eu, e a gente ta vivendo bem, ele trabalha, ele não quer que falte nada pra mim, a gente se entende muito bem, dia de forró ele vai pra uns forró pro lado eu vou pro outro, porque eu vou pra universidade ele vai trabalhar, quando fecha lá as vezes ele vai pro forró e diz que vai no forró em tal canto, eu digo vá, quando a gente se encontra a noite é assim como uma novidade. Eu não quis morar separado, eu quis assim, ou mora comigo ou nada.

Percebemos através desta narrativa um tipo de relacionamento típico da modernidade, onde existe um compromisso entre os envolvidos, mas há uma flexibilização dos horários, escolhas dos lugares que se quer frequentar, vida ativa por parte dos dois lados. Como afirma Giddens (2007), as relações afetivas transformaram-se substancialmente com o advento da modernidade. Afirma que o que mantém estas relações, diferente do que tínhamos no passado, é a comunicação emocional, esta, passa a ser a garantia da manutenção da relação, diferente dos contratos entre famílias, relações típicas há alguns anos atrás.

A idade do companheiro também é um fato que pode ser problematizado. Há algum tempo casar com homem mais novo não era usual. Se formos inverter a situação, veremos que o companheiro dela casou com uma mulher 13 anos mais velha que ele, desfazendo a lógica do mercado matrimonial típico na sociedade brasileira.

O fato de não estar casada no civil também é uma configuração moderna. Joamara riu quando perguntei do seu estado civil, ela contou todo o desenrolar da história, disse que o companheiro lhe respeita, sobretudo a trata muito bem, não fere sua liberdade, estas características, segundo ela, somados a sentimentos subjetivos descritos

pela entrevistada, são o que faz a união dar tão certo. Já vai fazer cinco anos que estão juntos.

Há novas maneiras de conceber o relacionamento afetivo, e esta, aplica-se entre os indivíduos idosos.

3.1.2 Cruzando fronteiras: do campo à cidade

Na zona rural chegou o tempo da gente não poder mais estudar, não ter mais escola, a gente veio pra cidade e comecei a estudar e aprender uma profissão pra poder sobreviver né? (Joaquim, 68 anos, maestro)

Simmel (1967) em “A metrópole e a vida mental”, argumenta que a mudança do meio rural para a vida urbana acarreta ônus e bônus para quem nela se insere. Assim sendo, esse também é um recorte que deve ser incluído para problematizar a série de mudanças que o idoso passa. A metrópole, para esse autor, é a sede da economia monetária. O dinheiro distancia as pessoas, nivela coisas pelo seu valor monetário.

Nas grandes metrópoles as pessoas tendem a ser indiferentes umas com as outras. Esse tipo de vida ainda traz isolamento caracterizado por um distanciamento físico, emocional e geográfico. As relações são de impessoalidade e estranheza. Porém, além dessa relação de frieza e distanciamento que a vida urbana traz consigo, ela proporciona liberdade ao indivíduo. É importante analisar como se enquadrará nesse contexto um idoso que teve uma formação na vida rural, com costumes voltados para esse ambiente, habituado com relações de pessoalidade e cordialidade, dentre outras características.

Teríamos que começar falando lá da roça, eu considero que Deus encheu os nossos ancestrais de sabedoria, muito embora eles não tivessem nada de intelectual. Uma natureza com muito sábio, muita pessoa que estuda astrologia mas não tem a vivência e a luz que eles têm. Agora ela é sofrida, mas a gente recebe muita graça pra encher a casa de fartura. Tivemos momentos difíceis, não sei se seus pais sofreram com isso. Nos anos 40 e 50 foi criada a lei do uso capião com a ajuda da pastoral da terra, pela Igreja Católica. Então naquela época ela achou que iria beneficiar quem morasse em terra dos outros, quem vivesse numa terra há mais de quinze anos, ele teria, automaticamente, pela força da lei, direito instituído sobre a propriedade. Então a partir daí nós começamos a ser perseguidos, foi tirando de nós toda condição de produzir, foi um sofrimento terrível que eu acho que na época todos nós passávamos ou passamos. Não achávamos lugar pra morar, porque ninguém queria dar agregação pra gente e o fazendeiro começou a tirar de nós a liberdade de produzir, cortou o engenho que a gente moía a cana e fazia aquela fartura, não sei se você conhece rapadura, doce, aquela coisa linda que fica impregnado na mente. Tirou essa liberdade, desativou o engenho, depois nos proibiu de criar animais, galinha, porco, essas coisas. E assim foi diminuindo nossas condições de sobrevivência. Não havia mais condição para plantar nem produzir. A minha ida pra cidade foi quando tive nove anos

de idade por uma briga interna com um fazendeiro que queria pagar um preço muito baixo pela produção...
(Senhor Célio 65 anos, ainda em exercício, comerciante)

Podemos concordar com a explicação de Simmel para a metrópole como um lugar paradoxal. Era um mal necessário, as pessoas, uma hora ou outra, acabavam migrando para as cidades, na expectativa de uma saída de uma vida que, ao mesmo tempo, parecia ser boa e saudável- ar puro, boa alimentação, frutas e verduras- para uma suposta melhora, seja na esfera do trabalho, da educação, da independência dos pais. O que aconteceu em muitos casos foi a cidade não os receber tão bem, já que não possuíam estudo, capacitação e muitas vezes havia dificuldade de se adaptar a lógica que a vida urbana impunha, solidão, dinheiro, relações mais distanciadas, etc.

Dos 14 entrevistados, 12 afirmaram ter vindo de uma vida rural. Nenhum idoso nasceu na cidade de Goiânia. Todos relatam migração para esta cidade, sendo que a grande parte descreve uma infância no ambiente rural, alguns, provenientes do interior de Goiás, outros, de demais estados do Brasil, como Acre, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Há formas distintas de concepção sobre a vida no campo e a vida na cidade.

Não há uma heterogeneidade no que tange ao gosto da vida na roça. No geral as experiências vividas na roça não trazem boas lembranças, porém alguns idosos afirmam que a vida daquela época era melhor do que a de hoje, principalmente pela violência que existe nas grandes cidades e difíceis situações de moradia e emprego. As mulheres entrevistadas afirmaram em alguns casos, que se juntavam aos homens no desempenho das tarefas da fazenda. Ajudavam os pais, tios, irmão e avôs no trabalho que lhes era conferido. É importante trazer para compor este cenário, o discurso de uma senhora de 60 anos, que nasceu no interior de Goiás:

Meu pai era o meeiro, né, morava na fazenda, morava até 10, 11 anos numa fazenda mudava pra outra né, e nós somos 7 irmãos, minha mãe teve 11 mas morreu os outros, e a minha infância foi bom porque cê sabe né, menino qualquer coisas é bom, mas a gente era tão pobre que quase nem roupa tinha pra vestir, a gente trabalhava na roça, a gente catava café na roça, a gente colhia café, a gente capinava, a gente cuidava de cavalo. Fazia o trabalho que tinha pra fazer lá.(Olinda)

As memórias falam do viver e trabalhar na vida rural, com todas as dificuldades que esta tarefa demandava. Um trabalho pesado, restrito acesso à cidade e uma escassez

de bens econômicos. O discurso de uma mulher, que freqüentou pouco a escola e que veio do ambiente rural, aponta:

E a minha vida de infância foi muito pobre. A gente toda vida foi de família humilde, a gente morava mesmo é na roça. A gente falava roça mesmo. E muitas vezes eu ia pra roça com meu pai, no tempo que eu era bem jovem, tipo uns 10 anos, 15 anos. A gente *panhava* café. Eram as mulheres que iam pegar café e o algodão. A mamãe era fiandeira, ela tecia e a gente ajudava indo também na lavoura de algodão. Colher algodão. Coisa que eu nunca aprendi foi é fiar, mas colhia, desencaroçava. Só não aprendi a fiar. (Harminda, 64 anos).

Sobre o viver no passado e viver nos dias de hoje, percebemos na fala de uma de nossas entrevistadas, 74 anos, viúva e que procurou um grupo de idosos para encontros semanais: “Eu acho o tempo de hoje muito bom. Bom mesmo. Porque hoje tem muitas coisa boa, facilita muitas coisa pra humanidade. E naquela época num facilitava...”.

Outras declarações nos permitem concluir que as limitações encontradas no ambiente rural fizeram com que, interessadas em uma busca de meios de trabalho e ensino, algumas famílias migrassem para o ambiente urbano. Um dos entrevistados, homem de 68 anos, que ainda trabalha, proveniente do interior de Minas Gerais, fala sobre as limitações educacionais e no mundo do trabalho que o viver na roça proporcionava:

(...) fui criado num determinado tempo, ate os 11 anos de idade, na zona rural, depois vim pra cidade. Na zona rural chegou o tempo da gente não poder mais estudar, não ter mais escola, a gente veio pra cidade e comecei a estudar e aprender uma profissão pra poder sobreviver né?

Outra entrevistada, mulher, 65 anos, que vive sozinha e é aposentada, quando falava acerca da família, diz que sempre viveu num ambiente rural afirma: “Não, os filhos mais novos já cresceu já na cidade, em Quirinópolis né, mas os mais velhos foi criado tudo lá na roça mesmo, na fazenda ajudando pai na roça, nós foi criado assim...”

Resgatamos uma fala considerada elucidativa para este momento da discussão. Um senhor de 65 anos, mais instruído, relaciona a época de sua vivência no ambiente rural, a acontecimentos históricos, que dificultavam em alguns aspectos a vida dos trabalhadores de baixa renda.

Tivemos momentos difíceis, não sei se seus pais sofreram com isso. Nos anos 40 e 50 foi criada a lei do uso capião com a ajuda da pastoral da terra, pela Igreja Católica. Então naquela época ela achou que iria beneficiar quem morasse em terra dos outros, quem vivesse numa terra há mais de quinze anos, ele teria, automaticamente, pela força da lei, direito instituído sobre a propriedade. Então a partir daí nós começamos a ser perseguidos, foi tirando de nós toda condição de produzir, foi um sofrimento terrível que eu acho que na época todos nós passávamos ou passamos. Não achávamos lugar pra morar, porque ninguém queria dar agregação pra gente e o fazendeiro começou a tirar de nós a liberdade de produzir, cortou o engenho que a gente moia a cana e fazia aquela fartura, não sei se você conhece, rapadura, doce, aquela coisa linda que fica impregnado na mente. Tirou essa liberdade, desativou o engenho, depois nos proibiu de criar animais, galinha, porco, essas coisas. E assim foi diminuindo nossas condições de sobrevivência. Não havia mais condição para plantar nem produzir. A minha ida pra cidade foi quando tinha 9 anos de idade por uma briga interna com um fazendeiro que queria pagar um preço muito baixo pela produção...

Nessa mesma linha encontrada na fala de nossos entrevistados, consideramos importante para compor este cenário, a discussão de cidade encontrada em Lefebvre (2001). Atenta-nos para o fato de que a cidade é o lugar da materialização das relações sociais, onde o cotidiano de diferentes agentes se manifesta, seja por meio de lutas ou de forma harmônica. É interessante situar os idosos nessa vida das grandes cidades. Verificaremos que papel a metrópole desempenha na vida dos indivíduos idosos, considerando que aqueles que dispõem de maior condição econômica conhecem um viver na cidade que os outros não conhecem. Bares, boates, lojas, viagens, carros, enfim, a modernidade implica aos indivíduos idosos, maneiras diferenciadas de se comportar, de estabelecer relações - de conflito ou de sociabilidade - e de lidar com as novas técnicas de informação.

Um exemplo de segregação entre os próprios idosos pode ser verificado com a implementação de produtos específicos para esse segmento populacional, como fogões especiais, que apagam sozinho após algum tempo de uso, cadeiras mais fáceis de sentar e mais confortáveis, produtos de higiene e beleza, roteiros turísticos específicos para esse grupo, projeções para a construção de condomínios que permitam a moradia exclusiva de indivíduos idosos, com ruas de melhor e maior acesso, menos degraus, mais arborizados, enfim, vemos que para o indivíduo idoso que tem condições financeiras, envelhecer não é algo tão difícil, e que o mercado se volta em grande escala para um grupo que está em fase de crescimento, e, demograficamente falando, será a maior categoria do país.

Cavalcanti (2004) afirma que os estudos sobre a produção do espaço urbano fazem-se necessários para elucidar as correlações entre forma (a cidade) e modos de

vida, estes, variados e complexos, generalizam-se enquanto modo de produção da vida social no tocante às esferas - econômica, cultural, educacional, simbólica, psicológica, ambiental – na particularidade da co-presença e da co-habitação.

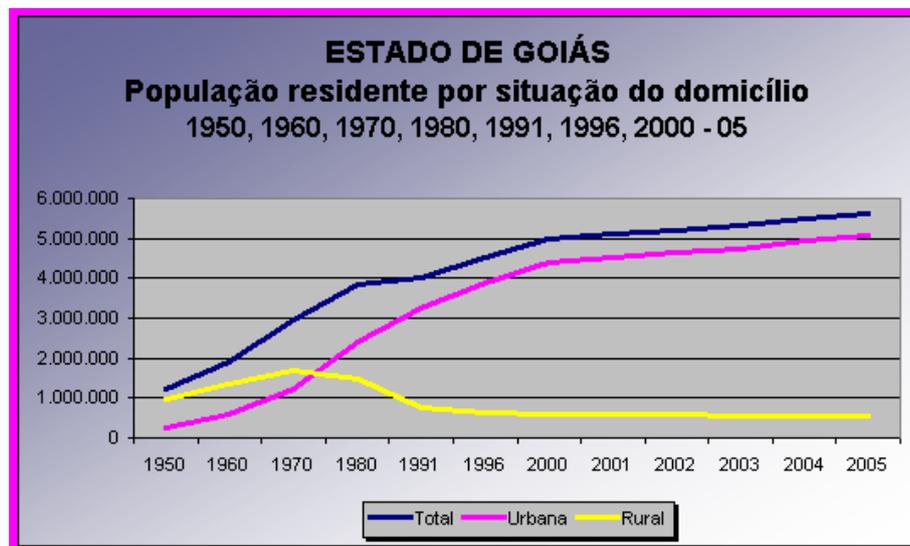
A mesma autora aponta-nos que o espaço urbano é produzido, fruto de relações sociais de indivíduos que buscam a partir de interesses específicos, satisfazer suas necessidades e vontades. As cidades modernas são marcadas por empreendimentos urbanos que seguem uma lógica que termina por segregar indivíduos. É importante, sobretudo, verificar como e onde os idosos estão sendo pensados nessa lógica das cidades modernas.

Com o aumento desse segmento populacional, o mercado de consumo tem-se voltado para o mesmo, contudo, revendo e adaptando seus produtos a demandas específicas. As instituições que oferecem crédito também investem suas “apostas” nos idosos aposentados, retirando direto da folha de pagamento dos mesmos a quantia que devem, a fim de não obter prejuízo, já que a aposentadoria é dada como garantida. Muitos são lesados com juros altíssimos.

Percebemos com as transformações etárias da sociedade brasileira, mudanças em diversos componentes da sociedade, o mercado se transforma, a discussão acadêmica, o espaço, a maneira de utilização do tempo, do dinheiro, enfim, a vinda desses idosos do campo para a cidade propiciou mudanças em suas rotinas. Quem muda deve seguir algumas tendências características das cidades como buscar um trabalho, condições de moradia, especializar-se. Os depoimentos dos idosos comprovam que a saída do campo para a cidade foi necessário quando neste, não havia condições de trabalho, nem escola para os filhos, bem como complexo acesso à saúde.

O gráfico abaixo sobre o lugar de residência da população em Goiás nos mostra a mudança do meio rural para o urbano.

Gráfico 9. População residente no Estado de Goiás, por situação de domicílio nos anos de 1950,1960,1970, 1980,1991, 2005 e 2005.



Fonte: SEPIN

Nota-se que a habitação na área rural diminuiu consideravelmente a partir dos anos 70, mantendo-se inalterada até os dias atuais. Já na situação da habitação urbana, a curva faz um movimento contrário, atingindo altos níveis a partir dos anos 2000 e ainda continua em ascendência.

3.1.3 Analógico e Digital: o cotidiano dos idosos

“(...) no dia que tenho que vir à Universidade, não aceito olhar netos, nem fazer qualquer coisa que me impeça de vir até aqui”. (Dona Fernanda, aluna da UNATI há 3 anos)

Mediante o apanhado da bibliografia que trabalha com envelhecimento, bem como a vivência cotidiana, também a partir das entrevistas realizadas na pesquisa de mestrado, observamos que a compreensão que se tem da velhice atualmente, se difere daquela do passado. Uma das maneiras de observar algumas dessas mudanças, foi observar a maneira de lidar com tempo e espaço nos dias atuais, as diferentes atividades apresentadas pelos próprios entrevistados como formas de preencher o tempo e ter uma

vida mais agradável, desvinculando-se da idéia pejorativa de que “ser idoso é não ter nada para fazer”, mostra-nos mudanças significativas de se conceber a velhice.

Notamos nas falas dos idosos entrevistados que há maneiras diversificadas de lidar com o tempo. Há diferentes atividades realizadas por esse grupo e a visão de uma velhice pacata, tranqüila, apenas fazendo tricô e crochê dentro de casa, é substituída por uma visão que agora contempla “vida ativa”, somando a seus cotidianos atividades que eram atribuídas exclusivamente ao grupo jovem, ou pelo menos mais novo do que os “sessentões” pertencentes à chamada terceira idade.

Esse novo perfil de idoso também está dotado da tomada de consciência dos direitos adquiridos, das conquistas, de certa autonomia no tocante à família, na busca de uma vida que permite fazer escolha, mesmo que esta seja passar uma tarde junto a pessoas da mesma idade, que possuem visões parecidas com as suas, programam passeios, viagens, trocam receitas, tanto culinárias quanto experiências de vida, enfim, não podemos conceber ao envelhecimento caracteres daquele de antigamente. Em um dia de observação na Universidade aberta à terceira idade, uma idosa que frequenta as reuniões exclamou para a professora: “(...) no dia que tenho que vir à Universidade, não aceito olhar netos, nem fazer qualquer coisa que me impeça de vir até aqui”. Esta fala serve para exemplificar que a idéia de bom velhinho, a vovó que fica em casa com avental, cuidando dos netos e da casa, é substituída por uma avó que cuida agora também de sua vida, que toma decisões, que passa a ser respeitada dentro do lar. Isso não significa que ela não tenha as mesmas tarefas domésticas historicamente atribuídas às mulheres, apenas acrescenta mais atividades a seu dia a dia.

Percebemos também que a maneira que cada um tem para lidar com o tempo é muito peculiar. As entrevistas apontaram que os indivíduos, embora pertencentes ao mesmo grupo etário, possuem especificidades em suas rotinas, na maneira de lidar com o tempo e atividades.

Há uma heterogeneidade de atividades praticadas pelos mesmos. Alguns assumem que no cotidiano o lazer está contemplado, vejamos:

Tenho e muito momento de lazer e diversão, nós vamos passear, às vezes em hotel fazenda, já fomos várias vezes, e vamos também em Caldas Novas (cidade turística do situada no estado de Goiás). Quando fomos fazer apresentação e um dia de lazer, foi muito gostoso, foi maravilhoso ter ido lá. E a nossa vida é assim, uma hora nós vamos pra um canto, em outra hora vamos pro outro, eu não fui em todos por causa das crianças que eu não posso ta acompanhando em todos, perdi várias, mais eu lamento quando eu perco (Odete, 60 anos, frequenta a AIB e a FUMDEC)

De acordo com o já anunciado acima, a maioria das mulheres idosas mesmo cuidando um pouco mais de si - procurando formas de lazer, um meio de diversão, companheirismo não mais encontrado na esfera da família, dispostas a aprender novas atividades, praticar exercícios físicos – ainda dividem seu tempo com as atividades domésticas e com o cuidado dos netos. Significa que, agora, agregaram ao cotidiano mais afazeres.

A velhice que geralmente era associada ao ócio, ao cansaço, à fadiga, ao não fazer nada, assume agora um papel diferente. O envelhecer com saúde, praticando atividade física, procurando se relacionar com indivíduos que também o fazem, admitindo, quando há espaço e oportunidade o reencontro de uma companhia, um cônjuge, à volta para a sala de aula, as viagens que não foram realizadas ao longo da vida, por falta de dinheiro ou pela ocasião do casamento, dos afazeres domésticos, enfim, as entrevistas ilustraram que indivíduos diferentes preenchem de forma diferenciada seu tempo. Isto é válido para os idosos institucionalizados.

Percebemos que as atividades praticadas se diferenciam de acordo com o gosto, a herança cultural, o nível econômico, o educacional, a condição de saúde, às condições de gênero, etc.

As atividades realizadas por esses idosos são diversas, variando desde viagens, dedicação a uma ou outra religião, à família, música, leitura, televisão, dança, caminhadas, passeios, chácara, amigos, idas à universidade, passeios de bicicleta, televisão, piscina, bordado, costura, dormir, internet, enfim, percebemos uma gama de atividades praticadas no cotidiano dessas pessoas, a nuance que consiste cada cotidiano. Sendo assim, torna-se limitado e pouco representativo falar de uma velhice associada ao moribundo.

Quando questionada sobre o que fazia durante o dia para ocupar seu tempo, Dona Aninha, de 96 anos respondeu:

É até engraçado eu te falar. Durante o dia... O dia que eu to mió, assim da natureza, eu “vejo” um CD... Eu tenho tanta coisa... E arrumo um servicim assim... Eu vejo alguma coisa assim e vou dormir. Eu gosto muito de dormir. Eu sou boa pra dormir, que só vendo, inda mais quando esta chovendo. Quando a chuva chove assim eu não vejo a hora que eu durmo. A chuva faz eu dormir, que eu deito assim e durmo profundamente. E arranjo um servicinho que eu gosto muito de planta. Asseio minhas planta, águo minhas planta, que eu gosto de ta mexendo, olhando... E quando eu era mais nova, quando eu deixei de costurar eu descobrir o crochê. Se você vê as colcha que eu tenho feito de crochê... O meu bem se eu soubesse que você vinha eu tinha tirado essas colcha, pra te amostra os trabalho tudo que eu já fiz de crochê.

Essa minina vê, essas minha fia tudo sabe... Cada colcha, cada coisa que eu faço de crochê, cada trabalho que eu tenho.

O dormir aparece aqui como aqui como uma opção. A idosa afirma que antes, devidas atividades que possuía na esfera doméstica, o cuidado dos filhos, dos afazeres, fora o trabalho em casa (neste caso a costura), não permitiam que ela tivesse um sono tranqüilo, tampouco se permitia dormir de dia. Hoje em dia encara dormir como uma forma de lazer, de descanso e não uma obrigação da idade, do fato de ter 96 anos. Ela afirma que dorme porque tem tempo e tem sono.

As atividades como o crochê também aparecem como uma escolha, um serviço que depois de pronto traz contentamento.

Percebemos em outra fala, uma relação diferenciada com o dormir ou ficar quieta. Dona Joamara de 75 anos revela em entrevista:

(...) eu não sou muito ligada a televisão, sou mais ligada a sair e quando é dia que eu não quero ir ao forró eu me arrumo e fico bem arrumadinha e saio para andar no meu setor, onde eu moro porque tenho muita amizade, todo mundo me conhece e eu passo em frente do salão, quando passo por lá a dona me chama e diz: “A senhora sabe que é manequim desse setor? E eu pergunto: Por quê? Ela me responde que é por que ninguém nunca me viu desarrumada, sempre elegante e não sei o que. Todo mundo fala que eu sou um exemplo na minha idade porque ando arrumadinha e sempre educada, e é assim, quando não tenho nada para fazer ando no meu setor, nos lugares, nos vizinhos, eu não gosto muito de ficar nas casas das pessoas, daí as pessoa dizem: Entra, entra, entra, mas eu fico no máximo uns vinte minutinhos e não sei ficar mais de jeito nenhum. Não gosto de dormir de dia, se eu não quiser sair procuro um livro para ler, procuro qualquer coisa, não sou de ficar em televisão, sou mais de me ligar no meu som, coloco CD de forró e mando a perninha na sala dançando até cansar. Não fico parada, não durmo de dia, durmo quando é dez, onze horas da noite e quando dá cinco horas já estou acordada. (Dona Joamara, 75 anos, freqüenta a UNATI e dança cotidianamente)

Esta fala mostra que o fato de ter 75 anos, de ser mulher, casada, aliás, ressaltamos que Dona Joamara já está no terceiro casamento, e diz que os maridos, atual e anteriores nunca a atrapalharam fazer o que ela gosta, tampouco a impediam de sair de casa, de dançar e se relacionar com as outras pessoas. A entrevistada aponta-nos o fato de que gosta muito de dançar, que sai cotidianamente para ir aos forrós, que não se identifica com dormir de dia, que não gosta de assistir televisão, mas que gosta sim de sair andando pelo bairro, muito bem vestida, gosta de sair, mas, sobretudo, gosta dos elogios que recebe cotidianamente de ser uma “velha com aparência de jovem”. Ela conta de maneira muito entusiasmada que é apontada como a manequim do bairro, que as pessoas a elogiam constantemente.

As idosas que freqüentam os grupos afirmam que grande parte do seu tempo agora é dedicado aos mesmos, visto que muitas são as atividades que os mesmos promovem, e elas, participam de praticamente todas. As aulas se estendem durante 4 a 5 dias da semana, e os finais de semana geralmente contemplam apresentações musicais e/ou viagens, comprometendo o tempo sobremaneira. Afirmam também que pertencerem a estes grupos já são parte de suas vidas, que as amizades e atividades que o grupo propiciou prosseguem o cotidiano das mesmas.

Eu quero comprar computador e quero entrar na informática, mas por enquanto eu não faço aula de informática não. Então eu faço segunda e quinta lá na Católica, quarta lá no campus II que é aula de socialização, de educação física, né? E lá, na quarta feira! E terça feira aqui na associação. Então nesses 4 dias... fora os dias de apresentação que a gente vai no sábado, no domingo, sabe?!?! Quando tem apresentação. Então, a minha vidinha é hoje esse mundinho, mas eu não gosto de ficar de férias. Tô doidinha pra começar as aulas logo pra me juntar com o grupo, porque quando a gente entra de férias a gente combina de não se separar, de combinar de sair, ir pro shopping, fazer alguma coisa. Mas acaba que não vai, sabe? Cada um tem a sua ocupação, né? E nessas férias eu nem viajei. Só agora que eu to querendo ir pra Jataí pra conhecer meu bisneto. Mais minha vidinha é essa. (Harminda, 60 anos)

Percebemos nas narrativas que cada um lida de uma maneira com tempo e espaço que possuem, bem como, ocupam ou não o tempo vago que têm.

Um entrevistado de 64 anos conta-nos que hoje em dia faz menos atividades que no passado, que tem menos tempo, mas que a vida moderna propicia aos indivíduos cada dia mais condições para que este não saia de casa, visto que as casas de hoje em dia podem oferecer lazer, conforto e praticidade tamanhas de forma que o individuo se torna caseiro se assim quiser.

Na realidade antigamente eu tinha mais disponibilidade de tempo, eu freqüentava clubes, viaja mais, hoje eu viajo menos e quase não freqüento clube, dificilmente eu vou a uma sauna, 2, 3 vezes por semana, e dançar eu gosto muito, continuo dançando, desde que eu era jovem até hoje, sou roqueiro, continuo roqueiro. Também a gente hoje tem mais facilidade, tem piscina em casa, quase todas as coisas que tem num clube você tem na sua casa, então, talvez por isso eu não vá tanto igual eu ia mais, na época era um modismo, todo mundo, eu ia, cinema eu vou menos hoje por causa da televisão, a facilidade que tem, eu ia muito ao cinema, hoje eu vou menos. (Márcio, 64 anos)

Por meio desta fala é possível fazer um recorte econômico dentre o grupo dos idosos. Fica evidenciado o fato que, para quem tem um alto padrão de vida, ficar dentro de casa pode não significar uma vida sem atrativos, pacata, limitada aos idosos, pelo

contrário, mostra que a tendência das sociedades mais modernas é fazer com que os indivíduos possam aproveitar o pouco tempo que lhe restam para ficar em casa com atividades que antes eram específicas à rua.

A discussão da casa e da rua é apresentada por Roberto Da Matta (2000). O autor aponta que, a rua é o espaço público. Como é de todos, não é de ninguém, logo, tem-se ali um espaço hostil onde não valem as leis e os princípios éticos, a não ser sob a vigilância da autoridade. A convivência na rua depende de uma negociação constante, entre iguais e desiguais. A casa, considerada num sentido amplo, é o espaço privado por excelência, onde estão “os nossos”, que devem ser protegidos e favorecidos, e aqui retoma e atualiza o conceito de homem cordial.

É significativo advertir que, a partir das observações em campo, notou-se que a instituição em alguns momentos, parecia ser a extensão da casa, o lugar que mesmo sendo público, proporciona um ambiente privado, familiar e de descontração. Algumas manhãs, quando chegávamos à AIB, encontrávamos idosos sentados, fazendo crochê, tricô, lendo jornal, mesmo quando não tinham aulas programadas. O ambiente era favorável para a promoção de sociabilidade.

Para visualização do cenário de como os idosos vivem cotidianamente a relação com tempo montamos um quadro das atividades cotidianas realizadas por eles, as de lazer, as que promovem renda, sociabilidade, atividade física, o momento de descanso, relação com a família e com as outras faixas etárias e atividades que promovam o bem estar dos mesmos.

Quadro 2. Atividades realizadas cotidianamente pelos idosos

| Codônimo Idade | Formas de obtenção de renda | Diversão, lazer | Atividade física | Descanso | Manutenção do bem-estar |
|---------------------------|--|--|--------------------------------|---|--|
| Odete (60) | Costura/ Aposentadoria | Dança, viagens | Dança/ Anda de bicicleta | Não declarou | Limpar a casa |
| Pérola (61) | Aposentadoria | Televisão, leitura | Não prática | Leitura | Televisão, leitura |
| Harminda (64) | Pensão/ Aluguel de apartamento | Viagens, idas à universidade | Dança, caminhada | Bordado | Televisão |
| Márcio (64) | Advogado/ Assessor Político/ Delegado aposentado | Chácara, leitura, piscina, wisky, amigos | Caminhada | Piscina, filmes | Ensinar o filho fazer tarefas da escola |
| Célio (65) | Aposentadoria / Comerciante | Não tem | Ginástica | Família | Família |
| Marta (65) | Aposentadoria / Costura | Viagens para visitar filhos, igreja | Caminhada | Costura | Costura |
| João (67) | Fotógrafo | Passeios, netos | Não prática | Jogos no compu- tador | Pesquisas na internet, leitura |
| Saulo (67) | Bicos/ Casas de aluguel Aposentadoria | Folia de reis, estádio de futebol, truco | Não prática | Sentar na rua com os outros idosos | Ficar com a esposa; visitar amigos |
| Joaquim (68) | Cerimonial/ Aposentadoria | Igreja, música (é maestro) | Não prática | Igreja, música | Reunir a família em casa |
| Fernando (72) | Aposentadoria | Igreja | Caminhada (às vezes) | Não declarou | Dormir |
| Dalva (73) | Aposentadoria | Dança, viagens | Dança | Televisão | Costura ou bordado |
| Joamara (75) | Pensão/ Aposentadoria | Viajar, sair, ir ao forró | Dança | Leitura | Leitura, dança |
| Moema (83) | Aposentadoria | Não tem | Não prática | Sentar na porta de casa | Dormir |
| Aninha (96) | Pensão | Não tem | Não prática | Fisioterapia | Dormir |

Fonte: Pesquisa Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia (2007/08).

3.2 Envelhecimento Ativo: questões do mundo do trabalho

Há muito a ser discutido ao falarmos de questões relacionadas ao mundo do trabalho. Verificamos ao longo das entrevistas que parte dos idosos entrevistados, mesmo atingindo a idade de se aposentar, ainda trabalha. Alguns para complementar a aposentadoria, que, no geral, é pequena. Outros vêm no trabalho uma maneira para se distrair, fugindo assim da rotina cotidiana. Há aqueles que dizem amar o trabalho, afirmam que querem fazê-lo até a hora da morte. Outros não podem realizá-lo por motivos de saúde. Existe ainda, idosos que ainda precisam manter o sustento da família, e pontuam que mesmo tendo condições físicas limitadas, dado o avanço da idade, ainda precisam trabalhar.

Eu brinco, mas no fundo é uma grande verdade, se Deus me permitir eu quero morrer com a máquina fotográfica pendurada no pescoço, porque realmente eu gosto de trabalhar. Ficar em pé, abaixar, ficar em pé, abaixar, cansa, mas é assim gratificante. Se me perguntarem se quero fotografar, respondo que quero. Vamos fotografar 3 por dia? Vamos. Eu gosto, faço porque gosto. Eu vou pra uma casamento, pra um aniversário, esqueço do que é cansaço, depois de uma certa hora eu preciso dar uma parada, uma sentada, mas as vezes eu fico 3 horas de pé fotografando e nem vejo o tempo passar. (Senhor João, 67 anos, não é aposentado e é fotógrafo)

As diferenças de gênero e etárias merecem destaque. A mulher passou atuar no mercado de trabalho, realizando tarefas distintas, que anteriormente eram prioridade dos homens, mas não em igualdade de condições.

Historicamente, podemos afirmar que, o trabalho feminino formal se iniciou com as I e II Guerras Mundiais período este em que as mulheres tiveram que assumir a posição dos homens no mercado de trabalho. Com a consolidação do sistema capitalista no século XIX, algumas leis passaram a “beneficiar” as mulheres, incluindo-as cada vez mais, como uma estratégia de consolidação do novo modo de produção e não com uma perspectiva de direito ao trabalho para homens e mulheres.

Além do crescimento contínuo do trabalho feminino, identifica-se, também, uma tendência de manutenção do nível elevado de atividades produtivas até idades mais avançadas. Segundo Lavinias (2001), em um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, as taxas de atividade das mulheres em idades intermediárias e mais elevadas são crescentes, enquanto as das mais jovens são estáveis, observando-se um progressivo amadurecimento da mão de obra feminina ocupada. Essa mesma autora

mostra que, além do crescimento sustentado da taxa de atividade feminina, outra tendência interessante diz respeito ao melhor desempenho das mulheres na disputa por postos de trabalho. De fato, desde meados dos anos 80, a taxa anual de emprego das mulheres mostra-se mais elevada que a masculina, levando a um forte aumento do sexo feminino entre os ocupados. A absorção da mão-de-obra feminina tem sido, portanto, superior à masculina em todas as fases recentes da economia brasileira.

São explicações também causais para o aumento do emprego entre as mulheres, a maior flexibilização do mercado de trabalho e a “precarização” das relações de trabalho, com o aumento da ocupação por conta própria e da informalidade em geral, fato que nos possibilita fazer um histórico da mulher brasileira no mundo do trabalho. Esta não teve, em muitos casos, ao longo da vida, trabalho remunerado, noutros, essa mulher era trabalhadora doméstica ou fruto do mercado informal, deixando de ter garantida a sua aposentadoria. Ainda deve-se levar em conta o fato das mulheres receberem salários menores que os homens.

Goldani (1999) também argumenta no mesmo sentido. Para essa autora, homens e mulheres vivem de formas diferentes, portanto, ao envelhecer, também apresentam características diferenciadas. Fatores sociais e genéticos como: gênero, raça, classe social, situação conjugal e cuidados prévios com a saúde, possibilitam aos idosos “envelhecimentos específicos”. Essa autora chama-nos atenção para uma característica importante. A mulher brasileira não teve, em muitos casos ao longo de sua vida, trabalho remunerado, noutros, essa mulher era trabalhadora doméstica ou fruto do mercado informal, deixando de ter garantida a sua aposentadoria. Ainda deve-se levar em conta o fato das mulheres receberem salários menores que os homens.

Antigamente quando eu tinha minhas filha pequena eu trabalhava de doméstica, trabalhava de faxineira, eu levava e passava e cuidava dos filhos também e hoje em dia eu cuido de 2 netos, minhas filha tenho 3 e ta tudo casada, e eu crio 2 netos, e faço a mesma coisa, eu trabalho, acho bom trabalhar, eu sou faccionista, eu criei minhas filhas assim, lavando e passando e fazendo de tudo um pouco, fiz vários cursos também, quero ver se faço mais e nunca vou parar. (Dona Odete, 60 anos, ainda trabalha como costureira)

A discussão sobre as condições de trabalho se alonga se fizermos o recorte de classe social, mais ou menos idade, vida urbana ou rural, enfim, as falas elucidam os exemplos de como os idosos lidaram com as especificidades do mundo do trabalho:

Na roça num tinha nada. Num te falando o que que é roça? Na roça só tinha aqueles serviço grosseiro de roça... Mas a gente passa. Agora quando eu cheguei nessa cidade aqui de Goiânia foi que eu melhorei muito. E que quando meu marido morreu eu fiquei assim num barracãozinho muito ruim. Muito ruim, ele quis muito vender ele e me deixar sem nada e eu num deixei vender e ai depois que ele morreu minha vida consertou muito. Porque ai eu fiquei assim... Eu num ia desperdiçá meu dinheiro e ai eu trabalhava... E ai eu peguei, entrei numa aula de costura, Deus me abençoou muito nessa aula, muito mesmo. Nesse tempo num tinha tanta costura como tem hoje, hoje tem costura pra tudo quanto é coisa naquele tempo num tinha. Ai eu entrei numa aula de costura e nessa aula eu tive muita sorte. Muita mesmo. Achei muito trabalho, eu trabalhava muito. E foi que acabei de criar meus fio, acabei de arrumar minha casa e depois, e depois quando eu pensei que não... Eu fiz essa casa, eu tenho essa casa aqui. Tenho outra no fundo que mora essa moça e tenho outra que da... Tudo isso com inteligência minha, mais minha cabeça... Poxa uma pessoa de noventa e tantos anos num tem uma cabeça como essa sua não! Eu tenho porque ninguém num me passa pra traz não, eu tenho... E ai como eu tou lhe dizendo como é que é a vida. E nisso eu vou levando...
(Dona Aninha, 96 anos, aposentada)

Enfim, verificamos que a mulher garantiu papéis que antes não lhe eram conferidos. Porém, ela possui agora desafios que antes não tinha, passa a enfrentar a seletividade que a modernidade trouxe juntamente com os desafios tocantes ao mundo do trabalho. E ainda devemos salientar que, no caso das mulheres idosas sejam elas sozinhas ou as residentes em outros tipos de domicílios ambas estão comprometidas com o seu sustento e de sua família.

3.2.1 Moeda de Troca: situação econômica e (in) dependência financeira

De acordo com Goldani (1999), as mulheres idosas brasileiras têm maior propensão do que nos homens a receber e dar ajuda aos membros da família, visto que, os papéis de gênero socialmente definidos impõem a essas mulheres o destino de suas trajetórias. Sendo assim, a velhice das mulheres subentende algumas tarefas. Também é válido trazer para o debate que os papéis de gênero culminam em grande discriminação e falta de oportunidades, educacional e de trabalho na vida dessas mulheres.

Os dados de rendimento disponíveis no Censo 2000 indicam que a má distribuição de renda, no Brasil, também afeta os idosos. No caso daqueles responsáveis por domicílio, observam-se desigualdades no rendimento médio entre as áreas urbana e

rural, as regiões geográficas e também intra-região. O rendimento médio dos idosos, em 2000²³, correspondia a R\$ 657,00, sendo R\$ 739,00 na área urbana e R\$ 297,00 na área rural. Comparativamente ao ano de 1991, em 2000 verificou-se um crescimento da remuneração média dos idosos tanto na área urbana – de 54,9% – como na rural – de 76,8%. (IBGE, 2000).

Em um estudo realizado por Camarano (1999), comprovou-se que a qualificação é um importante fator de integração do indivíduo idoso no mercado de trabalho e aqueles que são desprovidos dela tendem a aceitar qualquer função, de acordo com suas necessidades. O estudo também verificou que, no Brasil, boa parte dos idosos brasileiros ainda trabalha, esse número ultrapassa 30% o total da população empregada, dos desempregados, 64,6% desempenham um papel importante para a manutenção da família, significam muitas vezes a única fonte de renda da mesma

Rios-Neto (2005) faz uma interessante análise sobre a relação entre família e recursos materiais. Aponta a família como sendo um tipo de instituição que viabiliza uma série de trocas entre os indivíduos que são seus membros, envolvendo custos, benefícios, altruísmo, cooperação, conflito, externalidades, identidade, baixa assimetria de informação, entre outros aspectos. O autor aponta que, a economia da família e a economia do domicílio possuem grande interseção, embora claramente a primeira seja mais ampla, por permitir relações intergeracionais que não exijam co-residência, ou até mesmo por permitir relações dinásticas (que perpetuam a família por mais de três gerações).

Ainda afirma que, talvez o melhor caso para se discutir o papel da família na transferência intergeracional de recursos seja a discussão sobre os determinantes da educação dos filhos. Este caso é importante porque praticamente todas as teorias na área de ciências humanas reservam um papel crucial para a família, tanto na determinação da educação formal quanto informal dos filhos. A educação é importante também porque os serviços demandados pela família são prestados ou pelo Estado (mediante transferências governamentais e ensino gratuito) ou pelo mercado, trazendo a baila, a interação da família com os dois outros pilares. Outro exemplo clássico de serviços intergeracionais prestados pela família é o caso da segurança na velhice, onde membros familiares cuidam de seus idosos e provêm transferências de renda intra-familiares.

²³ O salário mínimo nos anos 2000 era R\$151,00.

Verificamos nas entrevistas que essa lógica geracional da relação econômica, nem sempre funciona harmonicamente nas famílias e os idosos, no papel de pais, mães ou avós, muitas vezes dividem o pouco que ganham da aposentadoria ou alguma atividade remunerada com familiares, às vezes são os provedores, compram o alimento, dão o teto e ajudam parentes mais distantes como sobrinhos, filhos de primos ou primas, e, em alguns casos, ainda cuidam dos pais - mesmo não sendo o provedor desses pais (bem mais idosos, como 80 e 90 anos de idade) no sentido financeiro - às vezes desempenham papel de assessor em todos os sentidos, acompanham nas consultas médicas, são responsáveis por idas ao supermercado, feiras, bancos, pelo manuseio do serviço doméstico ou contratação de funcionários, esta, sempre com muita cautela dada a violência que este segmento está sujeito e que aumenta cotidianamente.

Não sou aposentada, quando eu me separei do meu marido a gente dividiu os bens e eu tenho uma renda anual de um gado arrendado e eu tenho um dinheiro a juros e eu tenho um aluguel de um apartamento. Quando eu morava com a minha mãe eu tinha o aluguel dessa casa. Mas agora eu morei aqui e perdi esse aluguel. Aí eu tenho essa renda mensal do dinheiro e o aluguel desse apartamento. (Harminda, 64 anos)

Quando a variável dependência econômica foi pautada durante a entrevista, Marta que vive com uma renda aproximada de R\$600,00 disse:

Tem a renda da minha costura e R\$120,00 do aluguel do barracão. . Eu aposentei com um salário e meio, mas vai diminuído a todo aumento que tem, eles diminói um pouco, tira. Ao invés deles darem o aumento não, eles tiram um pouco. R\$423,00. Minha renda por mês dá mais de R\$600,00, às vezes R\$700,00. Recebo ajuda da Gisely de vez em quando, quando ela pode, ela me dá. (Risos). Mas não é uma coisa fixa, não é fixo, então não posso contar com ele. Quando eu to muito apurada eu falo com ela e ela me socorre, né? Se ela tiver.

João de 67 anos mesmo trabalhando, ele e a esposa, afirma que ainda precisa da ajudada do pai de 91. “Meu pai sempre dá uma mão pra gente numa coisa ou em outra, ele tem a situação boa, e ajuda numa necessidade ou outra. Isto indica que há um idoso (neste caso o de 91 anos) ajudando o filho.

Fernando de 72 anos aponta que além de pagar pensão a uma filha, empresta dinheiro de vez em quando a outros filhos.

Eu pago é a pensão pra minha minina mais nova. Pra ser favorável. E os mais velho?... Dinheiro eles num me dá não. Em alguma coisa que eu preciso fazer eles ajuda, entendeu? Me dá uma mão, limpa a casa, às vez faz almoço pra nós. As vezes minha fia pega um dinheiro emprestado.

Aninha, 96 anos, aposentada fala da ajuda que recebe dos filhos e netos

Os netos quase não... Só tem um neto que gosta de mi dá as coisa. Quem me dá mais é essa filha que telefonou pra mim e esta que foi pra Brasília esta que eu falo pra você que é muito inteligente. Estas mi ajuda. Hoje assim mesmo essa que foi pra Brasília passou aqui e eu falei pra ela do imposto e ela falou assim: “Olha o meu pagamento lá ainda não saiu, mas eu vou mandar uma ajuda pra senhora”. Ela mora em Brasília. Eles me... Eu num passo falta assim não... Passo aperto porque... E quando adoce eu tenho hospital! Eu tenho tudo. (Aninha, renda mensal aproximada R\$ 500,00)

Quando o assunto era independência econômica e se a ajuda partia do idoso observamos alguns depoimentos que vale destacar:

Não ofereço ajuda porque mora tudo longe, né? Então, quando meu menino precisou, eu ajudei, agora não, agora graças a Deus eles estão todos trabalhando então não tem mais como premência de ajuda pra eles. (Marta, renda mensal aproximada R\$600,00)

Eu ajudo a minha filha de Jataí (GO), sabe? Que ela assim... a situação financeira dela não é boa. Eu dou uma ajuda financeira pra ela, sabe? Agora mesmo eu vou lá e sempre que eu vou eu faço umas compras de supermercado, sempre eu ajudo, sabe? Sempre que eu posso. E aqui eu ajudo lá no Araújo Jorge. Às vezes eles pedem e eu ajudo as crianças e aqui na APAE, né? E tem outra... parece que é São Vicente de Paula, essa eu já ajudei também. Então são só essas ajudinhas.
(Harminda, renda mensal aproximada R\$ 1.500,00)

Às vez ajudo. Na verdade minha filha mora comigo, e ela tem dois filhos, conseqüentemente tenho algumas obrigações com cozinha, mercado, higiene. Levo a Carol ao ponto de ônibus todas as tardes e busco por volta de meia noite, porque ela faz faculdade em outra cidade. Tenho disposição, minha vida sempre foi trabalho desde os 7 anos e não parei de trabalhar ainda, eu aposentei tem 15 e levanto todo dia 5 e meia 6 horas e durmo meia-noite, uma hora da manhã. (Célio, renda aproximada R\$800,00)

Ofereço pensão pra parentes, pago pensão pra pessoas da família que estão sem condições de sobreviver por falta de emprego. Não recebo, eu só dou ajuda (Márcio, renda mensal aproximada R\$15,000.00)

As declarações fornecem informações sobre as relações de (in) dependência desses idosos, mostram que estes, em alguns momentos são ajudados por filhos e outros membros da família, mas em sua maioria, são fontes de sustento para si e outros

agregados. Os idosos assumiram em parte dos casos, um compromisso com suas rendas. Parece que, dado volume do desemprego, rearranjo das famílias, aumento do número de divórcios, e até mesmo um pouco de comodismo por parte dos familiares, as aposentadorias agora são fontes garantidas de renda onde membros das famílias contam com as mesmas para garantirem seus sustentos.

Vimos ao longo do trabalho de campo que jovens e adultos estavam na casa dos avós ou dos pais, sem emprego, sem renda, alguns ainda levavam filhos, cônjuges, de visita ou até mesmo moradia, contando com a renda advinda da aposentadoria do idoso. Em alguns casos era uma mulher idosa a responsável pelo domicílio, o fenômeno da feminização pode ser percebido no campo, bem como o das chefias femininas e das famílias monoparentais.

Muitas vezes este idoso mora sozinho, mas ajuda financeiramente outras pessoas. Não tem a companhia, mas a obrigação é latente.

Conforme já anunciamos neste trabalho, a teoria da estruturação proposta por Giddens (2003) - que afirma que quanto maior a escolaridade e o nível econômico, mais acesso terá o indivíduo ao conjunto de regras e recursos presentes na sociedade – servirá de respaldo para explicar as maneiras diferenciadas de lidar com a estrutura, que pode ser coercitiva ou facilitadora. Os indivíduos idosos de maior renda e escolaridade demonstram ter maior maleabilidade ao lidar com o conjunto de regras e recursos.

Giddens (2003), faz um estudo de casos com alunos que freqüentaram regularmente a escola. Ao observar a consciência discursiva e prática dos alunos, conclui que, as práticas dos alunos estão implantadas em amplas esferas de tempo e espaço, ou seja, são práticas institucionalizadas (dualidade da estrutura).

“... A celebração cultural durou, poderia parecer, apenas o tempo bastante para despachá-lo (o aluno rebelde) através das portas fechadas da fábrica – ou, mais frequentemente, hoje em dia, para uma vida de desemprego ou subemprego crônico (p.239)”

3.2.2 O Paradoxo da aposentadoria: uma questão em debate

A aposentadoria é um aspecto fundamental que não pode deixar de ser mencionado ao tratar das questões do envelhecimento populacional. Esta pode ser vista de forma paradoxal e preocupante, visto que os aposentados, ao mesmo tempo em que, são vistos como aqueles que não trabalham mais, que estão fora da PIA, que não

contribuem mais para a economia, por um outro lado os dados informam que os aposentados têm contribuído por sustento de seus domicílios, a aposentadoria é gasta, não como se pensava em remédios, mas sim com alimentação, educação, moradia, saúde, transporte, viagens, enfim, o dinheiro acaba por ficar em circulação no mercado.

Em 2000, a Previdência Social pagou benefícios a 9,94 milhões de idosos com idade acima de 60 anos. Considerando que, para cada beneficiário, existem, em média, outros 2,5 beneficiários indiretos, em 2000 a Previdência beneficiou 34,8 milhões de pessoas, que equivale a 20,5% da população total brasileira. (IBGE, 2000)

Para os idosos, a Previdência possui papel social fundamental através do pagamento de seus benefícios. A maior parte da renda de um idoso provém da aposentadoria e/ou da pensão paga pela Previdência, e esses recursos contribuem diretamente para a redução dos níveis de pobreza.²⁴

A elevação do número de idosos responsáveis por domicílios pode ser uma das conseqüências da garantia de renda proporcionada pelos benefícios previdenciários.

Segundo Debert (2000), a aposentadoria é uma nova forma de conceber a velhice e analisar um conjunto de transformações que acompanharam o desenvolvimento da sociedade capitalista e levaram à criação de instituições que tendem a substituir parcialmente a família no tratamento das gerações mais velhas. Há uma nova maneira de se conceber a aposentadoria que deixa de ser associada exclusivamente à questão da invalidez, assumindo, agora, um papel de direito conquistado. Porém, mudanças diversas no mundo do trabalho geram relações conflitantes e competitivas entre as faixas etárias quando o desemprego e o subemprego atingem os jovens.

Simões (2003) verificou que, ao longo da história, surgem organizações de aposentados querendo acabar com as indiferenças que alegam sofrer: “Foi esse descaso que as novas associações de aposentados passaram a denunciar e a combater, em nome de uma ação reivindicativa ampla, unificada e autônoma em relação às distintas categorias profissionais”. (p. 16)

Para esse autor, somente após ter se organizado como uma categoria política e reivindicado seus direitos, os aposentados adquiriram visibilidade e legitimidade social. A aposentadoria é um fator determinante para a retirada do idoso da atividade produtiva. É importante que a posição do idoso no domicílio seja verificada, pois se este

²⁴ Apesar de ainda ser pequeno o valor pago pela Previdência no que tange a aposentadoria, o IBGE fez uma simulação de como seria a vida dos idosos sem o pagamento da mesma. Constatou que a pobreza triplicaria entre esse grupo etário. (IBGE 2000)

tiver que sustentar a família e se a renda familiar for baixa, certamente este não se retira do mundo do trabalho, buscando formas alternativas de obter um ganho para complementar a aposentadoria (que em sua maioria é baixa).

Simões (1997) relata que a questão da aposentadoria é um problema de “economia moral”, isto é: “(...) que remete ao consenso coletivo em torno da definição de práticas legítimas e ilegítimas, fundamentadas numa visão coerente das normas e obrigações sociais”. (p.175). A questão que se extrai, consiste em definir quem pode e deve trabalhar, gerando assim uma espécie de contrato geracional, que deve ser respeitado.

Debert (1999) afirma que as décadas de 60 e 70 podem ser definidas como um período marcante para a história da velhice, quando esta passa a ser um problema coletivo e adquire visibilidade social. Tal fato é explicado, pelo discurso gerontológico, como resultado direto do aumento demográfico do número de idosos. Porém, ainda que tal aumento seja, sem dúvida, um dado importante na história da velhice, não explica totalmente a caracterização desta como problema socialmente relevante. A autora chama esse processo de “socialização do envelhecimento” e considera a contribuição de outros fatores para a construção da velhice como problema social. A institucionalização generalizada das aposentadorias e, principalmente, as conseqüências econômicas que a ela se seguiram são consideradas elementos fundamentais para a transformação da velhice em questão coletiva. A universalização dos sistemas de aposentadoria incidiu sobre a estrutura das empresas privadas, das famílias e, sobretudo, do Estado, que passou a se responsabilizar por um contingente muito maior de indivíduos.

Na mesma linha, tratando do tema da aposentadoria, falando do modelo exercido na França, Lenoir (1996) faz uma análise do impacto gerado pela institucionalização das aposentadorias e pelo conseqüente aparecimento de agentes de gestão, na definição da velhice como categoria etária diferenciada e, posteriormente, na definição da terceira idade. No decorrer da segunda metade do século XIX, a velhice começou a ser objeto do discurso de legisladores sociais, culminando à criação de instituições específicas, como as caixas de aposentadoria para a velhice, e à especialização progressiva de determinados hospícios em asilo para velhos.

Lenoir (1996) identifica a generalização dos sistemas de aposentadoria como o fator responsável pela modificação dos regimes de cuidado da velhice na França, entre 1945 e 1960. Aparecem então novas instituições, promovendo a distinção entre aquelas especializadas na gestão da velhice e as dirigidas ao cuidado da indigência. O sistema

hospitalar, a seguridade social e a assistência passam a adotar regulamentos e serviços específicos de atenção à velhice, separando-os espacial e legalmente do cuidado destinado à miséria. Tal processo de distinção entre velhice e indigência aprofunda a autonomia da primeira, que se estabelecera até então de forma fragmentada. Por outro lado, a organização e a unificação dos discursos especializados se confundem com a aparição, por volta da década de 60, da noção de terceira idade.

A aposentadoria atualmente gera especulação no mercado de consumo. Com o aumento do público idoso, as empresas de crédito, bem como a de bens e serviços têm um novo alvo: os idosos aposentados. A mídia mostra as “facilidades” que um idoso tem de conseguir dinheiro emprestado, bem como de financiar viagens, conseguir cartões de crédito, mesmo que esse aposentado tenha uma renda mensal baixa.

Mesmo assim alguns idosos ainda afirmam que a aposentadoria é pouca:

Os filhos me ajudam, eu recebo ajuda deles, porque mesmo eu tendo aposentadoria tendo mais um trabalho ainda é pouco, é pequeno o salário, então hoje eu tenho uma grande ajuda deles, eles me ajudam são meus amigos, eles fazem o que pode, tudo que eu tenho de necessidade que falta eles sempre estão prontinhos a me ajudar. (Joaquim, 68 anos, aposentado, mas ainda em exercício, trabalha como Cerimonial e vive com uma renda mensal de R\$ 800,00)

Vemos na aposentadoria uma questão paradoxal porque mesmo que consiste na conquista de um direito, em geral não garante, em termos econômicos, uma velhice segura tranqüila e uma sobrevivência adequada. A aposentadoria, em geral apresenta um valor irrisório, e nos casos onde o idoso é responsável pelo sustento do domicílio, a renda propiciada por ela é baixa, não garantindo o próprio sustento, nem dos demais membros da família. Ainda há casos que a aposentada é mulher, não trabalhava no mercado formal, recebendo então uma aposentadoria pequena. A aposentadoria baixa obriga alguns idosos procurarem outras atividades para garantir o sustento da família, gerando uma volta ao mercado de trabalho, esta, sem condições estruturais para fazê-lo.

Quando perguntamos acerca do fato de uma entrevistada continuar trabalhando, esta responde: “Continuei trabalhando em casa, a aposentadoria é pouca não dá (Dona Marta, 65 anos, vive só, é aposentada, mas exerce função de costureira). Afirma receber eventuais ajuda dos filhos, diz que quando eles podem mandam dinheiro para que ela pague as contas da casa. Nem mesmo o dinheiro que recebe na costura completa a aposentadoria recebida. Isso nos faz problematizar a questão da aposentadoria, será que esta cumpre o papel atribuído a ela?

Dos 14 idosos entrevistados, 12 são aposentados. Porém, apenas 4 vivem exclusivamente da renda advinda da aposentadoria. Os outros 10 entrevistados afirmam que, para complementar o ganho da baixa aposentadoria, fazem bicos, desenvolvem trabalhos domésticos. Desses 10, 3 recebem pensão, 7 trabalham. Isso nos faz pontuar que mesmo aposentados, esses indivíduos exercem atividades remuneradas para complemento do ganho.

Dos 2 idosos não são aposentados, 1 homem e uma mulher, soubemos por meio das entrevistas que o homem afirma já ter dado entrada nos papéis e aguarda o desenrolar do processo, e a mulher vive com uma renda de R\$1.500,00, tem casas de aluguel e ganha pensão do ex-marido, acreditamos que ainda não viu necessidade de procurar a previdência para regularizar sua situação e ganhar o que lhe é garantido. Essa idosa nos afirma que nunca teve trabalho formal, que era apenas esposa e dona de casa. Isso indica que ela não deve ter contribuído com a previdência ao longo dos anos. Sua renda atual advém da seguinte forma:

Quando eu separei a gente dividiu os bens e eu tenho uma renda anual de um gado arrendado e eu tenho um dinheiro a juros e eu tenho um aluguel de um apartamento. Quando eu morava com a minha mãe eu tinha o aluguel dessa casa aqui. Mas agora eu morei aqui e perdi esse aluguel. Ai eu tenho essa renda mensal do dinheiro e o aluguel desse apartamento.

Com o aumento desses idosos, a Previdência Social deve repensar soluções palpáveis para garantir a este público, um envelhecimento mais digno.

Apesar dos avanços no tocante ao pagamento das aposentadorias levantado pela Secretaria da Previdência Social, no geral, nota-se percebemos que os idosos ainda consideram o valor de suas aposentadorias baixas.

A minha renda? A minha renda é pouca bem, a minha renda é pouca, do Estado eu pego trezentos e dos meus alugueis são poucos porque são poucos meus cômodos... A dessa minina mermo, ela mora ai, ela paga aluguel mas é pouco também, num é coisa com coisa não... Dá uns R\$ 480,00

Justificando a escolha do título dessa sessão, a aposentadoria nos parece um paradoxo e ainda não vemos uma explicação para a mesma. De um lado temos a aposentadoria como uma conquista, o aposentado como um ator social, a Previdência Social pronunciando habitualmente suas estatísticas, mostrando quanto e quem ela vem

beneficiando, comemorando os números. De outro, temos a questão da invalidez, associada à perda dos vínculos com o mundo formal, a estigmatização de quem passou dos 60 anos, que não mais contribui com a Previdência, apenas “mama nas tetas do governo”, sem falar no valor pago aos aposentados, que no geral não garante o sustento da família ou não é suficiente na compra dos medicamentos crônicos, em alguns casos não encontrados nos posto de saúde e nas farmácias populares²⁵.

Estudiosos e não estudiosos das questões da velhice questionam o que será do país daqui há 40 ou 50 anos, quando a população envelhecida significar altos índices de gastos nos cofres públicos federais. Isso tem gerado o crescimento dos investimentos das empresas de crédito nos público idoso, dado crescimento contínuo do grupo e o desconto direto da folha de pagamento, evitando inadimplências.

²⁵ As farmácias populares são criações recentes e prometem um medicamento com até 70% de desconto no preço. Assim como em outros segmentos da indústria e do comércio, a indústria farmacêutica nos últimos anos apresentou discrepância e grande concorrência entre os laboratórios participantes. Isso levou o governo a se movimentar criando uma farmácia com medicamentos genéricos, que não se inserem na mesma lógica da livre concorrência.

Considerações finais

O aumento quantitativo do número de idosos já é fato. A presença deste segmento cada vez em maior escala nos lugares públicos como ruas, bancos, praças, supermercados, academias, igrejas, bem como a criação de instituições voltadas especificamente para eles é um fato que a cada dia assume mais “normalidade” entre a sociedade.

Este trabalho buscou apontar como a produção sociológica trata o problema do idoso na atualidade, fazendo correlações com temas relevantes das ciências sociais, como questões de gênero, família, geracionais, de sociologia urbana, da modernidade, diferenças educacionais, econômicas, enfim, buscamos mostrar como não se pode homogeneizar uma questão tão heterogênea, que é a população idosa, cada vez maior.

Verificamos que os idosos de hoje buscam preencher a falta que nem mesmo a convivência com a família ou outras pessoas de gerações mais novas preenche. Percebemos que diversos agentes da estrutura social, as mudanças na estrutura familiar e na configuração urbana, possibilita uma horizontalização de suas relações com indivíduos da mesma faixa etária. Ao fazê-lo, procuram mostrar que assim como as crianças, jovens e adultos, estabelecem um código de comportamento, se identificam em algumas demandas, locais próprios para encontros, linguagem própria, maneiras de se vestir, de discutir e vivenciar a sexualidade, além de que reivindicam políticas públicas específicas para dirimir os problemas advindos com a idade ou porque, além de idosos, sofrem por pertencerem à camada pobre da população ou a grupos étnicos discriminados.

A ação dos grupos de idosos e das instituições que lidam com pessoas nessa faixa etária, procura desenvolver formas de convivência que vão nesta direção, reforçando a segregação geracional. Reúnem-se em locais onde falam dos mesmos assuntos, possuem aproximadamente a mesma faixa etária, compartilham de algumas semelhanças no tocante à visão de mundo.

Ainda assim, há um diferenciador dessas práticas tradicionais: há uma intenção deliberada de mudança por parte das agências que se envolvem com a questão do idoso e, da parte delas e deles, uma disposição de vivenciar essa etapa da vida de maneira a acompanhar as alterações no modo de vida.

É notável a movimentação deste público, a procura por instituições e grupos que de alguma maneira os amparem, a reivindicação em prol de seus interesses, leva-nos a pensar que, de alguma maneira estão tentando lidar com as limitações e possibilidades que a vida num mundo que se transforma num ritmo intenso proporciona. Vemos também que essa estrutura passa a pensar os idosos em suas atividades cotidianas, por meio da criação de uma legislação e da formulação de políticas públicas voltadas para esse público específico, e a admissão do estatuto do idoso. Notamos que a sociedade e a vida pública incorporam em suas agendas cada dia mais esses idosos. Porém, podemos afirmar que muito ainda pode ser feito, nem todos os idosos estão informados sobre seus direitos, alguns ainda não sabem da criação de leis e de políticas que os beneficiam, como a Lei orgânica de Assistência Social, Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso.

Examinado as narrativas dos idosos entrevistados fatores como: herança rural, migração para as cidades, transformações no modelo de família, viuvez, divórcio, saída de casa por parte dos filhos, a baixa aposentadoria ou ausência da mesma, a solidão, e até mesmo o fato de não querer ficar parado, sozinho, sentindo-se inútil, sem renda ou querendo ter uma vida mais digna, geram uma movimentação na vida dos idosos. Notamos a volta para o mercado de trabalho, a permanência no mesmo, e a informalidade entre esse público, visto que muitos não acompanham as mudanças que o mercado de trabalho demanda, preparação acadêmica, especialização, língua estrangeira, enfim, não há como concorrer de maneira igualitária com pessoas de outras faixas etárias, além das limitações físicas que o corpo mais envelhecido possui, selecionando apenas alguns postos de trabalhos para os idosos. Assim sendo, nota-se que os idosos muitas vezes vêm-se obrigados a submeter-se a empregos informais, sem garantias trabalhistas.

Percebemos também dentro deste cenário, uma disposição por parte dos próprios idosos para continuar trabalhando, mesmo alcançando aposentadoria.

Sobre o mundo do trabalho notamos que este sofre várias alterações. Há um crescimento continuado do trabalho feminino, bem como uma tendência de manutenção do nível elevado de atividades produtivas até idades mais avançadas. A partir de um estudo realizado pelo IPEA, verificamos um aumento nas taxas de atividade das mulheres em idades intermediárias e mais elevadas, enquanto nas mais jovens, há uma estabilidade, observando-se um progressivo amadurecimento da mão de obra feminina ocupada.

Todas essas características foram obtidas a partir das memórias desses idosos, que relataram as mudanças que eles mesmos perceberam nas relações de gênero, do mundo do trabalho, no tamanho e papel das famílias, nas novas formas de sociabilidades, nas mudanças das grandes cidades e até mesmo as do mercado de consumo, que se volta cada dia mais para esse público.

Percebemos atualmente que as famílias se reinventam a todo tempo. Não apresentam exclusivamente por um desenho nuclear, atualmente, um indivíduo morando sozinho pode ser considerado família, bem como um casal homossexual, uma mãe com filho ou filhos, ou um domicílio chefiado por mulher. Sendo assim, percebemos uma situação de transição familiar, onde o idoso deve moldar-se a mais essa mudança social e conviver cotidianamente com a mesma.

Ao problematizarmos as mudanças ocasionadas pela modernidade, notamos que, dentre todas que estão ocorrendo em nível mundial, as mais importantes são aquelas que ocorrem nos indivíduos. Temas como sexualidade, relacionamento, casamento e família são aspectos sociais que sofrem diretamente o choque das transformações em nível global, cujas expressões de tais mudanças são perceptíveis no modo como as pessoas estão se relacionando, afinal em quase todos os locais do mundo estão se desenrolando discussões sobre igualdade sexual, a regulação da sexualidade e o destino da família. Mas as mudanças dependem da organização cultural em que vive o indivíduo. Contudo, nos apoderando das idéias de Giddens (2007), verifica-se que em qualquer contexto, essas são mudanças difíceis e perturbadoras, devido à dificuldade do indivíduo em trabalhar suas questões emocionais.

A maneira de tratar as mulheres e o modo como elas agem vêm mudando consideravelmente na nossa sociedade. Por muito tempo as mulheres eram vistas como propriedade dos homens, devendo viver para a família; a homossexualidade, por muito tempo, foi entendida como uma patologia. E somente a partir dos anos 50, esse quadro começa a se modificar, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Essa nova postura feminina vai contribuir, em grande escala, para as mudanças na estrutura familiar. Todas estas mudanças são percebidas também dentre a população idosa, as mulheres idosas assumem novos papéis como a chefia do domicílio, a responsabilidade do sustento de outros membros da família, permitem-se novos relacionamentos afetivos, mesmo que não culmine em casamentos tradicionais, aprender lidar com bancos, computadores, dirigir automóveis, viajar mais, volta à escola, prática de atividades

físicas, novas sociabilidades, enfim, às suas vidas são conferidos novos sentidos, e elas mesmas informas que no tocante à liberdade isso é muito importante.

Há uma mudança no perfil dos casamentos, e este, passa a ser visto como fundamento no amor romântico e não mais como contrato econômico (considerando que nas sociedades agrícolas a mulher não tinha o direito de escolher seu marido e geralmente sua vida familiar estava submetida aos negócios do pai), parte do processo civilizador e das modificações

A vida familiar está sendo substituída pelo casal informal ou pela união informal. O casal da contemporaneidade passa a ser o cerne da família, desvinculando-se do parentesco. As relações estão fundamentadas na intimidade e na comunicação emocional, visto que, atualmente, as pessoas se preocupam com a idéia de relacionamento e não com a idéia de compromisso, como ocorria há tempos. O compromisso ainda existe, mas não é a base principal da união, contudo representa que o casal está vivendo de forma estável.

A posição das crianças também sofre alteração nesse contexto. As crianças são mais valorizadas porque são mais raras e são mais raras também porque representam mais encargos financeiros para os pais. Além disso, as decisões em ter um filho são guiadas por necessidades psicológicas e emocionais, afinal, como o casamento é um risco em que há a possibilidade de divórcio, é preciso pensar o efeito deste sobre os filhos, observando que a existência de muitas famílias sem pai aponta falhas no modo como as crianças são educadas.

Na esfera da saúde também percebemos mudanças. Aspectos como o aumento da expectativa de vida, o acesso mais facilitado ao SUS, a prática de atividades físicas, mudanças no referencial de morte dos idosos, conquistas como a Política Nacional de Saúde do Idoso, deram a este segmento, maior visibilidade, conseqüentemente o investimentos na área da saúde permite melhores condições de envelhecer e maior tempo de vida.

É possível afirmar que atualmente se desenvolve um tipo de envelhecer específico da modernidade, onde os idosos possuem muitas características que antes não possuía como a busca de novas formas de sociabilidades fora do âmbito da família, algumas famílias são formadas exclusivamente por um indivíduo idoso, em alguns casos é a mulher que chefia esse domicílio, tendo que assumir novas responsabilidades, que antes não lhes cabia, outras tomam conta dos netos, ajudam financeiramente. Há um grupo que realiza viagens, promovem encontros semanalmente para atividades físicas,

lúdicas, manuais, enfim, há uma movimentação por parte desses idosos nas maneiras de agir.

O trabalho de campo foi importante para confrontar com a teoria estudada, consistiu uma experiência fundamental, juntamente com a técnica da história de vida, oportunizando uma visão agora detalhada, com os pormenores, as lágrimas, as expressões do rosto, as gargalhadas, o olhar de desconfiança, datas, fatos, memórias, ausências, perdas, lutos, semelhanças, diferenças, detalhes “reais” do cotidiano e do passado de indivíduos que pareciam ser “objetos”. Objetos no mesmo sentido da química, da física e matemática. Inanimados. Os dados, antes vistos nas tabelas, nas pirâmides, nos gráficos, nas estatísticas, agora tomaram corpo, tinham voz, e dessa relação com o objeto, deveria permanecer a imparcialidade da pesquisadora. Ouvir e não falar, falar e não influenciar, perguntar sem tendenciar, um exercício complicado quando se trata de seres humanos, mas que deve ser seguido quando se está a serviço da ciência.

Falar em conclusão de um processo que parece ainda em fase de desenvolvimento, seria arriscado e precoce, entretanto, todas estas mudanças na composição populacional, permite inferir algumas constatações e projeções sobre a população brasileira. Temos indivíduos se aposentando aos 60 anos e iniciando um novo ciclo de trabalho por mais 30 ou 40 anos. Na esfera da educação temos formação profissional e cursos universitários especificamente para cidadãos de mais de 60 anos. A razão mulheres/homens é provavelmente ainda maior, e a proporção de mulheres viúvas e vivendo a sós aumenta cotidianamente, com conseqüências ainda pouco avaliadas. Os novos medicamentos poderão dominar muitas doenças, e outra grande mudança, em parte decorrente dos avanços farmacêuticos, ocorre na esfera da sexualidade, com a introdução de medicamentos que permitirão uma vida sexual ativa substancialmente ampliada. É possível que tenhamos, em breve, famílias com cinco gerações, algumas delas às voltas com o desemprego, dado processo de globalização, cabendo aos mais idosos o papel de sustentáculo, por contarem com aposentadoria e terem conseguido reinserção no mercado de trabalho.

Este trabalho não esgota uma discussão tão complexa quanto às questões das mudanças ocorridas na modernidade, na esfera global e local, culminando transformações em estruturas diversas da população. Buscou-se trazer informações que possam somar na discussão, relatando o caso específico da cidade de Goiânia. Uma pesquisa mais aprofundada poderá ser realizada no Doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTRA, Adriana. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas, SP: Ed Alínea, 2004.

ALMEIDA, A. **Maternidade: um destino inevitável**. E.P.U. São Paulo, 1987

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. LTC - Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1981.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org). **Família e Envelhecimento**. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2004.

BENINCÁ, C.R.S. & GOMES, W. B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. In: **Fenomenologia e pesquisa em psicologia**. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 1998.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERCOVICH, A e MADEIRA, F. **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu, 1990.

BERQUÓ, Elza e BAENINGER, Rosana. **Os idosos no Brasil: Considerações demográficas**. Texto NEPO 37, Campinas, Outubro, 2000.

BERQUÓ, E. Pirâmide da solidão. In: **Anais do quinto encontro nacional de estudos populacionais**. Águas de São Pedro: ABEP, 1998

BOSI, Eclea. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. T.A. Editor, São Paulo, 1994.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Lex: Boletim Secretaria de Cidadania, Governo de Goiás, dez. 2004.

BRASIL. Portaria do Gabinete do Ministro de Estado da Saúde de nº 1395, de 9 de dezembro de 1999, que aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, nº 237-E, pp. 20-24, 13 dez., seção 1.

BRASILIA- DF. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social**, 2004.

BRASILIA- DF. **Lei orgânica da Assistência Social - Loas**. MPAS, Secretaria de Estado de Assistência Social, 1999.

CARVALHO, José Alberto Magno de, **Introdução a alguns conceitos e medidas em demografia**. 2 ed.ver. São Paulo: ABEP,1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma Geografia da Cidade – Elementos da produção do espaço urbano. In: Cavalcanti, Lana de Souza. (Org). **Geografia da Cidade**. Goiânia: Alternativa, 2001.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, E.O. (Org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

DEBERT, Guita. G. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2004.

DEBERT, Guita, G. Terceira idade e solidariedade entre gerações. In: **Políticas do corpo e o curso da vida**. DEBERT, Guita, G e DONNA, M. Goldstein (orgs). Editora Sumaré. São Paulo, 2000.

DEBERT, Guita. G. (Org). **Antropologia e Velhice**. Textos Didáticos. IFCH/UNICAMP, n. 13, 1998.

DEBERT, Guita. G. Envelhecimento e cursos da vida. In: **Revista de estudos feministas**. Vol. 5 N.1/97. IFCS/UFRJ

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev.latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104 (1-16), abril 1998.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e Morrer”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ESTEVES, O. Velhice e Envelhecimento. *In Revista de Serviço Social e Sociedade*. Ano XXIV Cortez, 2003.

FALEIROS, Vicente de Paula. LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz**. Brasília: Editora Universa, 2006.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e formatação. Explicitação das normas da ABNT**. – 14 ed. – Porto Alegre: s.n., 2006.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993

GIDDENS, Anthony. **Política, Sociologia e Teoria Social**. São Paulo: UNESP, 1998.

GIDDENS, Anthony. TURNER, Jonathan. **Teoria Social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDANI, Ana Maria. Mulheres e envelhecimento: Desafios para novos contratos intergeracionais de gênero. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.) **Muito além dos 60: Os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Saúde. Departamento de Vigilância à Saúde. Sistema de Informações de Mortalidade. **Perfil de Morbi-Mortalidade de Goiânia – ano 2000**. Goiânia/GO, 2001.

GOODY, J. **La Família Europea**. Barcelona: Critica, 2001

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

HAKKET, Ralph. **Fonte de dados demográficos**. ABEP, 1996.

LAVINAS, Lena. Empregabilidade no Brasil: inflexões de gênero e diferenciais femininos. **Textos para Discussão** n. 826. IPEA, Rio de Janeiro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick, LENOIR, Remi, MERILLIÉ, Dominique. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MADEIRA, F.R e RODRIGUES, E.M. Recado dos jovens: mais qualificação. In: *Jovens acontecendo na trilha das Políticas Públicas*. CNPD, 1998.

MEDEIROS, M. OSÓRIO, R, G. Mudança na composição dos arranjos domiciliares no Brasil- 1978 a 1998. **Revista Brasileira de Estudos de População** vol 17, n.1/2. jan/dez 2000.

MINAYO, Maria Cecília de S.(org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de S.(org.). **O limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993

MORAES, Myriam M. Lins de. (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2003.

MOTA, Alda Brito. Palavras e convivência- idosos, hoje. In: **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 5 N.1/97. IFCS/UFRJ

NASCIMENTO, Ana Júlia Rodrigues do. **Limites da cidadania: políticas públicas de saúde do idoso na cidade de Goiânia.** Monografia. Curso de Especialização em Políticas Públicas/UFG. Goiânia, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **O processo de modernização da sociedade e seus efeitos sobre a família contemporânea.** Anais da 18ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, 1988

OLIVEIRA, M.C.A.F e SZMRECSANYI, T (Orgs). **Dinâmica da População. Teorias Métodos e Técnicas de análise.** São Paulo. T.A Queiroz. 1980.

PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L.; ARAÚJO, Marizia F. de. **Qualidade de vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas.** Florianópolis: Ed. do autor, 1999

PÊCHEUX M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** 3a ed. Campinas (SP): Pontes; 2002.

RIOS-NETO, Eduardo L. G. **Questões emergentes na demografia brasileira.** Belo Horizonte: UFMG/ Cedeplar, 2005

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, V. 20, n. 2, p.71-99, jul/dez. 1995.

SCOTT, Parry.R. **Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil.** In: Interseções. Revista de Estudos Interdisciplinares. Programas de Pós – Graduação em Ciências Sociais – UERJ. 2001. Ano 3. Número 2.

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** FILHO, Evaristo. M. (Org). FERNANDES, Florestan. (Coord). São Paulo. Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a Vida Mental.** In: VELHO, O.G (org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SIMÕES, Júlio Assis. Solidariedade intergeracional e reforma da previdência. *In: Revista Estudos feministas*, IFCH/UFRS. Vol 5 .n.1, 1997.

SIMÕES, Júlio Assis. A maior categoria do país: O aposentado como ator político
MORAES, Myriam M. Lins de. (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2003

SOUZA, C. O “Estado da Arte” da Área de Políticas Públicas: Principais Conceitos e Tipologias. In: **XXVII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. Caxambu, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRANSCRIAR – UFSC. **Projeto Base do Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável**. Florianópolis, UFSC, 1993. Mimeo.

VILELLA, Wilza Vieira e ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In. BERQUÓ, Elza. **Sexo & vida: Panorama da saúde reprodutiva no Brasil**. Editora UNICAMP. Campinas, 2003.

WOORTMANN, E. F e WOORTMANN, K. **Monoparentalidade e chefia feminina: Conceitos, Contextos e Circunstanciais**. Apresentado no Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas, Ouro Preto-MG pela CNPD, FNUAP e ABEP, realizado em 4 de novembro de 2002.

Sites utilizados

Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em ciências sociais: ANPOCS
<http://www.anpocs.org.br/portal/content/view/29/49/> Acessos semanais

Associação Brasileira de Estudo de População: ABEP
<http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php>.

Prefeitura de Goiânia:
<http://www.goiania.go.gov.br/> Acessado em 26/06/2008

Organização Pan-Americana da Saúde: OPAS
<http://www.opas.org.br/sistema/arquivos/matriz.pdf>. Acessado em 19/03/2008

Apêndices

Apêndice 1

Roteiro de entrevista

Parte I. Caracterização socioeconômica

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Escolaridade?
4. Qual a sua ocupação atual?
5. Você é aposentado? Se sim, o que fazia antes de se aposentar
6. Com quem você mora?
7. Qual a sua situação conjugal?
8. Qual a sua religião?
9. Você é natural de onde? Já morou no interior?

Parte II. Questões gerais sobre o envelhecer.

a) Envelhecendo no mundo de hoje

1. Fale um pouco como encara envelhecer no mundo de hoje e se você vê diferenças de envelhecer na época dos seus pais. Incluindo as questões de novas tecnologias.
2. O que você fazia e o que faz atualmente para ocupar seu tempo? O que costuma fazer nos finais de semana?
3. Considera que tem momentos de lazer/diversão? Qual (quais)?
4. Fale sobre a importância que você dá à prática de atividades físicas.

b) Situação financeira

1. Agora fale como você se mantém, se é aposentado, ou se a família te oferece algum tipo de ajuda financeira.
2. Você oferece alguma ajuda financeira a algum parente? Que ajuda?

c) O papel das instituições

1. Atualmente, existem lugares específicos freqüentados apenas por indivíduos idosos: escolas, universidades, reuniões semanais nos bairros, atividades físicas, grupos de

turismo, etc. Se você participa de algum deles fale um pouco dele o que você acha desta experiência

2. Dentro do grupo que você participa, o que você acha das pessoas que lá trabalham, elas são mais novas que você? E das pessoas que freqüentam, os idosos, é bom conviver com eles?

3. Sabemos que estes grupos desenvolvem atividades como festas, bailes, e promovem muita dança. Fale sobre como é participar dessas festas. Existe alguma chance de se encontrar um companheiro (a) nesses encontros?

4. Você tem conhecimento do Estatuto do Idoso? Você já teve a oportunidade/vontade de ler esse Estatuto?

5. Você tem problemas de saúde? Como é/está seu estado geral de saúde?

d) Sociabilidade x solidão

1. Conte um pouco sobre a sua relação com outros idosos e com as pessoas de geração mais nova.

2. Fale sobre sua relação com a família. Com que freqüência você os vê? Você a visita, ou eles te visitam?

3. Você sente falta de alguma coisa?

4. Os que para você é bom e ruim no fato de envelhecer

Para finalizar, você gostaria de falar mais alguma coisa que por acaso não comentamos e você considera importante

Anexos

Anexo I

Perfil dos alunos da UNATI segundo sexo, idade, estado civil, moradia, escolaridade, trabalho, aposentadoria e situação econômica dos anos de 1992 a 2006

| Sexo (%) | Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|-----------|-----|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|-------|------|------|
| Masculino | | 14 | 12,5 | 3 | 10 | 5 | 6,5 | 5 | 10,5 | 10,3 | 8 | 8 | 10,46 | 6,25 | 5,5 | 7,4 |
| Feminino | | 86 | 87,5 | 97 | 90 | 95 | 93,5 | 95 | 89,5 | 89,7 | 92 | 92 | 89,54 | 93,75 | 92,5 | 92,6 |

| Idade (%) | Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|-------------------|-----|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Abaixo de 50 | | 31 | 13,5 | 5 | | 0 | 0 | 0 | 2 | 4,4 | 3,23 | 3,23 | * | * | * | * |
| de 51 até 55 anos | | 11 | 26 | 18 | 39 | 24 | 26,2 | 19,5 | 17 | 15 | 21,79 | 21,79 | 27,90 | 15,63 | 18,50 | 13 |
| de 56 até 60 anos | | 22 | 21,5 | 25,5 | 16 | 24 | 28,8 | 27,5 | 23,5 | 25 | 24,97 | 24,97 | 15,30 | 18,75 | 18,50 | 24 |
| de 61 até 65 anos | | 12 | 18 | 23,5 | 26 | 30 | 16,1 | 35 | 23,5 | 21 | 25,26 | 25,26 | 8,13 | 18,75 | 20,40 | 22,20 |
| de 66 até 70 anos | | 16 | 9 | 15,5 | 6 | 8 | 21,5 | 6,5 | 19 | 16,9 | 14,33 | 14,33 | 13,9 | 18,75 | 13 | 19 |
| Acima de 70 anos | | 8 | 12 | 12,5 | 13 | 14 | 7,4 | 11,5 | 15 | 17,7 | 10,42 | 10,42 | 33,72 | 35 | 16,60 | 22 |
| Não declarou | | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | 1,17 | 3,12 | * | * |

* Corresponde aos dados iguais a zero ou não disponibilizados.

| Estado civil (%) | Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|------------------|-----|------|------|-------|------|------|-------|-------|-------|------|-------|-------|-------|-------|-------|------|
| Casados | | 53 | 7 | 40,50 | 42 | 54 | 41,50 | 44,50 | 38,50 | 40 | 43,08 | 43,08 | 37,20 | 34,38 | 35,10 | 43 |
| Solteiros | | 8 | 59 | 8 | 6 | 8 | 2 | 4 | 6 | 11 | 9,87 | 9,87 | 8 | 6,25 | 7,40 | 16 |
| Viúvos | | 33 | 30 | 37 | 32 | 30 | 41,50 | 34 | 37 | 38 | 34,96 | 34,96 | 39,54 | 43,75 | 40,70 | 29 |
| Outros | | 6 | 4 | 13 | 19 | 8 | 15 | 21 | 16 | 11 | 12,09 | 12,09 | 15,26 | 12,50 | 3,70 | 7,40 |
| Não respondeu | | * | * | 1,50 | * | * | * | * | 3 | * | * | * | * | * | * | * |

| Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|---------------|------|------|-------|------|------|------|-------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Moradia (%) | | | | | | | | | | | | | | | |
| Mora sozinho | 19 | 20 | 30,50 | 19 | 14 | 20 | 19,50 | 20 | 18 | 18,03 | 18,03 | 15,12 | 18,75 | 33,30 | 29,50 |
| Com família | 78 | 80 | 69,50 | 81 | 86 | 80 | 80,50 | 80 | 82 | 81,09 | 81,09 | 80,23 | 78,13 | 63 | 63 |
| Não respondeu | 3 | * | * | * | * | * | * | * | * | 0,88 | 88 | 4,65 | 13,12 | 3,70 | 7,40 |

| Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|------------------|------|------|-------|------|------|-------|------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Escolaridade (%) | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1º grau | 23 | 41 | 43,50 | 55 | 73 | 58,10 | 43 | 54 | 26 | 46 | 46,11 | 36,04 | 47 | 13 | 46 |
| 2º grau | 63 | 43 | 40 | 39 | 22 | 29,70 | 34 | 30 | 33 | 34,11 | 34,11 | 44,18 | 31,25 | 40,70 | 28 |
| 3º grau | 14 | 16 | 16,50 | 6 | 5 | 13,20 | 4 | 15 | 9 | 12,35 | 12,35 | 16,28 | 21,87 | 18,50 | 9,20 |
| Não declarou | * | * | * | * | * | * | 2 | 1 | 5,50 | 7,54 | 7,54 | 3,49 | * | 13 | 12,90 |

| Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|-------------------|------|------|-------|------|------|-------|------|------|-------|-------|------|-------|------|------|------|
| Trabalho (%) | | | | | | | | | | | | | | | |
| Trabalha fora | 23 | 11 | 40,50 | 29 | 16 | 16,50 | 18 | 13 | 18 | 15,51 | 16 | 25,60 | 22 | * | * |
| Não trabalha fora | 77 | 89 | 59,50 | 71 | 84 | 19,50 | 82 | 87 | 78,50 | 84,49 | 84 | 74,40 | 78 | * | * |

| Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|-------------------|------|------|------|------|------|-------|------|-------|-------|-------|-------|------|-------|------|------|
| Aposentadoria (%) | | | | | | | | | | | | | | | |
| Aposentado | 44 | 46 | 41 | 22 | 54 | 53,50 | 54 | 54,25 | 57,18 | 55,13 | 55,13 | 62 | 78,13 | * | * |
| Não aposentado | 29 | 11 | 19 | 58 | 46 | 46,50 | 46 | 45,50 | 41 | 44,87 | 44,87 | 38 | 2,87 | * | * |
| Não declarou | * | * | * | * | * | * | * | * | 2,25 | * | * | * | * | * | * |

| Situação econômica (%) \ Ano | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|------------------------------|------|-------|------|------|------|-------|-------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Menos de um salário | 4 | 3 | 11 | 23 | 24 | 8,25 | 15 | 13 | * | 21,31 | 21,38 | 1,16 | * | * | * |
| 1 salário | 8 | 4 | 25 | 16 | 19 | 24,40 | 18 | 22 | 25 | 27 | 27 | 29,07 | 6 | 14,80 | 9 |
| 2 salários | 11 | 11,50 | 14 | 16 | 24 | 16,10 | 5,50 | 9 | 9 | 16 | 16 | 11,62 | 22 | 16,60 | 33 |
| 3 salários | 9 | 5,50 | 8 | 0 | 11 | 3,50 | 11,50 | 14 | 15 | 10,24 | 10,24 | 13,65 | 6,25 | 16,60 | 9,20 |
| 4 salários | 2 | 13 | 5 | 13 | 5 | 7 | 14 | 11 | 8 | 7,22 | 7,22 | 7 | 37,51 | 13 | 7,40 |
| 5 salários | 17 | 11 | 2 | 3 | 5 | 6,50 | 0 | 4 | 17 | * | * | * | * | * | * |
| 5 a 10 salários | 32 | 35 | 14 | 0 | 8 | 57,50 | 28 | 22 | 18 | 18,16 | 18,16 | 23,25 | 37,51 | 33,30 | 22,20 |
| Mais de 10 salários | 17 | 12 | 14 | 23 | 3 | | 14 | 5 | | * | * | * | * | * | * |
| Sem renda | * | * | 2 | * | * | * | * | * | 14 | * | * | 8,14 | 12,50 | 0 | 0 |
| Não respondeu | * | 5,50 | 5 | 6 | * | * | * | * | * | * | * | 5,81 | 6,25 | 5,50 | 18,5 |

Fonte: UNATI / Pesquisa Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia (2007/08).

Anexo 2

Parecer consubstanciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás que aprova a realização da pesquisa Novos envelhecimentos: um estudo sobre as transformações e rearranjos da modernidade na cidade de Goiânia* (2007/08).



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PROTOCOLO
053/2007

Goiânia, 04 de setembro de 2007

PARECER CONSUBSTANCIADO

I. IDENTIFICAÇÃO:

Título do projeto: Envelhecer na Modernidade: Novas Formas de Sociabilidade e Conflito

Pesquisador Responsável: Ana Julia Rodrigues do Nascimento (mestrando)

Pesquisador Participante: Prof. Francisco Chagas Evangelista Rabelo (orientador)

Local de realização: FCHF – Universidade Federal de Goiás

Área Temática: Grupo III

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, após análise das adequações solicitadas, **aprovou sem restrições**, o projeto de acima referido, e o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes.

O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP/UFG, relatórios da pesquisa, encerramento, conclusão(ões) e publicação(ões).


Profª Dra Rita Goreti Amaral
Coordenadora do COEP/UFG

* A pesquisa, quando aprovada, se intitulava provisoriamente “Envelhecer na Modernidade: Novas Formas de Sociabilidades e Conflito”.